

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**  
**LINHA DE PESQUISA: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO.**  
**POPULAR E ESCOLA**

**Rebeca de Alcântara e Silva**

**A MENINA E O ERÊ NAS VIAGENS AO SER NEGRO/ SER**  
**NEGRA: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA COM EDUCADORES**  
**EM FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação Brasileira da UFC, para a  
obtenção do título de Mestre em  
Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

**Fortaleza**

**2007**

**A MENINA E O ERÊ NAS VIAGENS AO SER NEGRO/ SER  
NEGRA: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA COM EDUCADORES  
EM FORMAÇÃO**

**Rebeca de Alcântara e Silva**

Aprovada em / /

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Doutora Sandra Haidée Petit (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará.

---

Professor Doutor Jacques Gauthier  
Universidade Federal da Bahia

---

Professor Doutor Henrique Cunha Júnior  
Universidade Federal do Ceará

---

**Fortaleza**

**2007**

*Dedico essa aventura/pesquisa às  
minhas filhas: Amanda e  
Angela, por terem vindo ao meu  
encontro nesta existência, a  
Hermann, o homem que amo e  
admiro, como também a todos os  
afrodscendentes brasileiros.*

## AGRADECIMENTOS

Arrancar as raízes do chão cristalizado pelas instituições de controle e de castração exige esforço fora do comum. O ser acostumado a ver apenas com os olhos instituídos necessita “cegá-los”. Uma vez cego, é deixar o corpo viver em caos e desequilíbrio a potência dos acontecimentos que vierem.

Nessa aventura/pesquisa tive o privilégio de fazer muitos agenciamentos. Encontrei quem me ajudasse no arrancar das raízes, no cegar dos olhos instituídos e no desequilibrar caótico para finalmente dar vida a Zica e Macu.

Portanto agradeço à Angela e à Amanda, as pessoas mais importantes da minha vida, filhas amadas, por terem suportado meu mau humor à frente do computador, pelas horas que deixamos de estar juntas nos passeios, na frente da TV comendo pipoca e pela minha ausência nos dramas de sua adolescência.

Ao Dr.Hermann Redies, por ter sido em todas as etapas, um companheiro maravilhoso, pela contribuição financeira indispensável à complementação da bolsa de pesquisa e especialmente pelo exemplo do intelectual que é, brilhante e simples.

Aos meus dois gurus, professor Cunha Júnior e professor Gauthier pela influência intelectual, bem como pela presença na qualificação e na defesa.

À minha “alma gêmea” Lindyr Saldanha, professora da UFC, o ser humano mais completo que conheço, a quem chamo amorosamente de Ferreira.

À Sandra, a professora negra que encontrei um dia nos corredores da FACED e que não mais à deixei em paz. Pessoa íntegra, mulher, intelectual, orientadora e sobretudo amiga presente.

A todos os amigos sociopoetas que como eu, permitimo-nos trafegar nas trilhas movediças e cheias de surpresas da sociopoética, estes que me aquietaram, ajudando-me nas circunstâncias cruciais.

À amiga Cláudia Robéria, co-facilitadora do percurso, pela inestimável, sensível e inteligente ajuda que me deu.

À Fernanda, uma amiga fantástica, que tanto me ajudou e orientou na revisão do texto final.

Aos amigos da Escola Pública Marista Sagrado Coração, na qual trabalho, pela compreensão nos momentos de crise. Amigos que tanto me ouviram falar do ser negro incessantemente, emaranhada pelas teias afetivas da sociopoética.

À minha mãe, meus irmãos/as, avó, tias, primos/as que tanto se orgulham da “preta que gosta de estudar”, como costumam afirmar.

A meu pai de santo Aloísio de Xangô que fez nascer meu Orixá e zela por ele continuamente, como também a todos meus irmãos da roça de candomblé.

Aos meus alunos/as, a quem considero meus educadores/as. Com eles/as aprendo todos os dias elementos fundamentais para respeitar, amar, trocar, compartilhar e acreditar na humanidade.

À Elane Carneiro de Albuquerque, amiga das horas certas e incertas e companheira inseparável da militância no Instituto Negra.

Às amigas do INEGRA pelo aprendizado, enquanto militante do movimento negro e feminista,

Aos estudantes universitários que fizeram parte da pesquisa como grupo co-pesquisador pela construção coletiva do conceito de ser negro.

Por último agradeço a todos os Orixás, pois em situações críticas, faltando-me paciência, tempo, ou capacidade de raciocínio, dirigia-me à roça, e no ato/ritual do banho de axé, pedia constantemente discernimento e sensibilidade para realização desse trabalho, no que era atendida de imediato.

Axé meus orixás!

## RESUMO

Este trabalho é um estudo sociopoético que tem como tema gerador o que é ser negro/ser negra? Intenta-se saber que *confetos* (conceitos perpassados de afetos) estudantes universitários, futuros educadores tecem sobre a questão quando convidados por linguagens que instigam o imaginário, como é o caso da pesquisa sociopoética. Para tanto, foram realizadas duas oficinas de produção de dados buscando aguçar os sentidos dos corpos do grupo pesquisador uma vez que são fontes de conhecimento. A primeira teve como metáfora uma viagem ao lugar do ser negro. A segunda, a metamorfose do grupo pesquisador em bicho do ser negro. A análise dos dados foi confrontada com autores que versam sobre o tema em questão, assim como alguns conceitos caros à esquizoanálise, notadamente: rizoma, devir e multiplicidade. Na tentativa de ir além da escrita acadêmica convencional, é adotado o conto enquanto estilo literário. A menina interiorana negra deseja descobrir quem é o ser negro/ser negra, e viaja com Macu, um erê de verdade, nas trilhas desta aventura/pesquisa. Ao longo das muitas viagens que fazem com ajuda da sociopoética encontram muitos outros aventureiros desejosos de respostas sobre a pergunta que não cala em seus seres: quem é o ser negro/a?

## ABSTRACT

Is this work a study sociopoético that has as generating theme the one what is to be black man / to be black woman? It is attempted to know that confetos (concepts through of affections) academical students, educating futures weave on the subject when invited by languages that urge the imaginary, as it is the case of the research sociopoética. For so much, two workshops of production of data were accomplished looking for to sharpen the senses of the bodies of the searching group once they are knowledge sources. The first had with metaphor a trip to the black being's place. Second, the metamorphosis of the searching group in the black being's bug. The analysis of the data was confronted with authors that turn on the theme in subject, as well as some concepts to the esquizoanálise, especially: rhizome, devir and multiplicity. In the attempt to go besides the conventional academic writing, the story is adopted while literary. The girl black from the country wants to discover who is being black man / to be black woman and she travels with Macu, a truth erê in the trails of this adventure / research. Along of trips that do with help of the sociopoética they find many other desirous adventurers of answers about the question that doesn't silence in their beings; who is being black man / black woman?

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

### PARTE I – Um encontro intempestivo – a menina e o erê

4

1. Do território escola a desterritorialização Macu 4

### PARTE II – A menina e a realidade sócio-política do negro/a

11

2. Zica e a pesquisadora oficial 11

3. Negros/as e desigualdades no Brasil 12

4. O estigma da cor negra 16

### PARTE III – Referencial teórico-metodológico: **A sociopoética como ferramenta de viagem**

20

5. Uma máquina de fazer confetos chega ao Ceará 20

6. As magias que encantam a sociopoética 21

7. Conhecendo o segredo das poções 23

8. Os co-pesquisadores/as do percurso do ser negro/a 25

9. As duas faces do mesmo percurso 26

### PARTE IV – Oficina de produção e análise de dados: **Tela Multiconceitual**

28

10. A viagem ao lugar do ser negro/a 28

11. Vozes e escritas da tela 31

12. Análise plástica 59

12.1. A viagem à tela multiconceitual 60

13. Comentários de bastidores sobre a tela	64
14. Comentando a análise plástica	65
15. Análise classificatória	66
16. Estudos transversais	92
16.1. Quem é o ser negro/a?	92
16.2. Viagens aos lugares do ser negro/a	98
16.3. Retratos da tela	102
16.4. Imagens da África	104

PARTE V – Oficina de produção e análise de dados:

<b>O bicho do ser negro/a</b>	107
17. O processo de transformação	107
18. As vozes que falam em ser bicho negro- relatos	110
19. Análise plástica	120
19.1 Confabulando com a bicharada do ser negro/a que habita a Serra do Céu	120
20. Análise classificatória	126
21. Confetos do bicho do ser negro/a	144
22. Estudo transversal	149
22.1. Conversando com oxóssi sobre o ser negro/a à sombra do baobá	149

PARTE VI – **Contra-análise** 161

23. O bicho vai à Prainha do Canto-Verde – Beberibe-Ce	161
24. A tela multiconceitual volta à FACED	165

PARTE VII Ritual **filosofal**

169	
25. O ser negro/a no mundo caosmico da esquizoanálise	169

**PARTE VIII – Considerações finais**

191

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

194

## INTRODUÇÃO

*“A captura não é pacífica. Não é uma síntese. É a criação, difícil, de “outra coisa”, onde estão conectados corpos, idéias, energias habitualmente soltas”. “É a criação de novas intensidades, que geram novos conceitos” (Gauthier, 1999: 15).*

Você já se perguntou o que é ser negro/a?<sup>1</sup> Eu já, muitas vezes. Durante bastante tempo as respostas oscilaram geralmente entre dois extremos: bom/ruim; bonito/feio; fracassado/bem sucedido; forte/fraco; bárbaro/civilizado, etc. Meus conceitos não passavam disso. Observava o ser negro do longe, não parava para tocar, cheirar, ouvir... Sentir do perto. Acho que as luzes da cultura ocidental ofuscavam minha percepção. Nem mesmo minha própria negrura escapava à regra. Ela passava silenciosa em mim, sem arriscar um oi. Preferiu, sabiamente, esperar o momento certo para manifestar-se.

O tempo foi passando e o lugar de onde eu perguntava-me sobre o ser negro foi ficando estéril de respostas. Quanto maior o calar, maior minha inquietação. Bati palmas em toda a vizinhança desesperada, mas ninguém conseguia me dar outros conceitos senão aqueles que eu já colecionara.

A curiosidade foi ficando gigantesca. Veio a certeza da infertilidade do lugar de onde eu indagava. Entendi que era preciso migrar, sair do alcance de tanta iluminação e clareza. Cortei as asas do animal que observa superficialmente do longe e arranquei as raízes ordenadas das instituições de controle e de castração. Pronto! Era só aventurar-se. Levei na bagagem pouca coisa e uma primeira parceria, minha própria negrura. Havia chegado o momento certo. Ela criou coragem. Hoje somos amigas inseparáveis.

Foram dois rápidos anos durante os quais descobri outros viajantes. Primeiro um grupo de estudantes universitários futuros educadores. Depois uma menina negra do sertão que aparecia e desaparecia através de encantamentos, Zica é o nome dela. Macu, um erê de verdade. Esse era um molecote pretinho e muito matreiro.

Inúmeros eram meus questionamentos, contudo foram reunidos. Nossas viagens então foram permeadas pelas seguintes indagações:

---

<sup>1</sup> Tema gerador que orientou a pesquisa.

O que é ser negro/ser negra na imaginação<sup>2</sup> de estudantes universitários/universitárias, futuros educadores/educadoras? Ser negro/ser negra, na imaginação desses atores sociais está só relacionado à cor da pele, ou não? Na universidade, os confetos<sup>3</sup> produzidos acerca do negro/negra possuem conotações negativas, ou não?

Asas cortadas e raízes deslocadas saímos a nos aventurar. A primeira experiência foi uma viagem de balão. Um enorme balão colorido rasgou o céu e nos remeteu a vários lugares do ser negro/a.

Depois descobrimos uma mata fresca. Enfrentamos nossos medos, fechamos os olhos e nos entregamos aos seus mistérios. Em certa altura percebemos que nossos corpos não dariam conta de vencer os obstáculos que se colocavam a frente. A nossa natureza se encarregou do resto. Todos passamos por uma radical mutação. Tornamo-nos bichos do ser negro/a. Os mais inusitados. Foi uma experiência animal.

Seguimos viagem. Mesmo transformados sentíamos necessidade de prosseguir. Á frente uma cidade universitária. Um grupo de intelectuais realizava vivências sobre o que estávamos nos questionando. Paramos e participamos.

Não satisfeitos resolvemos acampar no mundo esquizoanalítico, *o caosmos* para fazer um ritual filosófico sobre nossas viagens ao ser negro/a e sobre as respostas que adquirimos às nossas indagações. Nesse lugar, fizemos muitos outros agenciamentos interessantes e por fim, concluímos nossa aventura de uma forma jamais imaginada. Completamente *rizomática*.

Caso queira saber mais sobre nossas aventuras, penso que seja importante prosseguir seguindo um roteiro antes de continuar:

A primeira parte chamo de: **Um encontro intempestivo – a menina e o erê**. Você irá conhecer Zica e Macu, dois dos viajantes. Para não restar nenhuma dúvida, deixo logo dito que você lerá um conto sociopoético. Isso mesmo. Escolhi escrever esse trabalho a partir desse estilo, o conto.

**A menina e a realidade sócio-política do negro/a** é a segunda parte. Ela trata de aproximá-lo/a, caro leitor/a, de minhas motivações acerca da temática do ser negro/a, bem como trazer alguns elementos sobre as desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Por

---

<sup>2</sup> Para Gauthier (1999:53) falar de imaginação é apontar para a força instituinte, o que Cornelius Castoriadis denomina de *imaginário radical*, energia plástica, livre, criadora de formas sociais inesperadas, da sociedade em si, ou das relações micro-sociais; energia capaz de criar micro-poderes libertadores.

<sup>3</sup> De acordo com o filósofo e pedagogo Jacques Gauthier, o fundador da Sociopoética, *confetos* são conceitos perpassados de afetos produzidos na realização das oficinas sociopoéticas, utilizando-se dos cinco sentidos.

fim alguns estigmas que acabaram por inferiorizar o ser negro/a colocando-o/a em desvantagem em relação ao ser branco/a.

A parte três trata de apresentar **A sociopoética como ferramenta de viagem**. O suporte teórico-metodológico da aventura/pesquisa. Você ficará sabendo quem idealizou a sociopoética, como a mesma chegou ao Ceará, bem como suas aproximações teóricas. Em seguida revelo o uso das ferramentas desse método. Por fim alguns outros aventureiros/as integram nosso grupo, o público alvo da pesquisa e os professores/as colaboradores/as de um curso de formação sobre o ser negro/a.

A parte quatro descreve toda nossa viagem ao lugar do ser negro/a. Aqui estão os conceitos do grupo pesquisador a partir da técnica **Tela multiconceitual**.

O próximo investimento foi à oficina sociopoética **O bicho do ser negro/a**. Essa é a parte cinco da pesquisa. A partir da metáfora do bicho o grupo pesquisador construiu outros conceitos sobre o ser negro/a.

A seguir a pesquisadora oficial e grupo-pesquisador realizaram a **Contra-análise** dessa aventura/pesquisa. As análises são apresentadas para um diálogo democrático com o público-alvo.

**Ritual filosfal – O ser negro/a no mundo *caosmico* da esquizoanálise**. A parte sete da nossa aventura/pesquisa se remete a um encontro intempestivo. Alguns bons amigos, talvez conhecidos/as do/a leitor/a, reúnem-se no mundo *caosmico* para filosofar sobre todas as viagens realizadas ao ser negro/a.

Por fim minhas **considerações finais**. Sobre elas não darei sequer uma pista.

Ops! Espera! Antes de prosseguir, procure livrar-se das tais asas e da segurança das raízes.

PARTE I  
UM ENCONTRO INTEMPESTIVO - A MENINA E O ERÊ

**1. Do território escola à desterritorialização Macu**

Esta é a história de Zica, eu mesma. Esta é a minha história. Ela se passou quando eu ainda era uma menina-moça e nem sei ao menos qual era a minha idade. Provavelmente 10 ou 11 anos. O certo é que aconteceu de verdade.

Sou do menina do interior do Ceará, acostumada a subir em pé de árvore para comer fruta fresquinha, pular de corda, puxar água de poço, fugir de cobra e principalmente tomar banho de rio. Ainda posso sentir a sensação maravilhosa que era poder nadar nas águas do meu rio. Geralmente quando estava muito feliz ou muito raivosa refugiava-me no rio Melancias. Lá tinha o meu cantinho secreto, uma grande pedra cinzenta à margem esquerda.

Como a maioria dos rios do Nordeste este não era perene. Mas, no fundo eu não me importava, aquele era meu refúgio estivesse seco ou cheio. Ele possuía vasta vegetação nas duas margens: muitos cajueiros, juazeiros, trepadeiras, aroeiras, barrigudos, além da minha pedra, que via-se abrigada do sol pelo mais frondoso de todos os cajueiros da região e dava pequenos cajus amarelinhos. Na época da safra eu costumava subir nele, comer muitos cajus e depois dar um belo mergulho, digno de atletas profissionais. Aquele rio era a minha piscina olímpica.

Bem, foi diante desse magnífico cenário que ocorreu algo surpreendente.

Era cedo da manhã. Como todos os dias meus sete irmãos e eu ajudávamos nossa mãe na lida da casa: enchíamos os potes, varriamos os terreiros, pegávamos lenha no mato e só após as obrigações, podíamos fazer nossa caminhada pela trilha da mata até chegar à escola da comunidade. Ao chegarmos, a mesma rotina: todos para o pátio rezar e saber das novidades da escola. Depois de rezarmos o pai nosso, a diretora veio nos dar um informe:

— Bom dia meninas! Estamos iniciando o mês de Maria, mãe de Jesus Cristo. A partir de hoje rezaremos Ave Maria todos os dias, ao final das aulas, durante o mês de maio. Outra coisa: cada professora irá escolher uma criança para ser anjo do altar da coroação de nossa senhora. Passaremos duas semanas ensaiando e na última semana do mês faremos a coroação.

Dito isso nos dirigimos à sala. Como também de costume, Jonas, o menino mais chato do mundo, que eu tive a sorte de ganhar como vizinho na fila de cadeiras da sala de aula, até o fim do ano, começou o dia implicando comigo.

— Eita! cabelo de nêga num molha não né Zica? Tu faz três dias que num toma banho? Tá com o cabelo enxutinho!

Eu tinha muito vergonha de ter o cabelo ruim, principalmente porque sempre estava em evidência na sala de aula pelo Jonas e pelos outros chatos da escola. Muitas vezes fingia nem ouvir até eles se cansarem de rir às minhas custas. Outras vezes, fazia algumas travessuras vingativas, tipo pregar chiclete na cadeira do Jonas, colocar o pé para ele cair quando brincávamos de pega-pega etc. Até aí tudo bem, meu cabelo duro parecia ser apenas um motivo de arenga entre crianças. Mas nesse dia da escolha do anjo a coisa ficou mais séria. Depois de fazer a chamada, tia Quitéria fez a correção de nossas tarefas de matemática casa, escreveu na lousa o novo conteúdo. Era sobre o sistema solar, astros, estrelas e assuntos relacionados. Em seguida pediu para que guardássemos todo o material escolar e disse:

— Bem crianças, antes da hora da merenda vamos logo escolher o anjo. Pode ser um menino ou uma menina. Quem gostaria de concorrer ao papel de anjo?

Nesse instante, dez crianças levantaram suas mãos falando bem alto, como toda criança adora fazer:

— Eu professora! — Deixa eu tia! — Eu, por favor, titia! — Eu quero, eu! — Eu!

— Foi aquela barulheira incontrolável. Tia Quitéria estava enfurecida e muito incomodada com tamanha confusão e pediu também em voz alta:

— Silêncio pessoal! Vamos fazer o seguinte: criar alguns critérios, certo! Primeiramente, quem pode vir aos ensaios todos os dias às 16:00 horas?

Duas crianças baixaram as mãos.

— Agora, quem está com boas notas? — Indagou a professora. E então mais quatro crianças baixaram as mãos, entre elas o Jonas. Eu adorei! Pois eu mesma era uma das quatro finalistas. Aproveitei que ainda estava viva na concorrência e dei língua para o Jonas. E ele não ficar por baixo, me xingou de bicha véia feia.

— E agora, mais um critério: crianças com boa aparência, que pareçam mais com anjos.

Além de mim, permaneciam com os braços levantados a Ana Maria (cabelos pretos lisos, jeitinho de índia, pequena e gordinha), Marcos Paulo (magro, esticado, cabelos e olhos castanho claros), Mariana (pele clara e rosada, olhos verdes, cabelos cacheados e claros

quase loiros, boca vermelha, nem magra nem gorda) e finalmente eu ( Cabelo pixaim, pele escura, olhos grandes, vivos e negros, nariz em forma de pimentão, dentes grandes e brancos e sorriso largo). Todos os alunos apontaram para Mariana e gritaram: — É a Mariana! É a Mariana! ...

A professora mais uma vez pediu silêncio. Quando a turma estava mais tranqüila foi dada a minha sentença. Comentou nossa professora:

— Eu concordo com a turma. Acho que quem melhor vai representar um anjo é a Mariana. Os outros três ficam escalados para a próxima oportunidade.

Eu não agüentei aquela decisão e protestei:

— Professora, todas às vezes que eu peço para participar de alguma coisa, ou a senhora me coloca em uma das posições bem atrás dos meus colegas, como se quisesse me esconder, ou diz que da próxima vez eu participarei; essa outra vez nunca chega. Só quem pode ter papel de destaque é a Mariana, tia!

O Jonas, estava caindo da cadeira de tanto rir. E com o dedo quase na minha cara, soltou essa:

— Uma nega véia feia que só, cabelo ruim, preta feito carvão quer ser anjo. Quem já se viu anjo preto! Só se fosse para representar o capeta, de rabo, e aquele garfão de espetar quem chega no inferno.

Jonas ria, e o pior é que quase todos riam também. Como se fosse uma piada sem maldades. Jonas, a pedra no meu caminho, não poderia perder a oportunidade de me insultar. Era uma forma de se vingar das vitórias que eu tive no jogo de carimbo no recreio do dia anterior e das boas notas que eu tirei em matemática para o desespero dele, que não estudava e sempre se dava mal nos testes. Para completar, minha professora parecia não se importar com os insultos que eu sofria por conta do meu cabelo, da minha pele. Penso que ela achava normal as crianças se xingarem. Podia até ser, só que eu saía sempre ferida e humilhada. Eu queria mesmo era ter o cabelo da Maria Lúcia da 3ª série. Era fino, lizinho, pouquinho, meio alourado e combinava com os olhos azuis dela. Ela sim, era a menina mais bonita da escola.

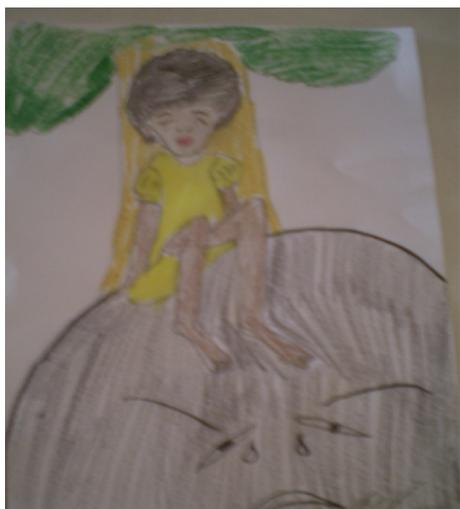
Instantes após, a professora pediu para que todos se calassem, nem mesmo chamou a atenção de Jonas e dos outros que riam muito de mim. Diante daquela situação humilhante eu não tive escolha e me atraquei com a pedra do meu caminho. Os alunos fizeram uma roda em torno de nós dois. Eu me vi envolvida por uma incrível capacidade de bater, bater, bater e bater. Jonas não tinha a menor oportunidade de sair debaixo de mim, ele só recebia

bolachas, arranhões e palavrões. Consequentemente fui suspensa por uma semana. Motivo? Indisciplina. Ficaram chocados com a minha agressividade.

Fui para casa e tive que abrir o jogo com minha mãe, que também não entendeu qual era o problema comigo:

— Eu já falei para você ficar longe de confusão Zica! Nós somos pobres, mas somos direitos. Você vive trazendo problemas para casa. Faça como os seus outros irmãos, minha filha, deixa pra lá, faça de conta que não é com você, é bem melhor assim. Já pensou se você perde a vaga no colégio.

— Esperei minha mãe terminar de falar e disse a ela que iria catar frutas para comermos e por isso demoraria. Essa era uma das soluções que encontrei para ir sem problemas para o meu esconderijo. Levantei do batente da porta da sala onde estava sentada com minha mãe e sai correndo em direção ao rio. Meu peito parecia que tinha um balão de ar cheio de choro e eu não queria deixar sair. Quanto mais eu o impedia mais ele crescia



e sufocava-me a garganta, doía tudo por dentro até finalmente explodir. Eu me deixei levar pelo choro. Era uma menina frágil que chorava sua mágoa, sua confusão, sua solidão e seus conflitos. Eu odiava admitir isso, porém naquele momento eu era isso mesmo. Cheguei ao meu cantinho em prantos. Minha pedra acolheu-me e abraçou-me com sua força e grandeza. Eu chorei muito até não ter mais forças. Era necessário pensar sobre tudo que vinha acontecendo comigo naquela escola, na igreja e em outros vários lugares que eu freqüentava na minha

comunidade. Depois de muito refletir, procurei respostas à muitas perguntas, em voz alta para ninguém, ou para mim mesma, ou para o rio... Sei lá: — Qual é o problema comigo? Por que as pessoas não gostam de mim? Ou será que não gostam é da minha aparência? Por que eu tenho sempre problemas com o meu cabelo e minha aparência? Eu sou uma nega véia feia? Um bicho? Um macaco? Eu não quero ser negra! Eu não quero ser negra! Eu não quero ser negra!

— Repetia aquela frase com muito ódio daquela condição de ser negra e por isso ter que agüentar rejeição e o olhar desconfiado das pessoas. Exausta, acabei dormindo. Algum tempo depois ouvi uma voz muito engraçada de criança dizendo-me bem perto do ouvido:

— Cor de ébano, filha da África, princesinha do reino quilombola de Zumbi, filha de oxum, linda, linda, muuuuuuito linda.

. — Meu coração disparou. Abri os olhos e o que vejo: Um menino um pouco menor do que eu, pele pretinha, bem pretinha, olhos redondos e castanhos, cabelos feito pipocas pregadas em sua cabeça, pés descalços, magro e com uma roupa esquisita, parecia uma saia de pele de animal. Sorria para mim como se me conhecesse há bastante tempo. À medida que eu olhava o rosto daquele menino, no meu coração crescia uma sensação de ternura por ele.

Perguntei: — Quem é você menino?

— Sou alguém amigo, você sente essa amizade no seu peito, eu sei. Sua angústia me chamou.

— De onde você vem?

— Venho dos seus sonhos, da sua imaginação, sou um espírito dos seus ancestrais.

Na verdade sou um erê, meu nome é Macu.

— Você deve de alguma forma saber o que aconteceu comigo.

— Sei menina Zica.

— Você também é maltratado por ser negro?

— Só quando eu deixei que me maltratassem.

— Como assim?

—Essas coisas que acontecem com você, menina, só causam essa dor toda porque você permite. Porque você está confusa e não tem noção da sua história, do que significa ser negra.

Joguei um graveto seco dentro d'água. Irritada, falei.

— Espera aí, eu sei muito bem o que é ser uma menina negra sim. Desde que eu me entendo por gente que sei perfeitamente o que é ser uma menina negra e você também deve saber tá. Quer ver? Vamos lá: É ter o cabelo ruim, é ou não é?

— Não, o meu cabelo não é ruim não senhora, dona Zica, meu cabelo é forte, resistente, me protege dos raios solares, e é muito bonito, veja as muitas formas que ele tem na minha cabeça.

Macu ficou repuxando seu cabelo de um lado para o outro para que ele criasse várias formas. A cada forma criada ele dava uma cambalhota engraçada e abria os braços na intenção de me mostrar seu visual. Bastante engraçadas as presepadas do pequeno adolescente.

— Tá bom! Tá bom então!

— Mas a nossa pele Macu... ela é escura, as pessoas olham para ela com vontade de afirmar que é suja. Acham até que eu fedo só porque sou preta. E os escravos, sempre dizem

que sou filha de escravos e que nasci para o trabalho pesado, ou que sou burra ou preguiçosa, ou feia, ou beijuda, negrinha do pajeú, ou ainda...

— Zica! Você pensa tudo isso de você é? Só essas coisas tão chatas e agressivas e tristes?

— Eu e todo mundo, meu querido. Já ouvi até dizer que acham que quem é preto não é gente, e coisa parecida. Apesar de que tenho certeza de que sou gente, que meus irmãos são gente e que somos inteligentes e tudo isso.

— Tá vendo menina! Finalmente disse alguma coisa positiva sobre si mesmo e nós também, os outros da sua etnia.

—Etnia? O que é isso?

— Etnia se diz de todos aqueles que possuem costumes parecidos, ou então que possuem ancestrais comuns, como você e eu, por exemplo. Os nossos ancestrais, ou seja, nossos parentes há muitas gerações vieram do continente africano. Temos histórias similares, entende?

— Macu, será que estou sendo cruel demais comigo mesma? Será que ser negra pode ser menos ruim do que eu acho que seja?

— Se você prometer brincar de esconde-esconde comigo aqui, entre essas árvores todas, posso levá-la a lugares incríveis. Lá você vai, com certeza, encontrar muitas pistas para pensar sobre o que é ser negra, coisa que a senhorita ainda sabe pouquíssimo, por isso se afeta tanto com comentários maldosos dos colegas.

— Prometo! Mas antes me diz como?

— Bem... Eu venho de um mundo paralelo. Algumas coisas não podem ser ditas a você, faz parte do encantamento. Mas posso garantir que os segredos que nosso povo domina é cheio de muita alquimia. É esta alquimia, vinda dos deuses, os orixás, que permite várias conexões entre seu mundo e o meu. Essa força invisível que cuidamos todos os dias é que possibilita, por exemplo, que eu esteja podendo ser visto e ouvido por você.

Sou nesse momento responsável pelo seu bem estar. Não posso vê-la sofrendo sem ajudá-la. Dessa forma algumas energias, que eu chamo de orixás, você pode até dá outro nome, resolveram providenciar o encontro de nós três.

— Nós três? Mas somos só dois Macu!

—Pois é Zica. Antes da nossa brincadeira de esconde-esconde tenho que informar que vamos formar um triângulo amigável. Você e eu iremos fazer algumas e boas viagens ao mundo da sociopoética. Conheceremos uma pesquisadora meio que diferente.

— Por que ela é diferente?

— É que esses tais sociopoetas, assim como essa pesquisadora, fazem ciência da maneira que nós erês mais gostamos, brincando, fazendo arte.

— Eu achei que ciência fosse algo feito apenas por gente grande muito séria e que há muito tempo não sabe o que é brincar feito criança.

— Aí é que você se engana, negra amiga. Há muitas formas de construir o conhecimento por esse mundo afora. E pode apostar que ciência também se faz com arte.

Macu e eu brincamos tanto entre as árvores do rio Melancias até ficarmos exaustos. Naquele instante eu estava mais calma, a oportunidade das viagens com Macu veio em boa hora. Assim eu poderia finalmente conhecer melhor sobre eu mesma e sobre minha história. Isso foi o que prometeu meu misterioso amigo Macu.

— Menina Zica. A nova integrante de nossa turma se chama Rebeca. Ela está realizando uma pesquisa sobre o que é ser negro para alguns educadores que ainda estão na universidade recebendo formação.

Dito isso o orixá tempo nos envolveu com seus mistérios e poderes.

**Macu o tempo e eu**

No alto da cabeça a razão calou

Não havia o dito, o pensado

Apenas o corpo respondia

Ontem, hoje e amanhã

O tempo confundia-me

Apenas sensações

Apenas o novo

Só o incrivelmente inusitado

E eu já não estava em lugar nenhum

E em todo lugar também

E burlamos o linear, o previsto

Macu o tempo e eu.

## PARTE II

### A MEMINA E A REALIDADE SÓCIO-POLÍTICA DO NEGRO/A

#### 2. Zica e a pesquisadora oficial

Estamos numa sala ampla. É uma universidade. As cadeiras estão arrumadas em círculo. Vinte pessoas ocupam os lugares. O ar condicionado gela o ambiente. Todos nós sentimos frio. Acomodo-me ao lado de Macu no chão bem no meio do círculo sem entender ao certo o motivo de nossa visita àquele grupo. Macu adverte:

— É um encontro de pesquisadores negros. Estão conversando sobre formas de aproximação com o mundo da pesquisa. É uma troca de experiência entre pessoas de várias áreas do conhecimento. Ficamos brincando no centro com as sementes que o erê tem num saquinho de pano amarrado na cintura por um cordão. São vários tipos de sementes. A brincadeira consiste em montar imagens engraçadas e coloridas. Depois de algumas participações Macu aponta indicando que é a vez da Rebeca falar.

— Considero importante à noção presente na Análise Institucional - um dos referenciais teóricos norteadores da presente pesquisa - de que

[..] todo projeto de pesquisa tem a marca indelével das motivações do pesquisador, declaradas ou não [...] tem uma história cuja gênese freqüentemente situa-se muito antes do próprio processo de pesquisa, tendendo a determinar algumas de suas feições e contradições ulteriores. (PETIT, 2001, p. 126).

Não virei pesquisadora de uma hora para outra, tornei-me a partir do contexto que a vida foi desenhando. Assim, o desejo de pesquisar sobre o ser negro não brotou em mim quando decidi escrever um projeto de pesquisa com essa temática, na verdade estava impregnado em mim, mesmo eu não tendo esta consciência desde a infância. Querer aproximação com o ser negro foi se construindo nas relações com os pares. Foi ganhando

corpo no agenciamento com a educação, nas dores causadas pelos preconceitos sofridos por ser negra num estado que historicamente nega sua ascendência africana; os frutíferos encontros na universidade com a pesquisa sociopoética; o debate com membros do movimento negro e em especial com minha orientadora, intelectual negra interessada na pesquisa sociopoética e sua interface com a cosmovisão africana.

Não me dei por satisfeita. Macu e eu acompanhamos a pesquisadora até sua residência. Fiquei curiosa em saber mais sobre o mundo dela. Andei vasculhando seu rosto, o emaranhado de seus cabelos, os olhos míopes atrás dos óculos. Não foi suficiente. Enquanto ela ouvia música com as filhas na sala, nós conversamos um pouco sobre ela. Indaguei:

— Que outros motivos ela tem para procurar outras maneiras de ver o negro?

— É como ela mesma disse. Esta é uma longa história. Sei que é professora desde 1997 da rede pública de ensino, mesma rede da qual já fui aluna. Como professora percebeu que a situação dos alunos e dos professores não melhorou, em relação ao seu período estudantil, no tocante ao preconceito racial.

— Nisso ela tem razão. Veja só o meu caso!

— Exatamente. Os alunos negros continuam sofrendo e tendo sua auto-estima rebaixada devido ao racismo. Enquanto isso, a grande maioria dos seus colegas professores nunca parou para refletir nem mesmo sobre seu pertencimento étnico, o que parece ser o caso da sua professora também.

— E a pesquisa do ser negro Macu?

— Em 2005 ingressou no curso de Mestrado em Educação Brasileira da UFC. Ao conquistar essa oportunidade assume a responsabilidade de se tornar uma pesquisadora apaixonada pelas questões que envolvem o negro em geral, mas em particular o negro no âmbito educacional.

### **3. Negros/as e desigualdades no Brasil**

— Menina, é fundamental se informar sobre a situação calamitosa que vive a maioria do povo negro no seu país.

Sáimos da casa de Rebeca e nos aventuramos no computador. Pela primeira vez vejo essa máquina. Não sei mexer. Tenho medo de levar choque. Na minha casa não tem nem mesmo energia elétrica. Às vezes me assusto com tantas possibilidades por todos os cantos. O mundo afinal, é maior do que meus olhos podem ver. Macu, um pingão de gente, mexe com todos os botões. As imagens da televisão somem. Um texto aparece. Macu e eu lemos:

— O Brasil possui a maior população negra fora da África. É a segunda maior população negra do mundo, só perdendo em números para a Nigéria, o país mais populoso do continente Africano. No entanto, a situação dos negros no nosso país ainda é muito grave, como revelam as estatísticas:

No Relatório de Desenvolvimento Humano realizado pela ONU em 2001:

O Brasil como um todo ficou na 65<sup>a</sup> posição. Deste modo os brancos ficaram 19 posições acima da posição brasileira no ranking do PNUD e os negros ficaram 42 posições abaixo.

Com relação ao Nordeste o IDH dos negros é de (0, 704, 107<sup>a</sup> colocação), enquanto os brancos apresentam um IDH médio de (0, 739, 93<sup>a</sup> posição), segundo dados do (PNAD/IBGE – 2001).

É possível perceber que entre negros e brancos há uma desigualdade na esfera nacional. Segundo o pesquisador Marcelo Paixão, coordenador do observatório Afro brasileiro (2003), o rendimento médio familiar per capita dos brancos em todo o Brasil foi de 2,64 salários mínimos, ao passo que o mesmo índice entre os negros foi de 1,15 salários mínimos, sendo observada uma diferença de quase 196% favorável aos brancos.

Tais índices indicam que a discriminação étnica e o preconceito racial são fenômenos recorrentes na sociedade brasileira, embora a luta incansável dos militantes do movimento negro venha colocando atualmente os temas referentes aos afrodescendentes cada vez mais na pauta da política e da mídia.

Ainda segundo PNAD/IBGE –2001, a taxa bruta de escolaridade entre os negros, em todo o país, foi de 84% frente a 89% entre os brancos. A taxa de alfabetização das pessoas maiores de 15 anos apresentou quase 10 pontos percentuais de variação positiva para o contingente branco em comparação ao negro.

O Sistema Educacional não foge à regra. Pesquisas realizadas pela PUC a partir de dados do Ministério da Educação, divulgada na Folha de São Paulo em 18/05/03, que tratam do desempenho escolar mostram que, mesmo entre alunos da mesma situação e classe social, os negros têm notas piores que os brancos. Dessa forma a população negra está prejudicada em seu desenvolvimento educacional, tendo como consequência mais imediata o fracasso escolar. Existe um verdadeiro silenciamento das práticas discriminatórias que acontecem nas

instituições educacionais, o que gera a negação da possibilidade de se enfrentar o problema, que Munanga comenta (1996:11-12):

As relações ainda estão encobertas por um racismo de fato, implícito e altamente eficaz quanto aos seus objetivos. Um racismo caracterizado por um silêncio criminoso que, além da exclusão sistemática dos negros em vários setores da vida nacional, prejudica fortemente o processo de formação da identidade coletiva da qual resultariam a conscientização e mobilização política das suas vítimas.

Na Universidade a situação não é melhor. Desde os anos 80, de acordo com Cunha (2003: 287):

A educação de nível superior foi incluída nas críticas dos movimentos negros, tida como de caráter elitista e racista. O acesso ao ensino superior é visto como o principal problema para a produção da equidade nas esferas da gestão do Estado e de estabelecimentos de políticas públicas para os afrodescendentes.

O impacto deste paradigma do acesso à formação de nível superior provoca na década de 90, o surgimento de grupos de consciência negra nas universidades e nos sindicatos de educadores. Cria-se também, fruto da mobilização dos movimentos negros, mais de dois mil cursinhos pré-vestibulares para a população negra e/ou pobre, o que propicia um olhar mais atento sobre a necessidade de se instituir ações afirmativas como as cotas para o ingresso e permanência de afrodescendentes nas universidades. Só agora, mais de 10 anos depois, o sistema de cotas está sendo discutido amplamente e adotado, ainda de forma tímida, por algumas instituições universitárias. A universidade brasileira ainda é um lugar de maioria branca. Tanto que de acordo com os números do provão de 2001 (vinculados no jornal Folha de São Paulo em 3/11/2002, sessão *Cotidiano*):

Somente 2,3% dos formandos eram negros e 15,9% pardos, e acrescenta que essa porcentagem varia de acordo com o curso. Aqueles que têm maior concorrência, como odontologia, o índice gira em torno de apenas 0,6% de negros e 8,2% de pardos. Nos cursos menos concorridos a porcentagem aumenta, mas ainda fica muito aquém da proporção da população branca. (p.C1).

O Brasil tem apenas 5,89 milhões de pessoas com nível superior completo num universo de 170 milhões. Sobre o prisma racial a situação é ainda pior. Entre os brancos 10% concluíram o nível superior, enquanto que nos grupos de pretos, pardos e indígenas o percentual cai para 2%. Para o cientista social José Luiz Petrucelli, pesquisador do IBGE, a baixa concentração de negros na universidade “não tem outra explicação a não ser racismo”. O quadro de exclusão dos afrodescendentes no acesso ao conhecimento formal e intelectual coloca o desafio à sociedade de encontrar alternativas que minimizem essa situação. É justamente a partir dessa realidade que as políticas de ação<sup>4</sup> afirmativas ganham uma perspectiva política e crescem como estratégias fundamentais promotoras da igualdade, equidade e participação social. Esta preocupação do Brasil ganhou impulso nos debates em torno da realização da III Conferência Mundial contra o racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, realizadas na África do Sul, em setembro de 2001. Na ocasião o governo Fernando Henrique Cardoso apoiou a aprovação de um programa de ações que reconhecem a escravidão e o tráfico de escravos como crimes contra a Humanidade, assim como assumiu o compromisso de estabelecer cotas para negros nas universidades. Desde 2001 algumas universidades públicas adotaram o sistema de cotas para negros, mas estas são ainda ações pontuais, logo não representam o conjunto das universidades brasileiras que ainda definem o tema polêmico e indefinido.

— Zica, estava chorando. Fiquei tocado e apertei sua mão. Ela respondeu ao afago dizendo com certo ar de revolta:

— Erê, nunca tive a intenção de fazer nem o nono ano. Meus irmãos e eu somos gente da roça e pobres. Na roça é assim. Ou ficamos ajudando na lavoura ou então nos empregamos no comércio. Mas a coisa não é culpa nossa! Não somos culpados! Vejo isso escrito no computador. Mesmo se eu quisesse seria muito difícil. Além de ser da roça sou negra e as dificuldades para o nosso povo são inumeráveis.

Não posso interferir nesse momento de politização da menina. Ela é muito danada. Mãe Oxum guarda a menina com cuidado. Ela sente a energia perto de si. Levanta a cabeça. Toma coragem. Seu semblante é de uma guerreira. Enxuga as lágrimas com as pequeninas mãos. E decora as informações da tela a sua frente.

---

<sup>4</sup> O Jurista Joaquim B. Barbosa, membro do Ministério público Federal Brasileiro, define por políticas de ação afirmativa o conjunto de “políticas públicas (e também privados) voltadas a concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Impostas ou sugeridas pelo Estado, por seus entes vinculados e até mesmo por entidades puramente privadas, elas visam combater não somente as manifestações flagrantes de discriminação de fundo cultural, estrutural, enraizada na sociedade.”(GOMES, 2001,p.6-7).

#### 4. O estigma da cor negra

Já sei a resposta, no entanto decido provocar a pequena Zica com a questão:

— Quer aprender capoeira angola comigo?

— Quero me conhecer melhor na frente desse computador, Macu. Vamos ler.

— No imaginário ocidental a idéia do negro é relacionada ao perigoso, ao mal. Oliveira analisa o mal nos mitos que influenciaram o pensamento ocidental. Segundo ele:

No pensamento ocidental a escuridão, a sombra e a cor negra assumiram representações simbólicas do mal, da desgraça, da perdição e da morte. Estes atributos negativos, presentes em muitos mitos, são associados às populações que possuem a cor negra, como um estigma, principalmente através da educação (2003:01).

Consoante Oliveira, existe nesse imaginário ocidental a figura do herói, indivíduo que enfrenta criaturas monstruosas. O herói está relacionado à cor branca, assim como o monstro, ou demônio, está relacionado ao negro, às trevas.

Esse conjunto de heranças culturais influenciou a construção da idéia do negro como um ser humano inferior. Posteriormente, no século XV, com as Grandes Descobertas, procurou-se saber se tanto os ameríndios quanto as várias etnias de negros africanos eram realmente humanos como os europeus. Alguns sustentaram a idéia de que os “povos descobertos” eram bestas, não descendentes de Adão por força do pensamento teológico-político vigente naquele período. Mesmo com o enfraquecimento de tais ideologias cristãs, e com o fortalecimento da “racionalidade universal”, construída pelos filósofos ilustrados, diversos teóricos corroboraram a construção de um pensamento que privilegiou a raça branca. Segundo Santos (2002: 10-11)

A chave de seus argumentos encontra-se na utilização do conceito de raça, transportado da zoologia e da botânica para a nascente ciência do homem em três grandes raças hierarquizadas dentro de uma escala de valores, na qual a sua própria raça ocuparia uma posição superior [...] Buffon, explicava a inferioridade dos negros africanos pela teoria do clima. Segundo ele, vivendo entre os trópicos [...] os negros não encontraram condições ideais para o desenvolvimento corporal,

moral, intelectual e estético tal como o fizeram os povos europeus, situados num clima temperado.

— Não é à toa que muita gente é racista e até agressiva com nós negros, Macu.

— Tem gente que tem tanto pavor de atitudes racistas que nem mesmo se assume negro ou negra. Aqui no seu estado, você vê: tem poucos negros e muitos morenos. Às vezes é uma saída mais fácil.

— Vamos continuar erê!

— A teoria da distinção racial baseada nas ciências biológicas surge no século XIX. Teoria sobre a qual se pauta a idéia que alguns indivíduos são forjados pela natureza para o comando e outros para a obediência, que seria então o caso da raça negra. Conforme esta visão, Santos afirma ainda a existência da idéia de que “o sangue negro deteriora o branco. O negro seria marcado pela imaginação, sensibilidade e sensualidade e o branco, pela inteligência, praticidade, ética e moral.” O branco estaria em estágio evolutivo acima do negro que se encontraria em estágio primitivo.

Zica se enche de poderes. É uma negra buscando argumentos para ser perversa com o sistema racista do seu país. Vejo em seus olhos brilhantes. Ela nunca mais vai se deixar violentar por nenhuma atitude racista. Atenta lê em voz alta:

— O conjunto de ideologias acerca do negro elaboradas na história do Ocidente impregna o Novo Mundo. Ao longo do regime de escravidão negra no Brasil, foi elaborado o estigma da cor, norteador pelas ideologias racistas de dominação da elite brasileira branca. No século XIX fica contemplada a possibilidade da imigração. Com a possível abolição, intelectuais e políticos se vêem diante do problema de o que fazer com o negro ex-escravo e futuro cidadão. Esta temática toma conta dos debates, jornais, Senado e nos demais segmentos sociais. Surge o medo de que, o povo negro, ao ser liberto, tome o país, retirando a população branca de sua condição privilegiada (AZEVEDO: 1997). Como a sociedade brasileira se constituía de uma minoria de ricos proprietários de terra, uma maioria de escravos (negros e mestiços) cativos e fugitivos e uma pequena parcela de nacionais livres (cidadãos pobres), começou-se a pensar em inúmeras formas de deter a formação de uma possível nação negra no país. Passou-se a encarar a imigração como saída honrosa para eliminar *o signo de atraso* que o negro representava e o medo da miscigenação em larga escala. O alastramento das teorias racistas só aumentou com a Abolição.

Ora, se os negros não eram inferiores, por que não progrediram como os imigrantes que chegaram aqui? Somando-se um mito após o outro, inferioridade, vagabundagem incompetência. Foi-se esboçando o perfil do homem negro como anticidadão, como marginal (Santos: 2002:119).

Nyamien (1999) afirma que autores brasileiros, tais como Oliveira Vianna, acreditavam que o imigrante europeu representava a possibilidade de purificação étnica. Apostava-se no mestiço como um tipo em evolução que, embora não chegasse a atingir a superioridade dos brancos, poderia ser utilizado em algumas profissões mais finas (1999:84). O pensamento da intelectualidade brasileira era influenciado pelas teses européias do racismo científico de um lado e pelas idéias de superioridade branca. Discursos ideológicos racistas sobre a etnia negra incorporaram-se ao imaginário social e orientaram as práticas dos cidadãos transformando-se em senso comum. Estas práticas continuam exercendo seu poder ideológico tanto entre os segmentos brancos, como entre uma grande parcela dos afrodescendentes.

No Ceará, este problema assume grandes proporções, visto existir em nosso Estado a ideologia de que não há negros. No entanto a presença negra nesse estado é um dado incontestável. As marcas culturais locais são repletas de manifestações das africanidades, tais como Maracatus, tradições orais, Candomblés, Umbandas, etc. De acordo com Barros os censos

do escravismo são mais significativos, a exemplo de 1813, onde 66% da população nas vilas do estado eram constituídos por negros e mulatos. Portanto a questão da existência negra fica de difícil contestação, o problema que se põe é a própria negação que caminha num tratado ideológico (1995:72).

Tais pensamentos racistas influenciaram profundamente o pensamento educacional brasileiro, a ponto de ser reproduzido na escola como se fosse consenso para toda a sociedade. Segundo Nyamien, são recorrentes, no cotidiano escolar, a estigmatização, preconceitos, racismos, atitudes discriminatórias por parte dos colegas e o silêncio das professoras. Os sujeitos pesquisados por ela falam que são xingados de “*nega véia feia*”, “*nêga do pajeú*”, entre outros. Muitos não gostavam de ser negros para não sofrer com os apelidos e o isolamento freqüente por parte dos colegas.

A roupa bate na pedra. O sabão espuma abundante. As mãos ágeis da minha mãe acompanham o ritmo da música que canta enquanto lava roupa na beira do meu rio. Da pedra

grande estou pensando em Rebeca. Acho que ela tem semelhança comigo. É negra como eu. Eu também seria capaz de estudar sobre o ser negro se tivesse oportunidade.

— Como estou de castigo pelo que ocorreu na escola, não posso ficar muito tempo no rio Melancias. Minha mãe acaba de lavar a sua roupa. Eu já tinha lavado a minha. Meus irmãos brincam com pedrinhas pequenas perto da mãe. Ela me chama para brincar de mergulhar com ela. Acho que esqueceu do castigo.

### PARTE III

## A SOCIOPOÉTICA COMO FERRAMENTA DE TRABALHO

### 5. Uma máquina de fazer confetos<sup>5</sup> chega ao Ceará

O caju é um companheiro nosso, gente do interior, durante o segundo semestre do ano. Quando a safra passa, todos ficam com saudade. Por esse motivo cuidamos muito bem dele.

Comer caju é uma arte, é preciso um jeitinho especial. Primeiro se deve colher a fruta do cajueiro sem que caia no chão. Na minha opinião só vale a pena se for possível subir no cajueiro para tocar os galhos, as folhas, comer caju junto com outros bichos. Uma vez lá em cima, é só tocar nas frutas, mas sem amassar para não azedar. Se ele estiver macio como bochecha está pronto para ser comido. Você puxa com força e delicadeza. Pega pela castanha e vai abocanhando. O caju vai deixando de ser apenas um fruto. Ele vai tomando conta de você, vai te transformando. Você fecha os olhos, sente a carne macia e doce entre os dentes. O suco escorre fora da boca... Hum!!!!

— Zica joga um caju aí de cima menina!

Meu amigo precisa aprender as coisas passo a passo. Por esse motivo explico toda essa maneira de agir na hora de comer caju. Ele passa por todas as etapas.

— Já lhe falei da sociopoética?

— A tal ciência que brinca com os erês como você?

— É. E como caju como você.

— É a ciência que come caju e brinca com os erês!

Eu num galho, Macu no outro. Passamos algum tempo falando sobre sociopoética.

— Na verdade Rebeca conheceu a sociopoética no momento da sua chegada à Fortaleza. Em 2000 quando contribuía como bolsista PIBIC no *grupo institucionalista de pesquisa* coordenado pela professora doutora Sandra Petit.

Nesse mesmo período, Sandra conheceu uma pessoa que mudou, e muito, o perfil do grupo o qual coordenava, o filósofo francês Jacques Gauthier, e após esse contato no

---

<sup>5</sup>De acordo com Adad e Petit no artigo “Idéias sobre confetos e o diferencial da sociopoética”, ainda não publicado: “Os conceitos criados na Sociopoética são sempre perpassados de afetos, resultado das intensidades que percorrem os corpos e da fusão entre arte e filosofia – são, portanto, um misto de emoção, razão, sensação, intuição não consciente [...] Os confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. [...] Podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente anarquizam referências prévias” (p. 5).

encontro de pesquisa Sandra tomou conhecimento do referencial teórico-metodológico que ele vinha desenvolvendo, *a sociopoética*. Como vou explicitar mais adiante, a sociopoética tem como uma de suas fundamentações teóricas a Análise Institucional (AI), o que deixou Sandra muito curiosa, já que naquele tempo, ela trabalhava com a AI. Resolveu então convidar Gauthier para ministrar um curso sobre sociopoética em Fortaleza e ele cordialmente, aceitou.

O curso na verdade foi uma pesquisa para construir conceitos sobre o tema : “ *O desejo sob o olhar sociopoético*”. Ele aconteceu no período de 30 de maio a 3 de junho de 2000 com carga horária de 20 horas como composição do seminário: “ *Sociopoética, Análise Institucional e Multireferencialidade: Encontros*”.

A sociopoética influenciou muitos participantes daquele curso. A Rebeca foi uma das que gostou bastante da forma sociopoética de comer caju, tanto que nunca mais quis comer de outro jeito.

## 6. As magias que encantam a sociopoética

— Essa ferramenta de trabalho da ciência não surgiu do nada. Gauthier é um filósofo que tem lá suas preferências teóricas. Zica, a sociopoética abre

uma nova perspectiva teórico-metodológica no campo da Educação Popular. Porque propõe um processo grupal de produção do conhecimento, em que todos os integrantes se constituem como co-pesquisadores. Porque valoriza as categorias e os saberes produzidos pelas culturas dominadas e de resistência. Porque considera o corpo como fonte de conhecimento: para além da imaginação, da intuição e da razão – explora o potencial cognitivo das sensações, da emoção e da gestualidade. Porque promove a criatividade artística no aprender, no conhecer e no pesquisar. E porque enfatiza a dimensão espiritual humana e política da construção dos saberes (FLEURI, 2001, p.7).

Vou contar um segredo.

— Conta, conta!

— A sociopoética foi encantada por magos e o próprio Gauthier é um deles.

— Essas coisas existem?

— Só se você quiser que existam!

— Fala mais sobre esses magos.

— Um deles é Paulo Freire. A sociopoética tem como uma de suas fontes inspiradoras a **Pedagogia do Oprimido** desse mago da educação. A filosofia dialógica de Freire nos diz que o papel do professor, do pesquisador, não é falar ao povo sobre sua própria visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas construir uma relação dialética entre saberes populares e acadêmicos. (1987:87). Paulo Freire lança a proposta de círculo de cultura para proporcionar a construção coletiva do conhecimento, por meio de um grupo formado por gente do povo e por pessoas especializadas no assunto a ser pesquisado, para juntos investigarem um tema gerador com vistas a elaborar o material necessário à ação educativa.

A pesquisa sociopoética utiliza o *dispositivo*<sup>6</sup> do grupo-pesquisador, em que os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas, e o público-alvo é convidado a ser co-pesquisador de um tema gerador previamente negociado juntos. Pesquisador oficial e co-pesquisadores passam então a investigar juntos, com igual poder de decisão durante todo o processo: construção dos dados, análise e socialização da investigação.

Outros dois magos simpáticos à sociopoética são Deleuze e Guattari. Um dia eles dois se conheceram e criaram uma outra maneira de fazer filosofia, a **esquizoanálise**. Nessa aproximação, a sociopoética dialoga com a crítica radical a todo pensamento homogeneizador e a tendência da sociedade *moldar* e *serializar* os sujeitos, em todas as dimensões – econômicas, sociais, midiática, sexual, tecnológica. Nessa perspectiva, um dos conceitos importantes é a noção de *devir*, já que ela é um *revelador e catalizador da heterogeneidade*, muitas vezes *encoberta por uma aparente homogeneidade* (Gauthier; 1999).

O francês René Lorau e alguns outros magos mexem com a magia da **Análise Institucional (AI)**. Dessa referência a sociopoética se aproxima do conceito de *analizador* – pessoa, acontecimento que revela traços escondidos da instituição, mostrando o não dito. A AI, não acredita na neutralidade de quem pesquisa, portanto, sugere que o pesquisador analise o lugar social de onde fala, ou seja, a forma como suas diversas pertencas sociais interferem no processo investigativo. Esse processo é conhecido como *análise das implicações*.

Finalmente, mas não menos importante René Barbier. Ele dá suporte à sociopoética com sua fundamental fonte inspiradora, a **escuta mito-poética**. “O pesquisador ou professor deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação, em cada ser. Pois estes ritmos pertencem integralmente ao processo de produção do conhecimento”

---

<sup>6</sup> O conceito dispositivo, criado por Michel Foucault, é utilizado na Sociopoética ao se referir a todo tipo de estratégia que possibilite naturalmente ou de maneira propositada algo novo, um heterogêneo. São as técnicas, consideradas dispositivos na Sociopoética, pois se espera que elas façam emergir os não ditos, as novidades, elementos não aparentes.

(Gauthier; 1999: 14). A sociopoética busca criar um clima de respeito e confiança dentro do grupo-pesquisador, sem pretender ocultar os conflitos, com o intuito de facilitar a *escuta sensível* proposta por Barbier. Outro aspecto da *escuta sensível* que inspira a sociopoética é o reconhecimento que não pesquisamos apenas com a razão, porém com o corpo todo, ou seja, *o corpo pensa*. Imprescindível para a sociopoética a noção de que não é possível separar razão, emoção, intuição e sensação. Por isso ela usa técnicas artísticas para possibilitar a construção do conhecimento através dos cinco sentidos: artes plásticas, teatro nas suas mais variadas expressões, esculturas em argila, atividades associando idéias a partir de cheiros, sons, sensações táteis, sabores. A idéia é provocar estranhamentos para produzir o novo, ou dados não aparentes, geralmente encontrados em investigações mais convencionais.

## 7. Conhecendo o segredo das poções

— Vamos colocar as coisas assim: Sociopoetizar a pesquisa é democratizá-la. É reconhecer que os corpos podem dizer mais que as mentes. Sociopoetizar a pesquisa é deixar os sentidos aflorarem e produzirem saber. É construir conhecimento comunitário e viver a autogestão em todo o processo de pesquisa. Sociopoetizar é recorrer à emoção e fazer da pesquisa um momento de prazer.

— Nossa Zica! Muito bem! É isso mesmo. Bem... Agora que você se aproximou do caldeirão mágico, sabe os principais elementos que fervilham lá dentro desse fluido que é a sociopoética, resta agora conhecer o como fazer a magia.

Cada momento com Macu representava um passo para outro lugar. Receio, porém algo me diz que não devo desistir. Macu chama minha atenção e prossegue ajudando-me a compreender essa magia.

— Exposto o que caracteriza teoricamente o método sociopoético, assim como suas principais inspirações filosóficas, será apresentado como se realiza uma pesquisa assim idealizada.

Toda pesquisa sociopoética inicia com a formação do grupo-pesquisador. Convém salientar que a postura ética do pesquisador(a) oficial com os sujeitos que integrarão o grupo-alvo da pesquisa, deve estar norteadada pela concepção de que esses sujeitos são tão pesquisadores(as) quanto o próprio pesquisador(a) oficial. Eles (as) são responsáveis pelos conceitos que emergem no processo de pesquisa. Esses sujeitos são os co-pesquisadores

O método do grupo-pesquisador é o centro vivo da sociopoética. A transformação das pessoas pesquisadas em grupo pesquisador é uma exigência ética e política fundamental. Com efeito, não podemos e não queremos de jeito nenhum reproduzir as práticas instituídas de pesquisa, em que os pesquisados são explorados como produtores dos dados da pesquisa(GAUTHIER, 1999: 41)

O segundo passo é a negociação do tema gerador com os co-pesquisadores. Esse tema pode ser uma demanda do próprio grupo ou idéia previamente formulada pelo pesquisador oficial.

Em seguida, inicia-se a produção e a análise dos dados pelo grupo de co-pesquisadores. Para realização destas duas fases geralmente é necessário um conjunto de 7 a 10 oficinas de 3 a 4 horas de trabalho. As oficinas iniciam sempre com um relaxamento no intuito, segundo Gauthier (1999:53), “de baixar o seu nível de controle consciente, a fim de que expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual”.

No relaxamento os facilitadores convidam os co-pesquisadores a passearem pela imaginação, realizando associações diversas com o tema gerador. Posteriormente estes, utilizando linguagem simbólica e a criatividade, expressam seus conceitos referentes ao tema gerador.

A produção de dados é seguida da análise pelos co-pesquisadores, com o intuito de explicitar os elementos que provocaram dúvidas no grupo. E finalmente, a última etapa da pesquisa se realiza quando os facilitadores sistematizam suas análises de todo o conteúdo produzido pelo grupo e passam a fazer o confronto com a visão dos co-pesquisadores, a contra-análise.

## **8. Os co-pesquisadores do percurso do ser negro/a**

- Macu, quem eram as pessoas do grupo pesquisador?
- Estudantes universitários, futuros educadores.
- É fácil assim chegar na universidade e reunir gente para falar sobre os negros, mesmo com tanto racismo nas mentes das pessoas?

— Não é fácil, inclusive na universidade. Rebeca e sua orientadora Sandra Petit pensaram cuidadosamente sobre esse possível problema. Resolveram transformar o que era pesquisa em percurso, ou seja, pesquisa e curso. Elaboramos um projeto de curso que abrigou dois momentos. O primeiro visando a construção dos dados da pesquisa. O segundo um curso de formação para os futuros educadores apropriarem-se da Lei 10639/ 2003. Já falamos sobre ela antes. Lembra?

— Sei. A da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas de ensino básico, sejam elas públicas ou privadas.

— O primeiro passo foi nossa pesquisadora adentrar às salas de aula da FACED e convidar os alunos, inclusive do curso de educação física, que estão inseridos e indaga-los:

- O que você sabe sobre a África?
- Você sabe sobre a lei 10639/2003?
- O que é ser negro na sua opinião?

Com relação à África todos demonstraram possuir uma visão muitíssimo estreita. Referiram-se, entre outras coisas, a um lugar perdido no mundo; lugar da AIDS; continente da fome e digno da piedade dos países mais abastados; o lugar mais miserável que um dia pôde existir.

Sobre a Lei 10639/2003 apenas dois alunos tinham alguma informação dentre mais de 20 salas de aula visitadas nos três turnos letivos. Os demais não faziam a menor idéia do assunto.

No tocante à terceira pergunta, alguns se recusaram a responder alegando surpresa e despreparo para se envolver com a questão. Outros replicaram ainda: Negro somos todos nós; não temos muitos negros aqui para apontar algum, mas acho que negro é quem tem a pele bem escura mesmo; foram os escravos, mas hoje em dia não temos mais negros puros, somos todos misturados; são as pessoas que mais sofrem com racismo na hora de conseguir um emprego.

Após receberem a informação da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, os estudantes mostraram-se muito interessados pelo assunto. Alguns até vibraram pelo fato do governo brasileiro está desenvolvendo leis para formalizar a entrada obrigatória de temáticas voltadas para as questões da população negra nas escolas.

O curso integrado à pesquisa de campo, pensou Rebeca, é uma necessidade urgente dada à desinformação e a vontade de saber sobre a temática por parte da maioria destes universitários .

A notícia do percurso teve ampla divulgação. Nosso grupo-pesquisador aconteceu com 33 co-pesquisadores, inclusive dois alunos do curso de ciências sociais da UECE, uma funcionária da UFC e uma militante do movimento negro.

O referido projeto de curso de extensão apresentava as seguintes características:

### **9. As duas faces do mesmo percurso**

— Mas como aconteceu? Ficou tudo junto, ou pesquisa foi uma coisa e curso outra?

— A segunda opção. Primeiro aconteceu a pesquisa estruturada da seguinte maneira:

Quatro oficinas de produção de dados, sendo que duas delas não foram contempladas na escrita final da pesquisa.

— Por que?

— Digamos assim: os elementos misturados no caldeirão para a construção coletiva de duas dessas técnicas não foram suficientes. As outras duas são duas surpresas. Você vai vivenciar para saber do que se trata.

— E o curso?

— Aí foi feitiço para todos os lados. Era encantamento pra cá, encantamento pra lá. Os co-pesquisadores primeiro produziram conceitos sobre o ser negro, como eu já expliquei. Depois receberam o curso de formação acerca do ser negro. Todo o percurso teve duração de 60 horas com certificação pela Pró-Reitoria de Extensão da UFC. A parte do curso brevemente será disponibilizada em CD em escolas e demais instituições interessadas.

— Quanto aos professores formadores do curso?

— Professores e militantes do movimento negro gentilmente se disponibilizaram nesse momento do percurso. Veja quem são eles/elas e suas contribuições:

1. Doutor Eduardo David de Oliveira - “**Literatura e cosmovisão africana no Brasil**”.
2. Doutora Sandra H. Petit – “**Sociopoética - um método de pesquisa e ensino-aprendizagem**”.
3. Professor Linconly de Xangô – “**Conversas sobre candomblé**”. Realizada num terreiro da cidade de Fortaleza. .
4. Doutor Henrique Cunha Júnior - “**Tecnologia e cultura africana na formação histórica do Brasil**”.
5. Doutor Eurípides Funes - “**O negro no Ceará – algumas contribuições da histórica**”.
6. Doutora Fátima Vasconcelos e professora (aluna do curso de Mestrado em Educação Brasileira da UFC) Marcelle Arruda Cabral - Apresentação da pesquisa “**A criança negra no contexto escolar**”. Pesquisa do grupo LUDICE.
7. Doutora Sandra Petit - “**Negro, ação afirmativa e cotas**”.
8. Educador físico (aluno do curso de Mestrado em Educação Brasileira – UFC) - .Norval Cruz “**Oficina de dança afro**”. Realizada no espaço de consciência corporal tempo Livre.
9. Instrutor do grupo Ori-Ofon Lêno Farias – “**Oficina de percussão**”.
10. Instrutor de Capoeira Angola Armando Leão – “**A capoeira como prática de uma educação ancestral**”.

— É hora do almoço. Sigo a trilha estreita do mato correndo até em casa. Macu não desvenda todos os mistérios. É difícil ter que esperar. Meu corpo está todo coberto de mel. Quero atrair as novidades-abelhas. Quero todas grudadas em mim.

## PARTE IV

### A TELA MULTICONCEITUAL

#### 10. A viagem ao lugar do ser negro/a

13 de maio. Estamos na Faculdade de Educação da UFC. São 15 horas. Percebemos Rebeca apressada e cheia de pacotes e caixas. Como é o primeiro dia da pesquisadora com seu grupo-alvo de universitários, ela está com o coração batendo forte. Procura a chave da sala que irá ocupar durante seu período de pesquisa, em vários departamentos da faculdade e finalmente encontra. Sobe as escadarias que dão acesso ao segundo piso do prédio acadêmico e então encontra com alguns jovens sorridentes e ansiosos em iniciar aquela jornada de trabalho investigativo e de aprendizagem coletiva. Rebeca abre a porta. A sala é grande, porém os ventiladores sem funcionamento acarretam desconforto ao ambiente. Em uma das paredes há um grande espelho, o que originou o apelido da sala: “sala dos espelhos”, muitos colchonetes no chão dispostos no meio das cadeiras escolares organizadas em círculos.

Macu e eu nesse momento nos aproximamos de uma mesa retangular, comum em toda sala de aula conhecida como o canto do professor/a. Pois bem, aproximamo-nos curiosos para ver o que nossa elétrica pesquisadora retira das caixas e sacolas. Na primeira caixa há muitos pincéis (pequenos, médios, grandes, finos e grossos) bem como várias bisnagas com tintas (verde, marrom, preta, amarela, azul, vermelha). Agora ela desarruma as sacolas: um tecido branco enorme e muito grosso. Macu explica que se trata de uma tela preparada para ser pintada. Tudo sobre a mesa. Rebeca recebe suas co-pesquisadoras e co-pesquisadores que demonstram muita motivação e curiosidade em seus rostos. Chega também sua amiga Cláudia Robéria. Essa é uma bela jovem negra de cabelos crespos e bonitos. Ela será muito importante para essa pesquisa-curso, pois será a assistente, ou também conhecida como co-facilitadora pelos sociopoetas.

Quem chega acomoda-se nas cadeiras ou nos colchonetes. Cláudia e Rebeca agradecem pela presença do grupo de 28 participantes e iniciam o encontro. Primeiramente conversam sobre frequência, pontualidade e sobre o compromisso de fazer uma pesquisa sociopoética. Alertam que é fundamental a assiduidade principalmente durante a produção

de dados, como também o conjunto das produções para o bom desempenho da pesquisa e que a falta de alguém deixará a pesquisa menos interessante, uma vez que não participará da produção dos conceitos e confetos. Cláudia entrega a cada participante um caderno brochura pequeno para que registre em casa o que observara no dia a dia de pesquisa e de curso. Esta questiona sobre dúvidas e todos afirmam inexistirem.

Cumprida esta etapa inicial Rebeca passa a vista no seu planejamento e combina começar o dispositivo do dia com a co-facilitadora Cláudia. Macu e eu demos uma espiadinha e o mesmo estava organizado da seguinte maneira:

### TELA MULTICONCEITUAL - PLANEJAMENTO

Data 15/05/2006

1. Conversa com os co-pesquisadores.
2. Apresentação dos co-facilitadores através de expressão corporal.
3. Relaxamento com fundo musical instrumental.
4. Viagem ao lugar do ser negro.
5. Produção plástica coletiva.
6. Produção escrita analítica individual sobre a tela.
7. Socialização da produção escrita e das sensações provocadas pela técnica.
8. Fechamento com dança afro.

Macu e eu sentamos num banco de madeira grande, próximo ao espelho e atentamente observamos o grupo que já havia iniciado as apresentações. As cadeiras e os colchonetes foram colocados de lado. A sala ficou bem espaçosa e o grupo agora se coloca num grande círculo. Cláudia põe uma música de fundo, uma salsa, e um a um, os integrantes do grupo do ser negro dirige-se ao centro do círculo onde se apresenta enquanto cria um gesto com o corpo que expresse seu nome.

Os demais acompanham repetindo o gesto, bem como o nome em voz alta. Individualmente todos fazem sua exibição.

Apresentações realizadas, Cláudia pede que todos façam um grupo de exercícios inspirados na capoeira angola para baixar o nível de consciência do grupo e deixar os corpos mais envolvidos na técnica que acaba de começar. A energia vibrante de Claudinha, como Rebeca chama sua amiga co-facilitadora, contagia a cada integrante e todos parecem mais envolvidos. Cada pessoa apanha um colchonete e deita-se seguindo às orientadas das

facilitadoras. Rebeca pede que todos fechem os olhos e os convida a fazer uma viagem imaginária. Ela diz:

*Gostaria de convidar você a fazer uma viagem em seu imaginário. Com os olhos fechados respire com calma, pois você está dentro de um balão colorido e gigantesco que voa cortando o céu de leste a oeste. Do alto, o vento sopra em seu rosto. O céu azul, o calor do sol. Aos poucos o vento vai conduzindo o balão colorido a um lugar, é o **lugar do ser negro**.*

*O balão vai tocando o solo e você se prepara para explorar o local. Salta do balão e passo a passo vai descobrindo inúmeras características do lugar do ser negro.*

*Observe com bastante atenção os aspectos desse lugar. Então:*

1. *Como é esse lugar?*
2. *Lá tem cor? Tem cores?*
3. *Como são os habitantes deste lugar?*
4. *Como estes habitantes agem?*
5. *O que fazem nesse lugar?*
6. *O que eles sentem?*
7. *O que você sente ao deparar-se com estes habitantes?*
8. *Imagine cada detalhe com cuidado.*



*Agora você sente que está na hora de partir. O Sol, daqui a pouco irá se pôr. Você olha para trás para se certificar das imagens que estão retidas na sua lembrança. Observa mais uma vez todas as características do lugar do ser negro e de seus habitantes para finalmente voltar a voar a mercê do vento que sopra forte e que traz você de volta, bem lentamente até a quadra da FACED. Você salta do balão e vem caminhando para a sala 13, “a sala dos espelhos”.*

Cláudia, aceitando o sinal no olhar da amiga Rebeca, toma a palavra e pede que cada co-pesquisador/a registre com pincel e tintas o lugar do ser negro que imaginou. Os co-pesquisadores tranquilamente abrem os olhos e aos poucos vão se apoderando dos pincéis, copos com água e tintas de várias cores. Aproximam-se da grande tela em branco e iniciam a pintura coletiva.

Tinta, tela, vai e vem, contudo não vale comentar, pois segundo elas, pode haver interferências nos desenhos.



Decorridos 40 minutos a imensa tela ganha muitas cores e formas diversas. Todos se sentam em torno da tela multiconceitual do ser negro enquanto Rebeca acresce:

*Bem... Temos a tela multiconceitual do ser negro a nossa frente. Gostaria que cada um, inspirado pelas imagens, pegasse papel e caneta e*

*registrasse o que a tela inspira.*

Rebeca combina 15 minutos para que o grupo exerça a atividade, porém percebe que muitos ainda estão escrevendo e prorroga o prazo em mais dez minutos. Ao final deste prazo Rebeca interpela:

*Pessoal, olha é assim o que nós vamos fazer agora, quem não quiser ler o texto não precisa. Vocês podem simplesmente falar um pouquinho do que viveram até agora no relaxamento, na viagem e principalmente a relação que fazem das imagens da tela com o ser negro.*

Os co-pesquisadores decidem falar da experiência, mas também desejam ler o que escreveram há pouco.

## 11. Vozes e escritas da tela

— Esse momento é primordial Zica, os integrantes do grupo irão socializar o que escreveram sobre a tela. Acho esse um momento muito importante, pois é o confronto de idéias. Fulano pensa de um jeito, sicrano pensa de outro jeito e assim sucessivamente.

— E se alguém disser algo totalmente diferente do que disse a maioria? Mesmo assim essa opinião é aceita, ou essa pessoa terá que reformular seu modo de ver as coisas?

— A riqueza dos conceitos sobre a pesquisa reside exatamente nas diferenças de pensamento. O particular deve ser mantido e considerado. Veja, a co-pesquisadora está começando sua fala, vamos ouvir:

**1. Relato - . Eu vou ler o texto que escrevi:**

Produção escrita analítica – O primeiro momento de relaxamento levou-me a uma entrega. Surgiram cores. No segundo momento busquei expressar o que havia acontecido, o que havia sonhado, mas houve coisas que eu de alguma forma, ou por insensibilidade, não consegui expressar. Após terminar a minha pintura olhei ao redor e percebi que inconscientemente aquilo não expressado por mim havia sido por meus colegas. É como se houvesse uma consciência coletiva de esperança , luta força, respeito, e valorização daquilo que é ser negro. Vi questionamentos, dúvidas sobre a realidade, por quês e por quês. Expressão da cultura, da música, da dança, religiosidade, esboço de alegria, festa, maternidade, de liberdade, união entre povos, como também valorização do indivíduo, de aceitação do outro e de seu espaço e ideologia. Os meninos pintados na tela expressam um sentimento que representa algo diferente. Eles têm movimento, estão soltos, mas soltos pra onde? pra que lado eles estão correndo?de quem? E por quê?

**2. Relato - O primeiro momento do relaxamento foi como que embarcasse numa viagem maravilhosa. Como se fosse um conto de fadas que você vive sem olhar, sem imaginar os empecilhos que poderiam vir, surgir. Você só pensa no que é bom.**

Ao partir para a pintura, imaginei: não sei pintar nenhuma folha. Demorei muito a começar, a imaginar o que eu queria pintar.

Na realidade eu vejo que o mundo do ser negro é como se fosse um palácio pra ele. Como se a cor... Eu acredito que a cor não tem diferença. Para mim eu não vejo diferença entre ser branco e ser negro. Não sei por que essa colocação de ser negro! Tirando isso, o restante da pintura dos colegas... Como eu não sei desenhar mesmo, não sei pintar, achei muito interessante tudo que eles colocaram aí [na tela]. A pintura, a liberdade. Tentei fazer o meu castelinho, mas, ficou tão... Nem ficou parecido, mas, é a minha imaginação. Foi como se eu tivesse sido levada a um lugar muito bonito. Por isso eu imaginei um castelo no lugar do se negro

**3. Produção escrita analítica - O relaxamento proporcionou uma viagem. Essa**

viagem levou cada um ao seu momento imaginário que foi repassado através do pincel e da tinta na tela. Todos os desenhos em geral demonstraram local onde havia natureza diferente. Sentimentos como cultura, justiça, harmonia, liberdade, respeito, amor. Que

colaborariam com a mudança de um mundo melhor. Pessoas se comunicando através da interação e sentimentos independente de raça ou cor. A valorização da cultura negra e desenhos que se comunicavam através das diferenças e das mensagens diferenciais que cada um tentou passar.

**4. Relato - Fomos fazer essa viagem [ao lugar do ser negro]** Quando eu cheguei nesse local, eu me deparei num ambiente totalmente natural onde vivia uma aldeia. Nessa aldeia conviviam várias pessoas. Pessoas negras. Nessa comunidade, nessa união coletiva, essas pessoas viviam de forma harmoniosa. Tudo era dividido e todos se tratavam igual. Não tinha hierarquia. Cultivavam a sua cultura. Valorizavam suas tradições. Houve emoção na volta dessa viagem. Porque quando eu olhei pra trás, vi que essas pessoas que viviam nessa comunidade, nessa coletividade, voltavam presas na corda do balão que eu viajei. Passava nessas pessoas um sentimento de aflição, de tristeza. Elas estavam sendo tiradas do habitat delas, da vivência, da cultura.

Quando foi o momento de abrir os olhos [vi que] corriam lágrimas no meu rosto. Não sei se alguém aqui percebeu. Até deixei o colchonete molhado. É como se essas pessoas tivessem sido arrancadas [do lugar do ser negro]. Eu não cheguei e perguntei pra elas se elas queriam sair daquela coletividade, daquele estado em que elas viviam. Simplesmente eu as tirei daquela vivência e trouxe comigo

Produção escrita analítica -

O painel foi construído

Com muito amor e carinho,

Expressão do coletivo

De cada um tem um pouquinho.

Retrata a história de um povo,

Seus costumes e tradição,

Trazendo algo de novo

Que sai da mente e do coração.

Traz paz e harmonia,

Sensualidade natural.

Num universo de alegria,

Mostra todo um ritual.

Tem uma variedade de cores,

Que transparece certa magia.

Reflete um pouco de dor,

Mas isso mostra uma etnia.

**5. Relato** - Minha viagem não foi muito boa porque eu estava meio tenso. Acho que é o cansaço do dia-a-dia. Então acho que a abstração não foi o que eu esperava. Mas eu consegui pensar algumas coisas sobre o tema proposto.

Eu não fiz uma viagem muito longa não. Eu fiquei aqui por Fortaleza mesmo, sabe. Na hora em que eu me imaginei no balão, eu imaginei o balão descendo na praia de Iracema. Quando eu fui até a areia e cheguei lá no calçadão vi onde os negros estavam. Onde era o local deles. Era bem localizado. Eles pediam grana. Depois eu desci ali pro centro Lá tem aquela diversidade toda. É o lugar do negro. O lugar do negro é o mundo. Acho que [o negro] não tem um lugar restrito, ele está em todo canto. A diáspora negra permitiu isso. Eu imaginei (...) a igreja do rosário que é uma igreja construída pelos negros e é alvo de adoração muito grande dos negros da época (se referindo ao passado) denunciando a presença negra marcante aqui no Ceará, em Fortaleza. Em frente eu coloquei um tambor que indica (...) que todas as religiões no Brasil são bem diversas.

Produção escrita analítica - Vejo elementos referentes ao que se entende por “cultura negra” no Brasil, (visto que não percebo indicações de manifestações dos negros europeus, norte-americanos, etc.) e, de uma África imaginária; são danças, rodas, indumentárias, rituais, bem como a sua própria materialização em palavras de impacto que indicam a dívida histórica: RESPRETO, JUSTIÇA, LIBERDADE. Tudo isso colorido com muitas cores que se tinha à disposição. Não houve a prevalência das cores escuras. “Embora existam alguns toques de incertezas representadas pelas “?” (interrogações). Há uma certa homogeneidade de um pensamento que se complementa, repete-se e se torna um pensamento unidirecional a quem empreendeu um exercício crítico de uma negritude que, penso, martelava nas cabeças a sua história e reclamava um pouco de tintas coloridas para ilustrar os muitos locais do ser negro.

O tambor na frente de uma igreja denuncia as cores das religiões feitas aqui próximo.

Raça e cor convivem com o provocativo-romântico “descobrir”, todavia estejam em pólos distantes entre si na tela.

**6. Relato** - Eu me concentrei melhor no momento de chegada ao lugar do ser negro. O que eu visualizei foi um lugar onde existia harmonia, até como eu escrevi na tela: harmonia. Onde não existia essas diferenças. Onde cada um tinha o seu trabalho. Era um ambiente, uma cidade mesmo. Pessoas tanto negras quanto brancas. Também diversidade na rua. Cada um indo pro seu trabalho ou então estudando. Uma vida comum mesmo. É tanto que eu desenhei assim uma rua com pessoas, algumas com guarda-chuva, outros com uma pasta.

Produção escrita analítica - Eu coloquei aqui no texto umas coisas que eu verifiquei na tela: Os desenhos expressam como o pensamento das pessoas é diverso. Cada risco, cada cor, cada contorno das figuras expressa o que cada um pensa ou pensou do ser negro: a diversidade de cores. Então eu destaquei o vermelho e o preto que ao meu vê expressa o negro, por que são cores fortes e marcantes. Existem também algumas palavras que definem os sentimentos, de todos que pensaram o lugar do ser negro. A pintura coletiva ela nos mostrou os vários conceitos que o grupo, ou cada indivíduo do grupo, pensa sobre o ser negro. Então eu coloquei aqui uma passagem bíblica que fala assim: “E criou o homem a sua imagem e semelhança, a semelhança de Deus o criou.” Não existia essa diferença. O homem foi criado a semelhança de Deus independente de cor, credo ou de raça.

**7. Relato** - Na viagem eu resgatei uma lembrança de quando eu estive na Bahia. Um lugar onde os negros ficavam na época da escravidão, que fica embaixo do mercado modelo. É um lugar subterrâneo. Eu fiquei imaginado como seria naquela época aquele lugar quente, abafado, sujo, lotado de seres negros. Não vendo só o lado do ser negro, mas dele como ser humano. Como ele se sentiu? Os sentimentos que se passavam dentro dele. Então eu senti muita dor e sofrimento por causa daquelas pessoas. Hoje, eu vejo que os sentimentos que eles queriam ter eram: justiça liberdade, alegria. Queriam

uma vida como mostra aqui no desenho. Amor! O que eles queriam era ter amor. Serem reconhecidos como ser humano e não como um objeto. É não serem explorados.

**8. Relato** - No início a gente fez aquele relaxamento. Eu viajei na imaginação como se eu tivesse no meu interior. Aquele verde sabe. Foi isso que passou pela minha cabeça. Não passou nada de imagem de negro. Por que na minha cabeça não existe essa palavra de etnia, cor, essas coisas! Pra mim todo mundo é um ser humano, todo mundo merece respeito e todo mundo é igual. Então pra mim não tem diferença!

Produção escrita analítica - No início fizemos um relaxamento onde eu senti paz.

Com referência a esse painel, cada um mostrou o seu sentimento. No meu caso, fiz o coração que representa o amor, que é um dos sentimentos mais belos.

O sol, os bonecos, as paisagens, os formatos de igrejas, arco-íris, cacto, etc.

Enfim, tudo ficou bem natural. As palavras: respeito, amor, liberdade, multicultural, raça, fraternidade, justiça, mar, cor, dança, paz, união, vida, alegria, cultura, harmonia, descolorir e sentimento mostra o que cada um de nós tentou passar através deste painel. São formas e cores bem expressivas de cada um. É uma forma de mostrar que somos diferentes, onde cada rabisco tem formas e cores com a individualidade de cada um.

**9. Relato** - Com relação a iniciação, a dinâmica, achei o máximo. Devido a eu estar um pouco cansada, acredito que relaxei mesmo, pra valer. Me transporte até o Niger, África. Mitologicamente faço parte da filosofia religiosa. Então eu senti como se estivesse num momento de ritual. Foi muito belo. Eu ouvi a música, o som, os ritmos, os atabaques. Foi muito bom. Falando dos desenhos que retratam a produção do painel, achei muito diversificado culturalmente, simbolicamente. Apresentando temática que é humana da natureza e descrevendo também os povos africanos da nossa cultura é criação abstrata. Inclusive eu desenhei isso ai, falando sobre o significado das cores tão africanas que são essas quatro cores [preta, vermelha, amarela e azul] É África, Brasil e liberdade muitas

dessas palavras: liberdade, paz, respeito, etnia. É falar também um pouco da história. Toda essa construção do que é ser negro. Parece que muitos entenderam essa proposta, porque a gente estava desenvolvendo nessa oficina, como sempre, com grande nobreza e muita fé essa questão do ser negro, da nossa cultura, filosofia religiosa, das nossas raízes. E eu acredito que vai melhorar muito. Eu vejo que existe diferença sim, nos somos diferentes.

Produção escrita analítica - O painel é diversificado culturalmente e simbologicamente. Apresentando temáticas humanas e da natureza, descrevendo os povos e sua cultura, uma criação abstrata da cultura afro, também muito presente palavra de sentimentos, liberdade e paz. O respeito pela etnia, com seus rituais e sua história, construindo uma identidade, o amor prevalece!

**10. Relato** - Eu participei de uma oficina da Rebeca no Encontro Norte e Nordeste dos estudantes de pedagogia (ENOEPE). Lá fizemos uma outra viagem, não foi Rebeca? De lembrar do passado e de cada etapa da nossa vida. Teve uma parte que era pra imaginar cada parte do corpo. Eu gostei mais daquela viagem. Eu viajei mesmo. Eu relaxei mesmo. Aqui, hoje, nem tanto. Estava muito quente a sala e eu não viajei muito não. De qualquer forma aquele balão me levou para África. Eu toda vida sempre tive vontade de ir para África, de conhecer. A questão dos animais, que eu acho muito bonito. Então na viagem eu cheguei na África. Era um dia muito bonito, muito claro, com muita cor, como eu penso da África. Por isso que o painel tem muita cor e a gente tinha muitas cores disponíveis para pintar. Cada um poderia até ter utilizado uma única cor, mas não, você nota que todo mundo usou quase todas as cores que tinha. Acho que todo mundo relacionou muito essa questão do negro com a sua cultura, seu jeito e a sua maneira de vestir também, com muitas cores. Está bem retratado o colorido. Fica bem evidente, bem vivo, dá um movimento.

Produção escrita analítica -

É festa no terreiro

A noite que clareia

Os negros com os pés no chão.

A lua se anima  
E brilha, e brilha  
O ritmo contagia  
O negro se arrepia  
As cores dão-se as mãos.  
Dança negro, dança.  
Mexe negro, mexe.  
Ginga negro, ginga  
Grita e padece.  
O suor, o corpo, o cheiro  
A expressão: facial, corporal, sentimental, emocional  
Sinta, toque, se envolva, se perca.  
Chore, cante, balance, se esqueça.

**11. Relato** - No momento do relaxamento eu me imaginei numa comunidade negra. Não sei dizer qual era o lugar do globo, mas eu me senti numa comunidade negra e fui recebida por uma família com roupas bem alegres, bem coloridas. Eu lembro das cores, tanto é que depois, quando eu olhei pro painel, isso me fez lembrar mais ainda da viagem que a gente tinha acabado de fazer. Lá [no lugar do ser negro] tem muita liberdade. Liberdade cultural, liberdade de atitudes, liberdade de uma maneira geral. E ao mesmo tempo eu lembrei, engraçado, que fui reportada no meu pensamento à escravidão. Foi um momento meio que de divergência. Eu vi a liberdade e ao mesmo tempo vi a escravidão. Eu acho que aqui no Brasil, sempre quando eu penso na escravidão, em qualquer tipo de preconceito, principalmente por classe social e por raça, me faz pensar, refletir o como alguém se sente superior a outra pessoa simplesmente pelo fato de ter mais dinheiro, de ser de cor diferente. E no momento da viagem eu pensei também dessa forma.

(Comentário feito no meio da leitura da produção escrita) – Porque quando a gente pensa também em negro, é importante a gente lembrar da escravidão, como eu acabei de falar. O negro não foi tão submisso quanto se imagina que ele foi. Eu já ouvi pessoas falando que o índio resistiu à escravidão e o negro não. O negro cedeu. O negro foi fraco.

Na verdade a cultura negra não foi fraca, porque influenciou e muito a nossa cultura. Então como é que a gente pode dizer que uma cultura que se sobrepõe, ou que se encaixou tão bem a outra cultura pode ter sido fraca? Fraca ela não foi.

Produção escrita analítica - A atividade coletiva de pintura resultou em um grande painel colorido e com várias possíveis interpretações. Há figuras que representam a igualdade entre as diferentes “cores”, religiosidade (igreja), expressões como: cultura, liberdade, justiça... Dentre todos os desenhos, um arco-íris me chamou atenção. Pensei na diversidade de etnias que formam o nosso país, assim como várias cores formam o arco-íris. Cada uma com a sua particularidade dando a sua contribuição para formar o que podemos ver e admirar.

Voltando à tela, há uma mulher com algo sobre a cabeça e segurando na mão de uma criança. São aparentemente pobres. A imagem me fez pensar nas diferenças de oportunidades geradas, entre outros motivos, pelo preconceito racial e social. Há também pessoas dançando e muitas cores que me fazem pensar na riqueza da cultura negra. Para finalizar, um grande coração e uma menina com a frase “100% eu” na camisa que me levou a refletir que o preconceito deve (ou pode) ser quebrado de dentro para fora, amando e respeitando a si próprio, é mais fácil cobrar o mesmo do próximo.

**12. Relato** - Em relação à viagem... Bem, a princípio eu cheguei ao balão e me vi sobre o deserto. Lá em baixo vi duas crianças caminhando como se tivessem atravessando de uma localidade a outra, fugindo da fome. E de repente, o sol começou a ficar mais forte, mais forte e literalmente adormeci em questão de segundos. Quando despertei a gente já estava produzindo os painéis. Então, a gente pode perceber que já foi muito visto essa questão contagiante que tem da alegria, alegria mesmo do povo brasileiro, passando por dificuldades, por pobreza, miséria grande. Tem sempre essa alegria, essa garra. Essa questão de se negro está incluído em cada um de nós. Todos nós temos uma parte negra contida, porque isso faz parte de nossas raízes, faz parte da nossa cultura. Então é inegável essa questão, todos nós somos negros de uma forma ou de outra.

**13.** <sup>7</sup> Relato - A viagem trouxe um pouco de sofrimento. Por que... Sabe ser negro levou-me a escola. Alguém que disse que lá eu não pude, por ser negra, me ver. Há lá muitas famílias carentes e negras. Reportou-me também a escravidão, mas ao mesmo tempo esse balão me levou a um mundo de esperança. A esperança que está retratada nesse painel de que um outro mundo é possível a partir da atitude de cada um. Se entende que é algo difícil pra mim por que é uma complexidade muito grande de sentimento.

Produção escrita analítica 1 – Saiu do painel um outro mundo.

Gritos de justiça, liberdade, respeito e amor.

No canto uma criança chora ainda tímida, no outro abre os braços e talvez grita: Estou viva, estou aqui.

A vida é bela, as etnias se abraçam e suas diferenças não mais as separam, pelo contrário, servem para UNIR, porque se enriquecem na troca das culturas, se confraternizam.

Ser negro está no nosso íntimo, no mais profundo dos sentimentos. Por algumas vezes está escondido, quieto, é apenas trabalho de braço, visto nas mulheres que carregam cestos na cabeça. Por outras horas O SER NEGRO solta-se, cria asas.

É ser índio, é ser branco, é encontrar-se com a fé, com o amor, é ser brasileiro.

E a pergunta: COR? O que é cor? A cor é o que eu sinto, o que eu quero, o que eu desejo.

Ser negro é História. É uma NOVA HISTÓRIA, que contamos através das cores, que servem para ALEGRAR, para SER VIDA, como esta tela que acabamos de pintar.

Produção escrita analítica 2 -

**S**e todos falam

em **E**sperança

**F**Raternidade

**U**Nião

<sup>7</sup> Importante enfatizar que a co-pesquisadora considera-se negra. Em muitos momentos da pesquisa fez profundas reflexões sobre as discriminações que sofreu ao longo da vida pelo fato de ser negra.

LibErdade

IGualdade

AmoR, é porque um

Outro mundo ainda é possível. Vamos arregaçar as mangas?

**14.** Relato - Em tudo o que eu levei, levei como quebra de barreiras. O início, a exposição do nome, aquilo pra mim já é uma barreira muito grande. Então, durante o relaxamento eu senti, por estar na minha individualidade, uma quebra mais fácil. Reportando-me reportando naquele balão, de repente eu me vi numa floresta onde a vegetação, ela era rasteira, mas as árvores eram muito longas, eram altas e a luz era gostosa. A luz do ambiente era a luz solar, gostosa, de paz. Você vê que é a paz. Eu tentei retratar essas árvores altas [aponta para as árvores da tela].

O ser em tudo aqui estava presente. Não tinha pessoas em si. Eu observava que eu não era uma pessoa em si, que o ser estava integrado em tudo e fazia parte de tudo aquilo. Durante essa exposição do painel. No meu momento aqui, no meu canto, eu tentei reportar esse sol que tanto aquecia que dava essa harmonia, que trazia essa paz. Eu escrevi a paz. que eu sentia estar inclusa em tudo, e não ser algo específico.

Produção escrita analítica - eu escrevi o seguinte: Numa imensidão novamente me vejo. Não apenas no meio de pessoas, mas exposta em pensamento num quadro.

O ser é tudo isso, é o que está construído, mostrando ser parte do todo. E o ser negro? De onde estou observo as pinturas onde de cada um surgindo individualmente percebo agora a união e o conjunto formado por tudo unido num mesmo espaço. Percebo quadros de amor; percebo palavras de ordem. Sinto figuras retratadas com amor. Percebo quadros que se abstêm de especificar, que em sua amplitude dimensionam a possibilidade do pensar.

Percebo a cor não representando algo que denote o ruim (isso porque na maioria das vezes a cor preta está sempre denotando o mal), mas uma cor que expõe a beleza em se mostrar, com sua firmeza, com sua força, seu traço inigualável. Percebo a marca de sua existência...

Todos juntos representamos rostos, expressões...

Somos tudo o que refletimos em nossos pensamentos e nossas vivências foram incorporadas em cada extensão da tela.

Vivências de luz, trevas e aspirar...

**15. Relato - 15.** A minha viagem foi de lembrança. Eu morei fora durante quatro anos, em Barcelona, e eu me reportei a essa sensação de você ser diferente. Lembrei muito que lá tem uma coisa muito marcada em relação a quem é árabe, e com digamos, presença marcadamente negra. O que eu tentei retratar foi um mundo de calçadas. Calçadas que muitas vezes a gente pode estar indo e outra calçada que a gente atravessa pra não estar do lado de alguém. Então, eu fiquei muito pensando nessa coisa que eu realmente presenciei. Então a viagem foi assim nesse sentido de lembrança e de reflexão sobre esse preconceito. Tem até uma propaganda recente que diz: onde é que você guarda o seu preconceito? Não sei o que eu realmente acho.

Produção escrita analítica - “Agora vocês podem criar, botar aí um pouco do mundo do “ser negro”. Tem pincel, dedo e um monte de tinta”. Em um mundo pré-estabelecido, surge a desconfiança de aproximar-se de uma tela em branco. Nossas mãos, inertes e acostumadas, começaram a lembrar da liberdade de quando eram crianças e desenhavam os mais diversos movimentos. Ainda tímidas, iniciam os primeiros traços. Vários arco-íris, um sol ali e outro acolá, um monte de bonequinhos. Uma sugestão de que tudo é bonito, coeso, cheio de harmonia. Entretanto, aparece também lágrimas e algumas manchas.

Os traços parecem oscilar entre a criação livre e o desejo de “fazer bonito”, nos moldes de uma compreensão imediata. Se desenho uma casa, por exemplo, é uma casa e pronto. Se são árvores, quero dar uma idéia de beleza natural e ideal para o meu mundo. Nem sei. É interessante pensar sobre isso de dar significados. Nesse sentido, é possível perceber a preocupação em fazer-se compreender. Para isso, as palavras são utilizadas com grande frequência, como códigos comuns do universo que pinta.

A falta de costume, talvez, leve a certa cautela na expressão. Ainda assim, é delicioso experimentar o novo, a dúvida, a descoberta.

A idéia do ser negro expressada na tela, ainda surge confusa, porque se todas as pessoas aqui reunidas falam predominantemente de que o mundo do “ser negro” é de paz, amor, alegria, porque tem tanta carga negativa no cotidiano? Tenho certo receio de que ainda exista uma falsa idéia de pintar tudo colorido e ter práticas monocromáticas,

reacionárias.

Lindo seria que pintássemos e respeitássemos as cores que estão espalhadas por este mundo. Tomara que as cores desta tela marquem a vontade de transformação urgente nas relações humanas e não seja, mais uma vez, símbolo dos olhos fechados para o mundo.

**16.** Relato - No começo eu não estava muito relaxada. Então ela [ Rebeca] começou a falar as coisas e... Quando eu penso em relaxar eu viajo logo pra fora daqui, vou logo pra uma paisagem bem, tipo uma ilha deserta, que não tem ninguém perto de mim. Quando ela falou pra avistar um balão, eu já imaginei um balão colorido, todo colorido. Eu entrava sozinha no balão. Passava por um muro bem grande. É quando eu começo a relaxar. Eu viajo. Tinha um muro bem grande e por trás desse muro ela falou do ser negro. Eu vi um monte de gente, um monte de pessoas de cor escura. Todos negros dançando. Tinha uma fogueira, não tinha casa. Tinha um monte de cabanas, só que as pessoas estavam dançando meio que, tipo feridas. Tinham marcas nos braços, como se tivessem passado muito tempo com correntes. Então eu chegava lá e não conseguia entender se as pessoas estavam comemorando ou não. Se elas estavam tristes ou se elas estavam felizes. Não conseguia descobrir o que é que elas estavam sentindo. Eu chegava lá e sentia aquele impacto, então ficava só olhando lá perto delas. Depois saía no balão e vinha aqui pra faculdade. Olhava pras pessoas aqui na faculdade. Eu ficava imaginando que lá, as pessoas estavam com as ferida á mostra e aqui escondem as feridas.

Produção escrita analítica -

Sentimentos se unem

Em diferentes cores

Justiça, liberdade e cultura

em harmonia de saberes

O ser negro tentam mostrar

Miséria não se esconde nela

Vida sofrida e árdua

Na cidade e na favela

A beleza das cores fortes

O sorriso no rosto

Uma raça mostrada na tela

Os tons de um povo.

**17. Relato** - Apesar de eu estar tossindo um pouco, consegui relaxar. Eu viajei também e foi legal. Eu imaginei aquele balãozinho colorido e tudo. Não foi um sentimento muito bom, por que eu tenho notado das pessoas é só a imagem ruim dos negros. Eles imaginam o negro sofrendo, o negro na miséria, essa coisa toda. Então eu não consigo pensar numa coisa legal, bem que eu gostaria, mas para isso eu teria que conhecer primeiro. Então eu me imaginei num lugar tipo na África, com todo aquele sofrimento. Eu parava próximo a uma casinha muito humilde. Tinha uma velhinha. Tinha crianças, as crianças descalças, mas todo mundo, apesar de tanta tristeza e toda pobreza, era feliz. Como eu tentei retratar no desenho: Eu fiz uma bicicleta... Feliz. Próximo a essa casa tinha uma torneira comunitária e que eles tinham que pegar água e levar pra lá. Quando eu descii do balão eu senti que eles ficaram meio assustados comigo. Eles olharam, as crianças viravam os rostos e ao mesmo tempo eles foram bem acolhedores. Eles me acolheram muito bem, e eu pude conhecer um pouco deles. As roupas. Eles vestiam roupas muito grandes, apesar do calor ser muito forte. Depois disso pronto, eu entrei no balão para voltar. Eu senti que eles ficaram meio que se sentindo abandonados, como se fossem abandonados novamente, como se ninguém mais fosse voltar lá para dar ajuda para eles. Foi aí que eu voltei para a quadra da Faculdade, como ela [Rebeca] falou. Antes dela falar, eu já estava lá na quadra. Voltei e, olhando aqui pra tela vi muita coisa que teve a ver com o meu pensamento, porque retrata tristeza e ao mesmo tempo alegria. As cores me fazem ver muito isso: A alegria, que apesar das tristezas eles sentem também muita alegria pela cultura que eles têm.

Produção escrita analítica - A tela nos mostra muitas figuras com seus devidos significados.

Vários desenhos mostraram a diferença racial que há e ao mesmo tempo o respeito que devemos ter por essas diferenças.

Mostra também algumas formas de cultura do negro como a dança, o trabalho, o vestuário, dentre outros.

Há desenhos que expressam as tristezas do negro e o quanto eles acabam sofrendo por conta do preconceito e por conta de uma vida miserável e difícil.

Porém, o seu colorido nos faz ver as suas alegrias, pois apesar do sofrimento eles são felizes.

Muitas palavras foram escritas como: vida, cor, história, dança, sentimentos, amor, cultura, liberdade, raça, justiça... Será que estas palavras foram escritas juntamente com esses desenhos para que possamos raciocinar criar e viver em um mundo sem tais diferenças?

Pois sim, basta olhar para cada desenho e perceber o que ele está expressando que logo veremos a importância de conhecê-los e de respeitá-los.

**18. Relato** - Eu não viajei muito, fiquei próximo à realidade. O sentimento que eu senti foi de tristeza. Porque no relaxamento foi que veio a comparação com os negros, cada um nas suas tribos. Eles têm muita cultura, muita coisa para mostrar e ao mesmo tempo na escravidão não puderam demonstrar nada. Eram só produtos. Como se eles não tivessem a cultura deles. Como se eles fossem mesmo objetos. E para a tela, o que eu pude ver é que, apesar deles terem sofrido tanto, pelo menos aqui na tela eles estão demonstrando o sentimento como: cultura e paz. Você não vê tanto sentimento de tristeza. Você vê mais alegria. Mesmo ele tendo sofrido, tem um povo muito alegre, tem vontade de ser tratado como igual. Meu sentimento foi de tristeza no coração.

Produção escrita analítica -

A tela vem expressando um pouco do que é ser negro, mostrando a diversidade da cultura negra, que incluem danças, modo de vestir e etc.

Mas retrata também os sentimentos que podem ser bons, como: a alegria, mas também podem ser sentimentos libertadores, como a própria liberdade, igualdade social, a união, o respeito.

Mostram que é um povo unido, forte que sempre lutou e lutará para ter respeito e ser tratado como igual.

**19. Relato** - Na viagem, a princípio, eu estava ali como observador. Mas no momento em que eu cheguei e que eu olhei, já me senti o próprio, entendeu. O próprio daquela raça negra. Então era como se fosse aqui normalmente, tudo da forma que a gente está aqui, normal. Eu sentia um pouco de exclusão, sabe. Eu achava que por mais que fosse o cotidiano, eu sentia que eu procurava me excluir e me excluía daquela situação. Ao retornar, quando eu pensei em pegar o pincel, não tinha mais local e eu me senti novamente excluída com essa situação. É como se eu tivesse ainda na viagem.

Produção escrita analítica -

A concepção de ser negro se resume na cor da pele, porém nossa cultura não sente dessa forma, mas continuamos a lutar pela liberdade, pelo respeito, pela paz, pelo amor.

E que nossa cultura possa evoluir no sentido de que ser negro é algo altamente normal para o ser humano.

**20. Relato** - Sobre a viagem fiquei como um ser observador e não participante da história. A primeira imagem que me foi formada quando eu parti pra alguma região da África, foi aparecer a imagem do Nelson Mandela e de toda a luta dele. Também, logo em seguida, eu vi um povoado simples com pessoas sofrendo. Até que chegavam pessoas brancas inglesas que mostravam o contraste de sua casa. A autoridade de impor e a submissão, entre aspas, da população explorada. Sobre o painel, Eu visualizei muito a cor que todos nós expressamos associada a cultura negra. É que o ser negro, ele sempre se manifesta através das cores. Ao mesmo tempo, a gente associa a ele as cores. Ao mesmo tempo, eu vi a dificuldade das pessoas de colocarem feições, expressões e elementos que simbolizassem. Como se estivessem também fora da possibilidade de mostrar o sentimento interior. As cores foi o que mais demonstrou, mas a feição não foi expressa. Foi isso.

Produção escrita analítica - A obra de arte expressa um povo que sempre está envolvido por cores alegres; independente do seu momento (trabalho, dor). É como se as cores mostrassem o real aspecto do indivíduo, o seu interior.

Vemos a dificuldade de definir esse ser que é negro, mas não que isso fosse uma necessidade, porque o que todos querem é a busca pela cultura, paz, amor, liberdade, sem a preocupação de definir.

Também existiu a dificuldade, ou não quiseram colocar (ausência) olhos, bocas, narizes nas pessoas, como se fosse tirado o meio de se mostrar interiormente (ausência de sentimentos, alma).

**21. Relato - Bom...** A priori na minha viagem eu sonhei como se tivesse... Sonhei ó... Na verdade, eu sonhei como se eu tivesse no quilombo. Lá os homens estavam trabalhando, as mulheres também. Eles cantavam. Estavam muito alegres. Ao mesmo tempo, me veio um outro pensamento, não sei se devido a um livro que eu estava lendo na biblioteca agora á tarde. O nome do livro é até “Os negros no Brasil da colonização à Guerra do Paraguai”. É uma leitura muito forte, porque fala de como o negro naquela época foi, fico até emocionada em falar, o quanto ele foi massacrado. Lá tem relatos das senhoras. Quando o senhor, por acaso se “achamegava” com alguma negra, As senhoras arrancavam os olhos, os seios das negras. Elas chegavam até a arrancar a parte vaginal. Os homens eram capados, como se diz. Então é uma crueldade enorme. E eu me pergunto: Com é que um ser humano, se é que a gente pode chamar assim. Um monstro. Sei lá, é capaz de tanta crueldade, tanta maldade? Me pergunto também: O que representa o dia da libertação dos escravos? Tudo bem que tinha aquela: os abolicionistas que lutavam, mas e daí? Tu imagina um homem que viveu vinte, trinta anos trabalhando forçosamente. Depois chega o cara, que era o dono dele, e fala assim: Vai te embora! Vai te embora cara! Tu ta liberto, tu foi alforriado. Sim, mas e aí? O que é que eu vou fazer? A vida inteira eu fui escravo, vou fazer o que? Então, digamos assim: que a nossa sociedade, a violência, está solta. Já vem dessa época. O negro naquela época não teve indenização, não teve como sobreviver. Ele teve que arranjar uma maneira de viver. Correu atrás e nos estamos aí numa sociedade totalmente preconceituosa que é a nossa. É um grande problema que a gente tem que resolver. Quanto a pintura, adorei as cores, muito colorido. O que eu mais gostei foi que nós trabalhamos em conjunto, cada um fez a sua pintura, teve a sua idéia. Mas isso demonstra que se a gente trabalhar em conjunto, se forem duas pessoas, três. Junta mais dez, mais cinqüenta. A gente pode mudar, entendeu, esse pensamento. Porque o preconceito no nosso país é muito forte. A gente diz que não, mas tem, nem que seja um pouquinho. Talvez nós aqui não tenhamos tanto, porque a gente tem uma certa consciência do que a gente é, mas o país como todo em conjunto, não tem. Foi um sentimento de dor, muita tristeza.

Produção escrita analítica – Hoje fizemos um trabalho importante e singular. Livre e muito divertido. Produzimos uma tela em que pudemos observar a complexidade que há no ser humano e também no mundo em que vivemos.

A primeira etapa da diversão consistia em compartilhar o material: tintas, pincéis.

Então, cada um de nós imprimiu na tela a sua visão do seu “eu” e do resto a sua volta.

O que imprimimos nessa tela mostra a esperança que temos de ter um mundo melhor, um mundo colorido, justo de esperança e igualdade, um mundo de amor, onde todos nós desejamos viver. E o mais interessante é que tivemos liberdade de escolher e de expor nossos sentimentos e desejos.

**22. Relato** - Na viagem o que eu sentia era como se eu tivesse voltando para casa mesmo. No sentido de voltar para casa e ser acolhida. De estar entre o meu povo, entre minha gente, entre pessoas que me amem. Quando eu cheguei lá, tinha muita gente, mas não tinha só negros, tinha todas as pessoas e tinha muita dança. Eles estavam dançando e festejando. Mas, tinha uma parte lá escura, uma parte lá que ninguém ia que era a história. Uma coisa meio, eu não consigo lembrar muito bem. Era a história do negro. Foi uma viagem mesmo bem louca e ninguém ia lá naquela parte. Era uma coisa isolada mesmo. Eu queria ficar lá, mas não deixavam eu ficar. A impressão que eu tive é que tinha uma senhora linda de uns quase cem anos. Acho que ela me levou até o balão. Ela tinha um olhar tão sábio, tão penetrante. Eu conseguia sentir isso. Eu também achei interessante a divulgação das cores, da mistura de tudo que é a nossa etnia, de tudo. As palavras: eu achei muito interessante colocar a palavra história, eu gostei muito também daquela palavra descolorir. Foi num sentido assim metafórico mesmo de descolorir o que? Os valores? A idéia? A visão que você tem da cor? É muito abrangente o fato da cor. Eu também comecei a questionar esse lance. O que eu não consegui ver foi o ser negro. Eu fiquei questionando a palavra ser. Ser o que? Ser vivo? Ser humano? Eu pensei nesse ponto. Causou-me dúvida. É basicamente isso.

**23. Relato** - Eu acho que a minha viagem foi diferente do de todo mundo. Quando eu me vejo viajando para a África, eu crio muito aquele valor. Eu não vejo

sofrimento, eu vejo alegria, eu sinto uma alegria tão grande de chegar. Por exemplo, cheguei numa ilha e estava todo mundo lá dançando, se divertindo. Era uma alegria impressionante daquele povo. Eu acho que o povo africano é aquele povo que, por mais que ele sofra, ele não demonstra aquilo. Ele quer lutar, ele é capaz de lutar por seus objetivos e pelos seus ideais. Então eu vejo alegria, a vontade de viver, a vontade de mostrar a cultura deles pra todo mundo! Essa cultura que enriqueceu a nossa cultura. Muito do brasileiro tem a ver com a cultura africana. Então eu vi uma alegria quando eu imaginei a África. Eu imagino uma festa, se for de dia, aquele sol. A noite todo mundo fazendo um luau, se divertindo. Todo mundo junto, sem aquela de ter diferença de cor. Por exemplo: eu como turista, me senti acolhida pelo ritmo de dança, porque minha irmã já foi pra lá e sempre falou que a noite, eles fazem um luau. Todo mundo dançava. Quando os turistas chegavam lá, eles chamavam para dançar. Então eu vejo nesse povo uma vontade, uma alegria de viver. Eu imagino ele, se ele vivesse no país dele e não nesse tipo de escravidão. Eu vejo eles como um todo e como meu irmão, porque todos nós aqui somos irmãos. Eu vejo todo mundo com igualdade. Eu acho que no começo talvez, a gente quando é mais jovem tem certo preconceito por causa da sociedade. Mas eu acho que todo povo é irmão, que todo mundo é irmão, não tem diferença de casa nem nada. Eu gosto de pintar essa vontade de ser feliz, a cultura deles. Eu acho muito importante pro Brasil e pro mundo. Eu acho que é por isso que eu estou aqui hoje. Desde o dia em que eu a vi (Rebeca) isso é importante, essa alegria, essa vontade dele ser livre. Que nem aqui na universidade, eles conseguem manter e preservar a sua cultura, eu acho isso importantíssimo.

Produção escrita analítica - A pintura retrata de uma forma expressiva o país e o ser negro. Todos pintaram o que viram na viagem imaginária e é uma visão muito parecida.

É um povo feliz, forte, autêntico e de uma cultura riquíssima. Acho que a união e a fraternidade são vínculos que unem esse povo que é muito discriminado. Sempre que penso na África imagino um povo feliz e que se amam como são. Diferente de nós que nunca estamos satisfeitos com a nossa estética. Temos preconceito com nosso próprio corpo e acabamos muitas vezes fazendo plásticas para satisfazermos nosso ego. Admiro a criatividade deles na maneira de se vestir com cores fortes e nos penteados que são variados.

São pessoas batalhadoras que lutam para preservar sua cultura. Acho

lindo esse espírito de amor que os unem. Mesmo na adversidade continuam firmes e com vontade de prosseguir seu caminho. O mais importante é que são nosso próximo e todos somos irmãos, não importa a cor: branco, mulato, moreno, pardo ou negro, somos seres humanos e temos nossa dignidade.

O nosso país absorveu muito dessa cultura: dança, capoeira, maracatu, candomblé e culinária. Devemos muito a esse povo que veio enriquecer o nosso país e foram muito massacrado no período da colonização pela ignorância do nosso colonizador Portugal.

Ser negro é ser feliz, amar sua cultura e principalmente, é ser humano e filho de Deus. Devemos lembrar que fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Por tanto somos iguais e temos os mesmos direitos.

“Sonho com um mundo melhor onde todos convivam em paz e harmonia”.

**24.** Relato - Diferentemente de todo mundo aqui, a minha viagem ela não foi física, certo! Em vez de viajar pra um lugar físico, eu tentei me questionar o que é ser negro é em que sentido é esse ser negro. Se faz diferença ser negro, ser branco. A minha viagem não foi uma coisa física foi, digamos que reflexiva. Foi questionadora. O que eu fiquei presa mais foi à dúvida. O que é esse ser negro. Não onde ele vive. Eu não consegui sinceramente chegar ao lugar. O que eu cheguei a imaginar foi uma caverna daquele mito da caverna do Platão. Eu tentei me questionar o que é ser negro é em que sentido é esse ser negro. Se faz diferença ser negro, ser branco. [...] O que eu fiquei presa mais foi à dúvida. O que é esse ser negro? Onde ele vive? O que eu pude refletir foi a questão de ser diferente, ser igual. Todo mundo é diferente na minha casa. Tem uma loira dos olhos escuros. Tem uma branca dos olhos claros e tem uma morena bem morena. Não chega a ser negra, mas é morena. Irmãs filha do mesmo pai e da mesma mãe com a mesma criação, mas quando a gente sai na rua é diferente. Todo mundo pergunta: vocês são irmãs ? Como pode! Essa aqui é tão moreninha, a outra tão lourinha e tu, não tem nada a ver! Se prendem à cor e não ao jeito. O nosso jeito é muito parecido, quando a gente abre a boca da pra ver logo que é irmã. Mas as pessoas em si se prendem na questão da cor. E não sei eu, acho que, a questão do diferente. Ser negro não é a cor. Talvez eu como parda me sinta mais negra do que uma negra

propriamente até da África. Muita negras, você vê muito isso nos Estados Unidos, pintam os cabelos de louro, alisam. Elas não se sentem negras. Talvez eu me sinta muito mais do que elas por saber que no meu sangue corre muito sangue negro da colonização. Foi de dúvida, de questionamento a questão de porquê perguntar o que é ser negro. É qual a resposta?

**25. Relato** - Na minha viagem eu fui parar numa cidade pequenininha muito verde, muito mesmo. Quando eu desci do balão, o que eu senti foi calma e felicidade. O que eu vi foi muitas pessoas e elas eram tão calorosas. Elas eram tão afetivas que passou calma para mim. Tinha um parque com muitas crianças. Existiam crianças negras e crianças bem loirinhas brincando juntas. Nessa praça, nesse parque, tinha uma igreja e nessa igreja estava tendo um casamento. Nesse casamento tinha a noiva. Era bem loirinha e o noivo era negro. Estava todo mundo feliz. Aquela união das raças. Todo mundo junto, todo mundo comemorando. Eu senti essa felicidade naquele momento. Aquela cidade é um espelho do que eu queria que fosse a nossa sociedade. Acabando com o preconceito é derrubando essa barreira que, sei lá, existe hoje em dia. Quando eu vi essa pintura, apesar de ter parte dela que mostra que existe o preconceito, eu senti esperança de que é possível acabar com o preconceito. Eu vi igualdade nisso tudo, eu vi o que é a cor da pele. Não é a cor da minha pele que vai fazer eu ser uma pessoa melhor, uma pessoa pior. Mas infelizmente o preconceito existe, como tem no quadro. Eu senti que se cada um fizer a sua parte esse preconceito pode acabar. Eu acho que é uma ruindade. Eu vi as meninas falando da calçada, do desfile e eu senti que isso é muito desumano porque eu sou um ser humano igual a qualquer outro. Eu tenho sentimento. A cor da minha pele não vai influenciar em nada. Foi o que eu senti.

**26. Relato** - De primeira instância, eu estava andando na minha viagem e num lugar muito bonito. Não tinha ninguém, só eu sozinha estava andando. Eu viajei realmente. Estava passeando e tinha árvores. Só que eram bem longe de mim. O lugar era baixo, descida, desciam assim [faz um gesto inclinando a mão para baixo] .

Era verde, tinha uma grama verde e tinha um balão ao longe. Um balão colorido que necessariamente todo mundo viu. Mas eu não conseguia ver bem o balão colorido. Eu sabia que ele estava lá e eu também sabia que eu entrava no balão. Eu não me sentia

dentro do balão. Eu subi, o balão subiu, subiu e eu ia subindo também. Ia vendo toda aquela paisagem bonita. O sol, a luz era bem aconchegante. Era como a luz do amanhecer. Era bastante aconchegante.

Quando falou o lugar do ser negro eu pensei num lugar que não consegui retratar na minha mente. Senti uma certa dificuldade de ir pra esse lugar. Eu vi que ao longe tinha uma barreira, tinha uma cerca ou era alguma coisa. Quando eu abri os olhos, era como se eu tivesse de olhos fechados. Quando eu abri meus olhos eu vi que o lugar onde eu estava era o lugar do ser negro. Era um lugar bonito, aconchegante e não tinha pessoas lá. Onde eu imaginei não tinha nenhuma pessoa. Não conseguia ver pessoas. Eu só via que o lugar era lindo realmente. Aquele lugar que eu tava tentando imaginar de ser negro era onde eu estava. Era o lugar onde eu me encontrava. Era naquela terra onde eu pisei. No ar onde eu subi. Tinha o mesmo céu azul que eu vi antes. Não era diferente de nenhum outro lugar. Mas, quando se falou do lugar do ser negro, na minha mente rapidamente, passou uma certa, tipo um terreno semi-árido, seco. Mas depois, passou tudo e continuou no mesmo lugar onde eu estava. Eu não fui para aquele lugar no semi-árido, eu continuei no lugar onde eu estava. Então para mim é isso. Não existe distinção entre o lugar do ser negro, o lugar do branco, do amarelo, asiático, indiano. Não existe isso! Pra mim, todas as pessoas foram feitas a imagem e semelhança de Deus, como foi retratado anteriormente. Agora, cabe a cada um de nós imaginarmos onde nós nos encontramos. É como eu vi em diversas gravuras. O fato de ser negro, como foi retratado no painel, que é muito distinto entre as classes. Realmente tem pessoas que acham que eles não são gente, são diferentes, não sei o que. Mas a gente viu que eles têm alegria. Eles são um povo alegre que têm sol, luz, cores amarelas, verde, azul, branco vermelho.

A palavra descolorir também chamou a atenção. Até onde a gente está colorindo demais o nosso mundo e não vendo realmente o que está se passando? O sofrimento dessas pessoas? Como elas se sentem quando são discriminadas? O trabalho. Realmente elas trabalham, se esforçam como a gente viu ali: uma mulher trabalhando naquela parte. Realmente eles são pessoas, eles trabalham, sofrem, mas vivem, vivem com esperança de que o preconceito um dia vai acabar e de que tudo vai se normalizar, mesmo que nunca aconteça, mas ele tem uma esperança, como nós, cada um de nós. Eu creio que nós temos.

27. Relato - Na viagem eu não viajei muito. Eu fiz foi dormir. Quando eu acordei, foi logo para desenhar o lugar do ser negro e desenhar a minha viagem. A primeira coisa que me veio na cabeça foi que é uma praia. Por que a praia? Porque é onde todo mundo se toca, se vê, fica semi-pelado sem ter vergonha de nada. Se está todo o mundo reunido numa praia, ninguém para pra pensar: aquele ali é feio, aquele ali é gordo, aquele ali é negro. Todo mundo interage em relação a todo painel. Eu vejo muita cor, vejo palavras de liberdade, justiça, harmonia. Mas o que eu realmente leio não é isso. Eu sinto que não é o verdadeiro, só porque a gente quer que seja, porque existe ainda muito preconceito, e o painel retrata justamente isso: o que a gente quer que seja.

Produção escrita analítica –

O SER OU NÃO SER CULTURAL?

Ser negro, ser Preto,

ser gente, ser homem,

ser bicho, sem preconceito

O ser, ou não ser,

O jeito, o defeito,

A classe, o direito,

A lei, o suspeito

O caso, o descaso,

A altura no peito.

Ser rico, ser pobre,

Na cor a malícia

De um povo criado

Na dor da injustiça

A história de prisão,

À inútil libertação,

A revolta de um povo

Perante a nação

A fortaleza encruada

Na pele surrada

Marcada de honra

e glória, tentando  
fazer sua história  
Em terra onde não  
são os donos...

**28. Produção escrita analítica -  
O LUGAR DO SER NEGRO**

Depois que andei a colina verde, avistei o marco de cruzeiros perto do Mandacarú.

A Pipa verde, preta, vermelha e azul, com rabo verde, parece assombrar o urubu grande que voa entre as nuvens coloridas de verde e vermelho. O sol amarelo claro e laranja enfeita o ambiente.

Caminhei. Segui a estrada do lugar do ser negro e avistei seis crianças brincando de ciranda. Eles cantavam uma música que dizia: “respeito, respeito, respeito” e pássaros negros sobrevoavam suas cabeças

As crianças( rosa (2), vermelha, verde e preta) pareciam se divertir. O pátio da brincadeira era outra casa rosa e azul.

Enquanto isso, outras crianças negras chegavam para integrar a brincadeira. Estas haviam atravessado um imenso vale verde. Do outro lado do vale havia uma máquina de fazer gente. Dentro dela tinha todas as cores, o que fazia a produção de todo tipo de pele. Saía gente de toda cor. Elas iam saindo e cada uma gritava uma palavra diferente: Descobrir? Mar, sentimentos, harmonia, respeito, respeito, cultura, liberdade, justiça, fraternidade, amor, união, alegria, liberdade, cor? Humano, ser, paz, negritude, 100% eu, raça, amor, multicultural, história, vida.

Perto do sol havia uma comunidade só de negros. Eles moravam em cabanas. Trabalhavam, pescavam, costuravam, dançavam, corriam, viviam. O nome do lugar: Sentimentos.

Os vizinhos desse lugar eram os multiculturais. Eles eram verdes e azuis e eram aquáticos. Os verdes resistiam ao saírem d'água, os azuis não. Eles morriam pedindo pela vida.

Do alto da colina Coração uma criança negra de vestido amarelo olhava tudo isso e pensava em harmonia em sua mente. Gente da sua cor de pele viajando de

barco perdidos. Viam o sol e se perguntavam onde estavam. Imaginava um sol negro cheio de interrogações.

Continuei minha estrada. Lá vi um letreiro com cores fortes: preto, vermelho, amarelo e verde. Tinha mais gente de cor negra. Era o lugar do ser negro, claro. Uma mulher me chamou atenção. Ela carregava uma trouxa de roupa na cabeça e seu filho pelo braço. Outras crianças brincavam pelo caminho. Uma menina azul chorava lágrimas negras e tinha na blusa 100% eu e pensava em negritude.

Mais pra frente, muitas cores contornavam um cata-vento e pessoas dançavam e falavam: RAÇA, PAZ. Enquanto de um poço de água azul saiam duas cobras verdes para percorrer um arco-íris e o sol. Corria também na mesma direção uma joaninha e uma criança vestida de marrom e negro com cabelo preto.

### **29. Produção escrita analítica -**

#### **DESCOBRIR VALORES**

O mundo todo tem cores em seus elementos, em seu espaço, natureza, enfim, em seus seres. Mas nossas idéias e valores têm sido pintados pelo homem com cores distorcidas e turvas. A cor é apenas uma qualidade visual, embora haja maior ênfase para certas tonalidades. Pensemos então que nossos valores e idéias continuem incolor para que não tenha nenhuma distinção. Somos de todas as cores.

### **30. Produção escrita analítica -**

Observa-se a presença de muitos sentimentos. Mais do que um local físico foi imaginado a emoção e o sentido que o lugar do “Ser Negro” trouxe para cada um, individualmente e coletivamente.

A princípio apareceram desenhos isolados que com a interação de mais pessoas tornou-se uma só imagem. Onde uma praia pode se transformar num campo e em seguida num alicerce para casas.

Palavras isoladas foram se transformando em desenho, dando sentimento ao bruto.

O aparecimento de formas humanas em diferentes cores (vermelho, amarelo, azul, preto) me passou a idéia de que a cor e a forma não é o essencial para se descobrir o que é o “Ser Negro”.

O que mais chamou atenção foi a presença de interrogações, pois o grupo

ainda não tem uma idéia inteiramente formada do que seja esse “Ser Negro”.

A interação dos desenhos deixou o grupo mais unido, pois aconteceu uma troca de idéias para montar no fim uma única imagem que faz um sentido especial para cada um de nós.

### **31. Produção escrita analítica -**

#### **A TELA**

Viajei no mundo das idéias, prestando atenção nas expressões de cada um naquela tela. Percebi que o imaginário do lugar “ser negro” é bem parecido dentre todos que tentaram representá-lo nas gravuras. Digo isso porque notei muita alegria, muita paixão pelo eu livre. Mas também tem pessoas que sofrem, lamentam, choram, se unem, trabalham, ou seja, vivem de forma real com seus sonhos e idéias. O sol está presente quase em todas as cenas da tela. Por que será? A conclusão que me vem a cabeça é de que o sol traz consigo a esperança, a renovação do dia e um fim, que é o início de um bom descanso que nos proporciona a noite.

Também vi, além da alegria, a angústia incorporada em algumas faces, e nisso fica óbvio que ninguém vive somente de gozo, de festas. Existem trevas concretas que nos levam. Vem a certeza da angústia e aflição do povo que por tantas vezes chora, entretanto, crê que há uma solução.

### **32. Produção escrita analítica -**

#### **Painel em cores**

Do caos punge a ociosidade

Os conflitos de uma era,

que nos apaga

que nos engole.

Cabeças perdidas

na luz escura

Enterradas no chão sem cor

Rajadas de sol  
Vasculham o abstrato  
do rabisco  
Do infinito

Quem são eles?  
De que são estes?  
Aqueles sombras soltas  
Num passo branco, outrora  
E agora... estampado  
com sentimentos e emoções alheias.

Sois vós?  
Homens que choram,  
Talvez a agonia  
Talvez a alegria  
Talvez nada!

Crianças que correm  
que dançam  
que tem casa.

Talvez,  
Todos façam parte  
Da mesma curva,  
Da mesma era  
Que almeja: paz!  
Que deseja ser mais  
que só cor.  
Somente dor.

### O ser negro

Podemos perceber ao longo da história que o ser negro sempre foi discriminado, injustiçado, explorado. Ao falar em cultura negra logo nos vem à mente a palavra sofrimento, violência e falta de amor por parte dos exploradores, que só pensavam em se beneficiar à custa do negro.

Enquanto o negro só queria ser reconhecido como “gente” e ter uma vida digna, com paz, liberdade, alegria e amor. Ele queria ter VIDA, uma vida colorida, como representa as pinturas, e não cinza que nem eram acostumados a ter.

Estou muito confusa Macu, mais ainda do que antes. Nunca imaginei que tanta gente fosse se reunir para discutir sobre o que é o negro. E dessa maneira aí: pintando, se divertindo, dando risada, fazendo poesias. E eles são da universidade, diga-se de passagem. E agora Macu? O que vai acontecer?

— Calma Zica, você é muito ansiosa!

— É que você já viveu tudo isso aqui, isso não é justo! Você bem que poderia me contar né, amigo da onça!

— Olha que eu faço coceguinhas em você curuminha!

— Cócegas não vale, é covardia Macu!

— Menina Zica, essas viagens no tempo são muito difíceis de conseguir com o mundo ancestral. Uma das condições é fazer com que você mesma veja tudo com seus próprios olhos e tire suas próprias conclusões. Sua ansiedade pode estragar as coisas por aqui e até mesmo interferir nos fatos já ocorridos.

— Tá bom Macu! Não precisa ficar com os olhos arregalados. Eu entendi. Olha lá! O pessoal está se levantando, vamos ver o que vão fazer.

(Macu) Zica é uma menina muito ansiosa e curiosa, o que pode ser muito bom para quem está em busca de si mesma, mas quando esses dois elementos se juntam em excesso, pode ser uma tempestade em forma de criança, uma iansãzinha, provavelmente.

Como ansiedade e curiosidade estão tomando conta dos “seis” sentidos da minha amiguinha, suponho que terei de narrar os fatos até que ela tome consciência novamente de que é a narradora da nossa saga.

Rebeca e Cláudia pedem que todos se levantem. Afastam os colchonetes e cadeiras da sala dos espelhos e fazem um convite aos co-pesquisadores:

(Cláudia) — *Pessoal, a Rebeca vai colocar uma música afro e nós vamos dançar cada um a seu jeito. É só ouvir a música com atenção e se deixar levar por ela. Vamos encerrar o dia com dança, com o corpo todo, tá!*

Apesar de algumas pessoas, devido ao adiantado da hora, necessitarem sair antes, a dança se dá de uma forma muito envolvente.

Assim termina o primeiro dia de reflexão coletiva sobre o que é ser negro. Esqueci de contar um detalhe: Zica não se conteve juntou-se ao grupo para a dança afro. Aí vem nossa narradora.

— Foi incrivelmente legal! Por que você não veio Macu?

— Quando aconteceu de verdade, no presente, eu dancei, e bastante. Assim como você fez. Mas agora temos uma outra passagem por essa história para ver em outro lugar e em outra data. Vamos?

— Sim, mas onde? Para ver o que?

— Rebeca precisa olhar com muito cuidado para a tela que acabaram de fazer. Para tanto ela foi a uma fazenda aqui no interior do estado, no município de Pentecoste - Ceará, onde mora seu namorado. É na fazenda Canaã, na companhia de sua orientadora Sandra e do namorado Hermann que Rebeca, depois de delicioso banho de rio, olha atentamente para a tela e produz a análise plástica desse primeiro dispositivo de construção coletiva do que é ser negro.

## 12. Análise plástica

(Zica) — Explica melhor esse negócio de análise plástica Macu.

— Amiga Zica, na pesquisa sociopoética, a produção plástica que por ventura for feita, deve ser analisada antes de qualquer material escrito ou falado. O pesquisador oficial, que nesse caso é a Rebeca, deve pegar a tela, sem qualquer contato com os escritos e falas, então deve olhar com atenção e...

— Do jeito que os co-pesquisadores fizeram antes. Só olhando e vendo no que isso dá. A tal da inspiração.

— Muito bem Zica! Você está me saindo uma excelente observadora. Pois bem. Ela deve olhar os desenhos da tela e deixar sua imaginação e seus sentidos falarem. Permitir que sua veia artística tome corpo e então escrever. Deixar que as palavras saltem de seu ser.

— Então Macu, o que ela fez? O que ela escreveu?

— Veja nossa pesquisadora em pleno ato criativo, Zica. A orientadora (Sandra) descansa numa rede num dos quartos da casa de fazenda. Hermann, o namorado de Rebeca, constrói um site sobre os pássaros da caatinga no micro-computador do escritório. Nossa solitária investigadora, que há pouco estendeu a telamulticonceitual no soalho da sala a analisa atentamente buscando uma imagem para iniciar. Finalmente decide escrever um conto. É dada a partida e Rebeca, completamente envolvida pelas imagens da tela, escreve freneticamente. Nesse momento nem lembra mais da presença de Sandra e nem de Hermann. Os dois também parecem bastante envolvidos no que fazem: Sandra descansando da agitada vida urbana de Fortaleza e Hermann ao computador.

— Pois é, mas veja: ela parece ter terminado. Vamos ler?

— Não será necessário. Ela mesma o fará.

E de fato. Nesse instante Rebeca dirige-se ao quarto onde Sandra se encontra, já acordada, e lê o conto para a orientadora.



### A viagem à tela multiconceitual

Um dia desses, eu estava lembrando de um episódio da minha infância. Não sei por que recordei, talvez pelo fato de estar estudando sobre o tema do ser negro. Era como reviver cada momento daquela experiência.



Eu deveria ter uns seis ou sete anos. O cabelo crespíssimo, castanho claro vestidinho infantil amarelo ouro realçavam bastante minha pele negra (tinta forte). O sol estava quente, propício para fazer a viagem dos meus sonhos. A viagem ao lugar do ser negro. Do alto de um balão colorido eu iria ver perfeitamente aquele lugar tão esperado.

Meus pais haviam me prometido essa viagem como presente de aniversário há bastante tempo, e agora era a hora desse sonho se realizar.

Meu coração batia forte no peito feito o formato do próprio balão, vermelho coração.



À proporção que me afastava do solo, ia notando a paisagem cada vez menor, até ver só nuvens aqui e acolá.

Algum tempo depois, avistei o mar, era a primeira visão do lugar do ser negro. Era esverdeado com azul. Na praia três pessoas divertiam-se, aproveitando o sol quente. Ao lado a tribo se preparava para uma festa. Nessa comunidade era o dia de comemorar o ser negro. “Dia Nacional do Ser Negro,” o dia mais importante da região.

O terreiro estava bastante enfeitado com fitas coloridas, folhas de palmeiras e jarras decorativas. Alguns jovens ensaiavam uma dança do ser negro ao som de dois tambores. Uma mulher negra de saia vermelha orientava os toques, era um ritmo tribal cantado apenas nessa comemoração. Enquanto isso uma outra mulher negra mexia um instrumento na mão dando um toque especial à melodia. Era interessante notar que mais à direita duas mulheres, que observavam seus filhos na brincadeira de roda, ao mesmo tempo cantavam uma bela canção para acompanhar os tambores.



Elas já estavam vestidas a caráter: vestidos azuis e verdes, que nem as cores do



oceano, e ornamentos amarelos na cabeça. Todos pareciam muito felizes em preparar a festa do ser negro.

Ops! Tomei um susto. Um pássaro negro enorme passou bem perto de mim. Ele disputava território com uma pipa de cores verde, azul e preta. O enorme pássaro parecia ameaçar a pipa que se soltara a pouco da mão de um garoto.

O sol se transformou numa bola amarela encoberta por uma nuvem estranha. Em baixo eu pude ver um cemitério com três cruces pretas e um cacto. Tinha sangue no chão. Será que algo de ruim acontecera com o dono daquela pipa? Vi que duas pessoas se aproximavam desse cemitério. Talvez procurassem o garoto, o dono da pipa.

No terreno ao lado, a possível morte do garoto, por ainda não ter sido revelada, não influenciava a rotina. Seis crianças coloridas brincavam de ciranda. Sobre suas cabeças pássaros negros acompanhavam a melodia que elas cantavam. Como era o dia do ser negro, aquela comunidade enfeitou o entorno da sede principal com lâmpadas de muitas cores, ficou bem legal.



Ops! Mais uma vez tomei um susto. Uma grande seta verde de fogo quase fura o balão. O pássaro negro se assustou muito também e ficou todo arrepiado. Lá em baixo um homem marrom consertava o teto de uma cabana rosa. Quando ele avistou-me no balão colorido gritou: “Feliz dia do ser negro!” Eu respondi o mesmo. Na floresta, um grupo de sete pessoas voltava trazendo mais enfeites para a festa do dia.

Vi uma menina marrom entrando em transe. Ela estava saindo de um templo religioso. Descia as escadas quando caiu ao chão. O templo, que também ritualizava o dia do ser negro, estava bastante decorado.



Em sua fachada, gigantescas faixas em azul e amarelo e serpentinas de todas as cores, que davam uma impressão de alegria ao ambiente. Ao lado do templo, passava um bonito rio debaixo de um túnel cinza. Era o rio mais importante do lugar do ser negro. Uma ponte ficava bem de frente a um templo de orações católico de cor cinza, com uma cruz imponente na entrada. Bem em frente a esse templo, um tambor esperava os fiéis virem batucá-lo para anunciar a festança.

No dia mais importante no lugar do ser negro, aconteceram também coisas nada festivas, além da morte do garoto da pipa, um casal se separava. A mulher parecia dizer adeus para o homem enquanto sacudia um pano azul perto da porta. Parecia-me uma atitude de sacudir também aquela relação que estava chegando ao fim. Muitas pessoas pareciam confusas e cheias de episódio, pois não é dia sagrado. Uma criança, colocou de ponta cabeça outro ângulo. Talvez atitude dos pais.. Tive a



dúvidas sobre esse permitido se separar nesse filha do casal separado, se para tentar ver a situação de assim pudesse entender a impressão de ter visto dois

vultos no meio da ponte que leva ao templo católico. Se eu estou no lugar do ser negro, por que os espíritos são brancos? Não seria para eles também serem negros?

A festa do ser negro era realmente contagiante! Em outra comunidade, gente pintada de amarelo, verde e azul ensaiava um ritual. Entre as palhas de um coqueiro havia quatro moradores de mãos dadas evocando seus ancestrais ao som de um atabaque de cores preto, marrom, vermelho e azul, tocado por uma anciã grávida. Nesse momento, o arco-íris do lugar do ser negro, de cores: preta, amarelo claro e azul, despontava de uma nuvem azul, ajudando o sol amarelo ouro cada vez mais quente a compor o céu. O som solene do atabaque da anciã grávida chamou a grande ancestral Nanã. A ancestral fez a sua aparição em um enorme manto preto e marrom. Vestia uma máscara de tom branco com olhos, nariz e boca azuis. A cabeleira era farta e negra. A ancestral dizia coisas que assustava as pessoas da comunidade. Muitos moradores, de suas portas, ficaram atentos à aparição de Nanã. Só que eles estavam tristes. Parece que a ancestral estava a anunciar tempos ruins. No alto, o arco-íris transformou suas cores mais uma vez. Agora assumia os tons preto, verde, vermelho e amarelo. O sol tinha cor preta. As pessoas tristes não entendiam o porquê dessa aparição da ancestral tão nostálgica e amedrontadora. Até que tudo fez sentido, um pequeno ser negro havia chegado ao mundo sem vida. Depois de fazer um ritual de oferenda às divindades, daquele minúsculo corpo negro que jazia nos braços de sua mãe inconsolável, a ancestral desapareceu.



A ancestral dizia coisas que assustava as pessoas da comunidade. Muitos moradores, de suas portas, ficaram atentos à aparição de Nanã. Só que eles estavam tristes. Parece que a ancestral estava a anunciar tempos ruins. No alto, o arco-íris transformou suas cores mais uma vez. Agora assumia os tons preto, verde, vermelho e amarelo. O sol tinha cor preta. As pessoas tristes não entendiam o porquê dessa aparição da ancestral tão nostálgica e amedrontadora. Até que tudo fez sentido, um pequeno ser negro havia chegado ao mundo sem vida. Depois de fazer um ritual de oferenda às divindades, daquele minúsculo corpo negro que jazia nos braços de sua mãe inconsolável, a ancestral desapareceu.

A hora dos festejos pela comemoração do “Dia Nacional do Ser Negro” enfim chegou. Muitas cores e fogos de artifícios decoravam aquele ambiente. Tambores vibrantes, muitas danças diferentes e sorrisos largos. Era interessante esse dia especial, pois aconteciam muitos rituais, competições e brincadeiras tradicionais.

Percebi, por exemplo, num certo momento, que duas crianças pintadas de azul e com máscaras para o realce de seus olhos e bocas faziam piruetas e se equilibravam nas pedras de um riacho. Era uma brincadeira que consistia em ultrapassar de uma ilhota para um monte de pedras verdes, sem escorregar e cair na água, uma



tradição entre as crianças. Quem fosse atravessando sem se desequilibrar mergulhava imediatamente no poço sagrado do ser negro. Ele tinha água salgada do mar, aquela mesma água que avistei no início da minha viagem lá na praia.

Outra tradição interessante entre os jovens foi a que vi acontecer com dois garotos pintados de vermelho. Eles se aproximavam correndo de três tábuas na intenção de escalá-las. Eram de cores: verde, azul, vermelho e amarelo.

Nesse momento senti muita vontade de sair do balão. Era um incrível sentimento de euforia que tomava conta do meu corpo. Desejei dançar guiada por todos aqueles sons mágicos. Tambores frenéticos respingavam sons para todos os cantos do lugar do ser negro. Saltei imediatamente do balão e dancei muito. Dancei tanto, tanto, tanto, que em determinado



momento senti minhas tranças todas para cima, elas pareciam ter vida própria, obedeciam apenas os batiques dos tambores. Foi muito bom!

O tempo foi passando e a festa acabando. Muito cansada me recostei em uma árvore para descansar um pouco. Nesse instante, as pessoas passaram a arrumar suas coisas para voltarem às suas casas.

Uma mulher muito bonita, com vestido colorido de verde e preto, colocou seus pertences na cabeça e seguiu seu rumo juntamente com suas crianças. Um menino que segurava seu braço, um outro a acompanhava sobre um skate e uma terceira criança sobre seus patinetes. Dois garotos, que seguiam um pouco a frente da mulher e de seus filhos, insistiam em dançar, guiados ainda pelos sons dos tambores que ouviam ao longe. Um grupo de três pessoas, que já haviam se distanciado um pouco mais, ainda pensava o quão foi bela a comemoração do “Dia nacional do Ser Negro”.

Depois de todas estas pessoas sumirem do meu campo de visão, parei meu olhar na bandeira do lugar do ser negro. Ela é linda. Traz as cores preta, vermelha, amarela e verde. Deixei minha mente divagar. Não sei o motivo, no entanto tive muita vontade de chorar, então chorei. Senti-me feliz por



estar vivendo aquelas coisas, com aquelas pessoas, naquele lugar. Senti-me tão feliz, pois notei que em meu peito estava escrito “100% eu”. Era o meu estado de espírito falando por mim. Pela primeira vez estava em casa. Era a minha casa, o lugar do ser negro. Meu cabelo

crespo e minhas lágrimas negras não me deixavam mentir, eu também era um ser negro. Foi emocionante essa descoberta.

Hoje estou aqui olhando para essa tela e lembrando esta viagem inesquecível que fiz há muito, muito tempo atrás. Passear no lugar do ser negro pode ser muito revelador, excitante e muito divertido. Pode também ser amedrontador e difícil. É possível encontrar dor e angústia. Enfim, é um encontro que pode fazer você encontrar o fio colorido para tecer um painel de múltiplas subjetividades.

### **13. Comentários de bastidores sobre a tela**

Depois da leitura de Rebeca, orientadora e orientanda estão conversando sobre algumas figuras do conto. As duas comentam que as palavras escritas na tela podem representar um possível problema. Sandra diz que, por ser um grupo de universitários, a vontade de escrever, sintetizar algo em palavras escritas é muito grande. Macu e eu vemos nos olhos de Rebeca quão arrependida ela está por ter permitido ao grupo a escrita. Ela se pune por ter deixado escapar a orientação que Sandra já havia passado a ela e aos outros orientandos: Escrita, evitar se possível no momento da produção plástica.

— Macu, as palavras são tão boas, tão lindas. Coitada da Rebeca né. O que é que a Sandra quer afinal, que as pessoas escrevam coisas feias sobre o lugar do ser negro é? Coisas feias já têm demais na vida real Macu. Que é que há! Era então pra botar o que o Jonas diz comigo: nega veia feia, nega do Pajeú, bicha veia fia do cão e mais ainda.

— Não é bem assim, menina Zica! O que as duas estão conversando é que numa oficina sociopoética desse tipo, a tela multiconceitual, o propósito é proporcionar as pessoas à possibilidade de produzir o novo e com o menos de racionalidade possível. Se fosse para escrever, como nos trabalhos da faculdade, não seria necessário tanto empenho e preparação para a produção plástica.

— Mas as palavras, mesmo assim são tão positivas, veja: Harmonia, mar, multicultural, sentimentos, descolorir, respeito, respeito, vida, amor, 100% eu, história, dança, cultura, liberdade, justiça, raça, paz, negritude, ser, humano, cor.

— Pode até ser, mas as duas suspeitam que essa técnica possa não ter sido muito boa e, um dos motivos talvez sejam as palavras escritas em meio aos desenhos.

### **14. Comentando a análise plástica**

Todos já se recolheram para dormir. É tarde da noite para o sertanejo. Rebeca, na escuridão do seu quarto, pensa sobre o conto que acabara de fazer. Muitas coisas mexem com ela. Aquele conto é parte dela de alguma forma. Seus olhos voltados para a janela do quarto a fim de ver o luar, a noite do sertão e o conto, aquele conto do lugar do ser negro.

— Macu, o que você achou do conto de Rebeca?

— Ela fez a viagem ao lugar do ser negro no momento em que analisava a tela. Você viu. Ela era naquele momento a menina negra de vestidinho amarelo. Para ela o ser negro também está sendo revelado e muito desse ser negro está no que ela viu na tela, Zica. O ser negro é ela mesma, é cada uma daquelas crianças coloridas do conto, é o urubu negro. Ser negro é preparar todos aqueles rituais, festejos, canções, batuques. Ser negro no conto da nossa pesquisadora pode significar também separação, encontros, banho de mar, brincadeira de criança e de adolescente. Está prosperando no impossível, que é uma anciã grávida, entre outras coisas.

Rebeca é como você, procura conhecer o ser negro, ou os muitos seres negros que estão dentro dela mesma. Essa tela é só uma das formas dela trazer para fora o que está lá dentro de si.

— Mas se você prestou atenção, ela pouca importância deu às palavras.

— É verdade. Ela procurou fugir da influência e do poder dos escritos dos co-pesquisadores.

## 15. Análise Classificatória

Macu e eu avançamos no tempo e fomos acompanhar um outro tipo de análise feita por um pesquisador sociopoeta. É a tal da análise classificatória. Estamos acompanhando nossa pesquisadora observando atentamente os relatos e produções escritas feitas pelos co-pesquisadores.

— Macu, enquanto ela estuda essa papelada toda, me fala mais sobre a análise classificatória para que eu acompanhe melhor.

— Zica, menina do sertão, estou muito satisfeito com seu interesse. Você é tão envolvida quanto a Rebeca nessa pesquisa.

— A cada novo fato que visitamos me dá mais desejo de saber sobre esse ser negro que eu tanto aprendi a rejeitar, amigo Macu.

— Certo menina Zica. Fazer análise classificatória é procurar categorias no conjunto dos relatos. Tudo o que foi formulado sobre a tela, por exemplo, está sendo analisado pela

Rebeca. A intenção dela é perceber a estrutura do pensamento do grupo em meio a todos os relatos e produções escritas. Isso não significa que as idéias estão dissociadas. Há uma inter-relação entre todas as idéias. Contudo é preciso fazer esse exercício de categorização para o bom entendimento das vozes que foram ouvidas, como eu já havia comentado.

No dispositivo “Tela multiconceitual” Rebeca acaba de encontrar as seguintes categorias:

- a) O que cada um pensa do ser negro;
- b) O que viu/sentiu na viagem ao lugar do ser negro;
- c) O que a tela retrata;
- d) Imagens da África.

A partir do agrupamento de idéias nas categorias encontradas, ela estabelecerá relações de *convergências*, *divergências*, *ambigüidades*, *oposições* e até de *paradoxos* presentes em cada um destes quatro agrupamentos de idéias.

— Então vejamos Macu, o que essa análise nos permitirá perceber:

<b>A: O que cada um pensa do ser negro</b>
<p>1. (Relato 11)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando a gente pensa também em negro é importante lembrar a escravidão.</li> <li>- O negro, não foi tão submisso quanto se imagina que ele foi.</li> <li>- Porque eu já ouvi pessoas falando: Ah o índio resistiu à escravidão, o negro não. O negro cedeu, o negro foi fraco.</li> </ul>
<p>2. (Relato 9)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Toda essa construção do que é ser negro [...] nós somos diferentes.</li> </ul>
<p>3. (Relato 6)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que cada um pensa ou pensou do ser negro: a diversidade de cores.</li> <li>- Eu destaquei o vermelho e o preto que a meu ver expressa o negro, porque são cores fortes e marcantes.</li> </ul>
<p>4. (Produção escrita 13)</p> <p>Se todos falam em Esperança FRaternidade</p>

<p>UNião</p> <p>Liberdade</p> <p>Igualdade</p> <p>Amor, é porque um</p> <p>Outro mundo ainda é possível.</p> <p>Vamos arregaçar as mangas?</p>
<p>5. (Relato 10)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Acho que todo mundo relacionou muito essa questão do negro com a sua cultura.</li> <li>- Seu jeito e a sua maneira de vestir também.</li> <li>- Com muitas cores. Está retratado assim, bem colorido.</li> <li>- Acho que fica bem evidente, bem vivo, tem um movimento.</li> </ul>
<p>6. (Relato 12)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Essa questão de ser negro está incluída em cada um de nós.</li> <li>- Todos nós temos uma parte negra contida, porque isso faz parte de nossas raízes, faz parte da nossa cultura. É inegável.</li> <li>- Todos nós somos negros de uma forma ou de outra.</li> </ul>
<p>7. (Produção escrita 13)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser negro está no nosso íntimo, no mais profundo dos sentimentos.</li> <li>- Algumas vezes está escondido, quieto.</li> <li>- É apenas trabalho de braço visto nas mulheres que carregam o cesto na cabeça.</li> <li>- Noutras horas, o ser negro solta-se, cria asa.</li> <li>- É ser índio</li> <li>- É ser branco</li> <li>- É encontrar-se com a fé.</li> <li>- É encontrar-se com o amor.</li> <li>- É ser brasileiro.</li> <li>- Ser negro também é história, é uma nova história que contamos através das cores que servem pra alegrar, pra ser vida.</li> </ul>
<p>8. (Produção escrita 15)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A idéia do ser negro ainda surge confusa.</li> </ul>
<p>9. (Relato 17)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu tenho notado é só a imagem ruim dos negros.</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eles imaginam o negro sofrendo.</li> <li>- {Eles imaginam] o negro na miséria.</li> </ul>
<p>10. (Relato 18)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Veio a comparação com os negros, cada um nas suas tribos.</li> <li>- Eles têm muita cultura, muita coisa pra mostrar e ao mesmo tempo na escravidão não puderam demonstrar nada.</li> <li>- Eram só produto. Como se eles não tivessem a cultura deles. Como se eles fossem mesmo objetos.</li> </ul>
<p>11. (Relato 20)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O ser negro, ele sempre se manifesta através das cores. Ao mesmo tempo, a gente associa a ele as cores.</li> </ul>
<p>12. (Relato 21)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O negro, naquela época [da escravidão] [...] foi massacrado.</li> <li>- O negro naquela época [da escravidão] não teve indenização, não teve como sobreviver. Ele teve que arranjar uma maneira de viver, correu atrás e nos estamos aí.</li> </ul>
<p>13. (Relato 23)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu vejo eles [os negros] como um todo e como meu irmão.</li> <li>- Essa alegria, essa vontade dele [ negro] ser livre, que nem aqui na universidade, eles conseguem manter e preservar a sua cultura.</li> </ul>
<p>14. (Produção escrita 19)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A concepção de ser negro se resume na cor da pele.</li> </ul>
<p>15. (Produção escrita 17)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Há desenhos que expressam as tristezas do negro.</li> <li>- Eles acabam sofrendo por conta do preconceito.</li> <li>- [Eles acabam sofrendo] por conta de uma vida miserável e difícil.</li> <li>- Porém, o seu colorido nos faz ver as suas alegrias, pois apesar do sofrimento eles são felizes.</li> </ul>
<p>16. (Produção escrita 30)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que mais chamou atenção foi a presença de interrogações, pois o grupo ainda não tem uma idéia inteiramente formada do que seja esse “Ser Negro.”</li> </ul>
<p>17. (Produção escrita 23)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O ser negro [...] é um povo feliz.</li> <li>- É um povo forte.</li> </ul>

- É um povo autêntico.
- É de uma cultura riquíssima.
- A união e a fraternidade são vínculos que unem esse povo que é muito discriminado.
- São pessoas batalhadoras que lutam para preservar sua cultura.
- Acho lindo esse espírito de amor que os unem.
- Mesmo na adversidade continuam firmes e com vontade de prosseguir seu caminho.
- O mais importante é que são nosso próximo..
- Devemos muito a esse povo que veio enriquecer o nosso país e foi muito massacrado no período da colonização pela ignorância do nosso colonizador Portugal.
- Ser negro é ser feliz.
- É amar sua cultura.
- É principalmente ser humano e filho de Deus em paz e harmonia.”

18. (Produção escrita 33)

- Podemos perceber ao longo da história que o ser negro sempre foi discriminado, injustiçado, explorado.
- O negro só queria ser reconhecido como “gente” e ter uma vida digna, com paz, liberdade, alegria e amor.
- Ele queria ter VIDA, uma vida colorida, como representa as pinturas.
- [Ele não queria ter uma vida] cinza que nem eram acostumados a ter.

19. (Relato 26)

- Realmente tem pessoas que acham que eles não são gente.
- [Realmente tem pessoas que acham que eles são] diferentes.
- Mas a gente viu que eles têm alegria.
- Eles são um povo alegre que têm sol, luz.
- [Eles têm] cores amarelas, verde, azul, branco, vermelho.
- Eles trabalham, se esforçam [...] sofrem, mas vivem com esperança de que o preconceito um dia vai acabar e de que tudo vai se normalizar.

<p>20. ( Produção escrita 18)</p> <p>- A tela vem expressando um pouco do que é ser negro: mostrando a diversidade da cultura negra, que incluem danças, modo de vestir.</p> <p>- e [...] mostram que é um povo unido,</p> <p>- [povo] forte que sempre lutou e lutará para ter respeito e ser tratado como igual.</p>
<p>21. ( Produção escrita 30)</p> <p>O aparecimento de formas humanas em diferentes cores (vermelho, amarelo, azul, preto) me passou a idéia de que a cor e a forma não é o essencial para se descobrir o que é o “Ser Negro”.</p>
<p>22. (Produção escrita 20)</p> <p>Vemos a dificuldade de definir esse ser que é negro, mas não que isso fosse uma necessidade, porque o que todos querem é a busca pela cultura, paz, amor, liberdade, sem a preocupação de definir.</p>
<p>23. (Relato 2)</p> <p>- Pra mim eu não vejo diferença entre ser branco e ser negro.</p> <p>- Não sei por que essa colocação de ser negro.</p>
<p>24. (Relato 7)</p> <p>-[...] hoje eu vejo que os sentimentos que eles [queriam era de] justiça, liberdade, alegria.</p> <p>- O que eles queriam era ter amor, ser conhecido como ser humano e não como um objeto. - [O que eles queriam era] não serem explorados.</p>
<p>25 ( Relato 22)</p> <p>- O que eu não consegui ver foi o ser negro. Eu fiquei questionando a palavra ser. Ser o que? Ser vivo? Ser humano? Eu pensei nesse ponto. Causou-me dúvida</p>
<p>26 (Relato 24)</p> <p>- Eu tentei me questionar o que é ser negro é em que sentido é esse ser negro.</p> <p>- Se faz diferença ser negro, ser branco.</p> <p>- Onde ele vive?</p> <p>- Ser negro não é a cor.</p>

CRUZAMENTO

**Convergentes**

- 6 e 7 são convergentes por deixarem entrever que todos nós temos uma parte negra, que ser negro está no nosso íntimo, no mais profundo dos sentimentos.

- 1, 9 e 19 convergem por conferirem à 3ª pessoa ter uma imagem ruim, negativa do ser negro.

- 10, 13, 15, 17,18, 19 convergem por verem o ser negro como o outro, a 3ª pessoa do verbo.

- 1, 10, 12, 17 e 18 convergem pelo fato de relacionarem o ser negro à escravidão, ao passado.

- 5, 6, 10, 13, 17, 20 por terem associado o negro com a sua cultura.

- 10, 13 e 17 convergem por verem a cultura negra como a cultura do outro.

- 16, 25 e 26 convergem por terem revelado sentir dúvida ao se perguntarem sobre o ser negro.

- 13, 15, 17 e 19 convergem ao coadunarem com a idéia de que ser negro é ser feliz e alegre.

- 17,18 e 19 convergem porque vêem o ser negro como discriminado.

-18 e 24 convergem por concordarem com a idéia do negro ter sido explorado.

- 10 e 24 convergem por fazerem a relação do ser negro a objeto.

- 8, 25 e 26: as três denotaram sentir dúvida, em relação ao que significa esse ser negro.

### **Divergentes**

- 13 diverge das demais por afirmar ver o ser negro como irmão.

- 17 e 20 são divergentes, porque na 17 o ser negro é visto como aquele que luta para preservar sua cultura. Em 20 o ser negro é o que luta pela igualdade.

- 19 diverge de 7 porque em 19 é conferido ao ser negro a característica de trabalhador esforçado. Já em 7 é dito que ser negro é apenas trabalho de braço.

- 7 diverge das demais por afirmar que ser negro é ser brasileiro.

- 7 diverge das demais por dizer que ser negro também é uma nova história que contamos através das cores que servem para alegrar, pra ser vida.

### **Opostas**

- 13 e 23 são opostas a 2, pois para as primeiras não há diferença em ser branco ou ser negro, já para 2 há diferença em ser negro.

- 1 e 10 são opostas uma vez que 1 revela que na escravidão o negro não foi submisso, Já o 10 deixa entrever que o ser negro escravizado não pode demonstrar sua cultura porque era só produto.

### **Ambígua**

- 19: Ao enfatizar que o ser negro tem sol e luz.

## **A.1 SUBCATEGORIA CORES**

### **Convergentes**

- 3, 5 e 11 convergem porque relacionam o ser negro a diversidade de cores, ao colorido.

### **Divergentes**

- 11 diverge de 21 porque o 11 considera que o ser negro sempre se manifesta através das cores, já o 21 acha que a cor não é essencial para se descobrir o que é ser negro.

- 3 diverge das demais porque relaciona o ser negro ao vermelho e ao preto por considerar que, assim como estas duas cores, o ser negro é forte e marcante.

- 5 diverge das demais porque acha que o ser negro é como sua maneira de *vestir*: com muitas cores, bem evidente, bem vivo, dá um movimento.

- 19 diverge das demais porque deixa entender que o ser negro tem cores: amarela, verde, azul, branca e cor vermelha.

## **B. O que viu/sentiu na viagem ao lugar do ser negro**

1 (Relato 5)

- O lugar do negro é o mundo.

- Acho que não tem um lugar restrito, ele está em todo canto. A diáspora negra permitiu isso.

2. (Relato 2)

- Eu vejo que o mundo do ser negro é como se fosse um palácio pra ele.

- Lugar muito bonito.

- Eu imaginei um castelo no lugar do ser negro.

3. (Relato 4)

- Ambiente totalmente natural onde vivia uma aldeia.

- Nessa aldeia conviviam várias pessoas negras.

<p>- Nessa comunidade, nessa união coletiva, essas pessoas viviam de forma harmoniosa.</p> <p>- Tudo era dividido e todos se tratavam iguais, não tinha hierarquia.</p> <p>- Cultivavam a sua cultura, valorizavam suas tradições.</p> <p>- Vi que essas pessoas [...] voltavam presas na corda do balão que eu viajei. [...]</p> <p>Passava nessas pessoas um sentimento de aflição, de tristeza, por que elas estavam sendo tiradas do habitat delas, da vivência, da cultura delas.</p>
<p>4. (Relato 7)</p> <p>- Eu resgatei uma lembrança de quando eu estive na Bahia de um lugar onde os negros ficavam na época da escravidão.</p> <p>- Fica embaixo do mercado modelo.</p> <p>- É um lugar subterrâneo.</p> <p>- Um lugar muito abafado.</p> <p>- Eu fiquei imaginando como seria naquela época, aquele lugar, quente abafado sujo lotado de seres negros.</p> <p>- Como ele se sentiu? Então eu senti muita dor e sofrimento por causa daquelas pessoas.</p>
<p>5.(Relato 6)</p> <p>- Um lugar onde existia harmonia.</p> <p>- Não existiam essas diferenças.</p> <p>- Cada um tinha o seu trabalho.</p> <p>- Era uma cidade mesmo.</p> <p>- Pessoas tanto negras quanto brancas.</p> <p>- Diversidade na rua e cada um indo pro seu trabalho ou então estudando.</p> <p>- Uma vida onde havia harmonia e uma vida comum.</p>
<p>6. (Relato 11)</p> <p>- Eu me imaginei numa comunidade negra. Não sei assim dizer qual era o lugar do globo.</p> <p>- Fui recebida por uma família com roupas bem alegres, bem coloridas.</p> <p>- Lá tem muita liberdade, liberdade cultural, liberdade de atitudes, liberdade de uma maneira geral.</p> <p>- Vi a liberdade e ao mesmo tempo vi a escravidão.</p>

<p>7. (Relato 12)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Vi-me vi sobre o deserto.</li><li>- Lá em baixo vi duas crianças caminhando como se estivessem atravessando de uma localidade a outra, fugindo da fome.</li></ul>
<p>8. (Relato 13)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- A viagem me trouxe um pouco de sofrimento.</li><li>- Ser negro levou-me à escola. Alguém que disse que lá eu não pude, por ser negra, me ver.</li><li>- Muitas famílias carentes e negras [na escola].</li><li>- Reportou-me também à escravidão, mas ao mesmo tempo esse balão me levou a um mundo de esperança. [...] Que um outro mundo é possível a partir da atitude de cada um.</li></ul>
<p>9. (Relato 14)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu me vi numa floresta onde a vegetação era rasteira.</li><li>- As árvores eram muito longas, eram altas.</li><li>- A luz era gostosa. A luz do ambiente era a luz solar, gostosa, de paz.</li><li>- O ser [estava] presente em tudo.</li><li>- Não tinham pessoas em si. Eu observava que eu não era uma pessoa em si, que o ser estava integrado em tudo e fazia parte de tudo aquilo.</li></ul>
<p>10. ( Relato 16)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Uma paisagem tipo uma ilha deserta, que não tem ninguém perto de mim.</li><li>- Eu vi um monte de gente, um monte de pessoas de cor escura todos negros dançando. - Tinha uma fogueira, não tinha casa.</li><li>- Tinha um monte de cabanas.</li><li>- As pessoas estavam dançando meio que tipo feridas, tinham marcas nos braços, como se tivessem passado muito tempo com correntes.</li><li>- Então eu chegava lá e não conseguia entender se as pessoas estavam comemorando ou não. Se elas estavam tristes ou se elas estavam felizes.</li><li>- Depois saía no balão e vinha aqui pra faculdade.Olhava pras pessoas aqui na faculdade. Eu ficava imaginando que lá, as pessoas estavam com as feridas á mostra e aqui as escondem.</li></ul>
<p>11. (Relato 21)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- A minha viagem [...] eu sonhei como se eu tivesse no quilombo.</li></ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lá os homens estavam trabalhando, as mulheres também.</li> <li>- Eles cantavam. Estavam muito alegres.</li> </ul>
<p>12. (Relato 22)</p> <p>Na viagem o que eu sentia, era como se eu tivesse voltando pra casa mesmo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- No sentido de voltar pra casa e ser acolhida, de estar entre o meu povo, entre minha gente, entre pessoas que me amem.</li> <li>- Quando eu cheguei lá, tinha muita gente, mas não tinha só negro, tinha todas as pessoas.</li> <li>- Tinha muita dança. Eles estavam dançando e festejando.</li> <li>- Mas, tinha uma parte lá escura, uma parte lá que ninguém ia, que era a história, uma coisa meio, eu não consigo lembrar muito bem. Era a história do negro.</li> <li>- Era uma coisa isolada mesmo.</li> <li>- Eu queria ficar lá, mas não deixavam eu ficar.</li> <li>- A impressão que eu tive é que tinha uma senhora linda de uns quase cem anos. Acho que ela me levou até o balão. Ela tinha um olhar tão sábio, tão penetrante. Eu conseguia sentir isso.</li> </ul>
<p>13. (Relato 26)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu estava andando na minha viagem e num lugar muito bonito.</li> <li>- Quando eu abri os olhos, era como se eu tivesse de olhos fechados.</li> <li>- Não tinha ninguém, só eu sozinha estava andando.</li> <li>- Tinha árvores, só que eram bem longe de mim.</li> <li>- O lugar era baixo, descida, [...]. Tinha uma grama verde.</li> <li>- O sol, a luz era bem aconchegante era como a luz do amanhecer.</li> <li>- Quando se falou do lugar do ser negro na minha mente rapidamente, passou um terreno semi-árido, seco. Mas depois, passou tudo e continuou no mesmo lugar onde eu estava.</li> <li>- Não existe distinção entre o lugar do ser negro, o lugar do branco, do amarelo, asiático, indiano.</li> <li>- Todas as pessoas foram feitas à imagem e semelhança de Deus, como foi retratado anteriormente.</li> </ul>
<p>14. (Relato 27)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A primeira coisa que me veio na cabeça foi que é uma praia.</li> <li>- Porque é onde todo mundo se toca, se vê, fica semi-pelado, sem ter vergonha</li> </ul>

<p>de nada.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O mundo reunido numa praia. Ninguém para pra pensar: aquele ali é feio, aquele ali é gordo, aquele ali é negro.</li> </ul>
<p>15. (Produção escrita 30)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observa-se a presença de muitos sentimentos.</li> <li>- Mais do que um local físico.</li> <li>- Foi imaginado a emoção e o sentido que o lugar do “Ser Negro” trouxe para cada um, individualmente e coletivamente.</li> </ul>
<p>16. (Relato 19)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- No momento em que eu cheguei [no lugar do ser negro] eu já me senti o próprio daquela raça negra.</li> <li>- Era como se fosse aqui normalmente.</li> <li>- Eu sentia um pouco de exclusão. Eu achava que por mais que fosse o cotidiano sentia que eu procurava me excluir e me excluía daquela situação.</li> </ul>
<p>17. (Relato 8)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se eu estivesse no meu interior.</li> <li>- Aquele verde.</li> <li>- Não passou nada de imagem de negro.</li> <li>- Porque na minha cabeça não existe essa palavra de etnia, cor, essas coisas.</li> </ul> <p>Pra mim todo mundo é um ser humano, todo mundo merece respeito e todo mundo é igual. Então pra mim não tem diferença.</p>
<p>18. (Relato 24)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que eu cheguei a imaginar foi uma caverna daquele mito da caverna do Platão.</li> </ul>
<p>19. (Relato 25)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Na minha viagem eu fui parar numa cidade pequenininha muito verde, muito mesmo.</li> <li>- Eu senti foi calma e felicidade.</li> <li>- O que eu vi foi muitas pessoas e elas eram tão calorosas. Elas eram tão afetivas que passou calma pra mim.</li> <li>- Tinha um parque com muitas crianças. Existiam crianças negras e crianças bem loirinhas brincando juntas.</li> <li>- Estava tendo um casamento. Nesse casamento tinha a noiva, era bem loirinha</li> </ul>

e o noivo era negro.

- Estava todo mundo feliz.
- Aquela união das raças, todo mundo junto, todo mundo comemorando.
- Eu senti essa felicidade naquele momento.

## CRUZAMENTO

### **Convergentes**

-3 e 5: pois no lugar do ser negro não existia diferença, todos eram tratadas como iguais, sem hierarquia.

-2 e 13 convergem porque descrevem o lugar do ser negro como um lugar muito bonito.

-11 e 19 convergem porque os dois relatam que no LSN as pessoas demonstravam estarem alegres e felizes.

- 4 converge com 8 porque ambos revelaram sentir sofrimento no LSN.

- 16 e 12 convergem no tocante a ambos se sentirem negros ao chegarem ao LSN.

- 13, 12, 19 e 5 convergem porque caracterizam o LSN como um espaço que possibilita as relações inter-étnicas entre os seres. Lá, nesse lugar pode habitar tanto o negro quanto o branco, assim como as outras etnias.

- 4, 6 e 8 convergem ao caracterizarem o LSN como o lugar da escravidão.

### **Divergentes**

- 10 e 3 - 5 e 12 porque nas duas primeiras o lugar do ser negro (LSN) só tem pessoas negras, já em 5 e em 12 o lugar do ser negro tem pessoas tanto negras quanto brancas.

- 4 divergem de 9 porque em 4 o lugar do ser negro é subterrâneo, abafado, sujo e lotado de seres negros e já em 9 o lugar do ser negro é arejado como sendo uma floresta de vegetação rasteira e árvores altas com luz solar e paz.

-3 e 5 divergem no tocante ao espaço físico, porque em 3 o LSN é um ambiente natural. Ao passo que em 5 o LSN é uma cidade.

-1 e 3 divergem em relação ao tamanho e a natureza do espaço físico do LSN, uma vez que o 1 revela que esse lugar é o mundo e o 3 afirma ser uma aldeia.

- 4 diverge 19 já que 4 revelou ter sentido dor e sofrimento no LSN, enquanto 19 deixa entrever que sentiu calma e felicidade.

-6 e 8 divergem porque apesar de ambos verem o LSN como espaço de escravidão, o 6 diz que esse é também um lugar de liberdade, ao passo que 8 diz haver no LSN também esperança.

-19 diverge de 13 porque o LSN em 13 é semi-árido e seco, já em 19 o LSN é uma cidade pequena muito verde.

-12 e 10 divergem porque apesar de ambas terem revelado que as pessoas no lugar do ser negro estavam dançando, em 12 elas dançavam para comemorar, festejar, já em 10 elas dançavam com os braços feridos e não deixavam claro se estavam tristes ou felizes, se festejavam ou não.

-11 diverge de 4, pois em 4 o LSN é no estado da Bahia, já em 11 é no quilombo.

- 14 diverge dos demais porque imaginou o LSN como uma praia onde todos se tocam, se vêem e ficam semi-pelados sem parar para pensar quem é gordo, feio ou negro.

- 15 diverge de 18 porque em 15 o LSN não é um lugar físico e sim de sentimentos, já em 18, o LSN é um espaço físico, a caverna.

- 16 diverge das demais por ter descrito o lugar do ser negro como sendo a sua própria realidade, onde sentia um pouco de exclusão.

- 13 diverge de 19 porque em 13 o LSN não tinha ninguém, já em 19 o lugar do ser negro tinha muitas pessoas e elas eram coloridas, afetivas e calmas.

- 12 diverge das demais porque deixa entrever que certas áreas do LSN eram escuras e que lá ninguém ia. Esse lugar escuro do ser negro era a história do negro, uma coisa isolada.

- 12 diverge das demais porque descreve a chegada ao lugar do ser negro como se fosse um retorno à sua própria casa. Onde se sente acolhida pelas pessoas que ama.

- 7 diverge das demais porque revela que viu o LSN no seu imaginário como sendo um deserto com duas crianças fugindo da fome.

- 8 diverge das demais porque o lugar do ser negro é uma escola com muitas famílias carentes e negras. Lá, o negro não podia se ver.

### **Opostas**

-3 se opõe a 11 e 19 uma vez que em 3 os habitantes do LSN sentiam aflição e tristeza, enquanto em 11 e 19 as pessoas do LSN demonstravam alegria e felicidade.

### **Ambíguas**

- 6 deixa entrever certa ambigüidade em sua discrição do LSN haja vista que viu nesse lugar liberdade e também escravidão.

### **Paradoxal**

- 26 demonstra paradoxo ao afirmar que ao imaginar o lugar do ser negro abriu os olhos, mas era como se estivesse de olhos fechados.

## **C. O QUE A TELA RETRATA**

### 1. (Produção escrita 1)

- É como se houvesse uma consciência coletiva de esperança , luta força, respeito, e valorização daquilo que é ser negro.

- Vi questionamentos, dúvidas sobre a realidade, porquês.

- Expressão da cultura, da música, da dança, religiosidade, esboço de alegria, festa, maternidade, liberdade, união entre povos.

- Valorização do indivíduo, de aceitação do outro e de seu espaço e ideologia.

Os meninos pintados expressam um sentimento que representa algo diferente, eles têm movimento, estão soltos, mas tão soltos pra onde? Pra que lado eles estão correndo? De quem? E por quê?

### 2. (Produção escrita 4)

O painel foi construído com muito amor e carinho  
expressão do coletivo de cada um tem um pouquinho

retrata a história de um povo

seus costumes e tradição

trazendo algo de novo

que sai da mente e do coração.

Traz paz e harmonia sensualidade natural,

no universo de alegria mostra todo o ritual.

Tem uma variedade de cores

que transparece certa magia,

reflete um pouco de dor mas isto mostra uma etnia.

<p>3. (Relato 22)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu também achei interessante a divulgação das cores, da mistura de tudo que é a nossa etnia, de tudo.</li> <li>- As palavras: eu achei muito interessante colocar a palavra história.</li> <li>- Eu gostei muito também daquela palavra descolorir, foi num sentido metafórico. mesmo de descolorir o que? Os valores? A idéia? A visão que você tem da cor?</li> </ul>
<p>4- (Produção escrita 9)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Achei muito diversificado culturalmente, simbolicamente.</li> <li>- Apresentando temáticas humanas e da natureza.</li> <li>- Descrevendo os povos e sua cultura, uma criação abstrata da cultura afro.</li> <li>- O respeito pela etnia, com seus rituais e a sua história.</li> </ul>
<p>5. (Produção escrita 14)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Numa imensidão novamente me vejo. Não apenas no meio de pessoas, mas exposta em pensamento num quadro.</li> <li>- O ser é tudo isso, é o que está construído, mostrando ser parte do todo. E o ser negro? - Percebo agora a união.</li> <li>- Percebo quadros de amor.</li> <li>- Palavras de ordem.</li> <li>- Quadros que se abstêm de especificar, que em sua amplitude dimensionam a possibilidade do pensar.</li> <li>- Vivências de luz, trevas e aspirar.</li> </ul>
<p>6. (Produção escrita 13)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Saiu do painel um outro mundo.</li> <li>- É possível gritos de justiça, liberdade, respeito e amor.</li> <li>- Uma criança chora ainda tímida.</li> <li>- No outro abre os braços e talvez grita: Estou viva estou aqui.</li> <li>- A vida no painel é bela.</li> <li>- As etnias se abraçam e as diferenças não mais as separam, pelo contrário. Servem para unir, porque se enriquecem na troca das culturas e se confraternizam.</li> </ul>
<p>7. (Relato 14)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Durante essa exposição do painel eu tentei reportar esse sol que tanto aquecia</li> </ul>

que dava essa harmonia, que trazia essa paz.
<p>8. (Produção escrita 15)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vários arco-íris, um sol ali e outro acolá, um monte de bonequinhos.</li> <li>- Uma sugestão de que tudo é bonito, coeso, cheio de harmonia. Entretanto, aparecem também lágrimas e algumas manchas.</li> <li>- Os traços parecem oscilar entre a criação livre e o desejo de “fazer bonito.”</li> <li>- As palavras são utilizadas com grande frequência, como códigos comuns do universo que pinta.</li> <li>- Se todas as pessoas aqui reunidas falam predominantemente de que o mundo do “ser negro” é de paz, amor, alegria, porque tem tanta carga negativa no cotidiano?</li> <li>- Pintar tudo colorido e ter práticas monocromáticas, reacionárias.</li> </ul>
<p>9. (Relato 18)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que eu pude ver é que, apesar deles terem sofrido tanto, pelo menos aqui na tela eles estão demonstrando o sentimento como cultura, paz.</li> <li>- Você não vê tanto sentimento de tristeza, vê mais alegria.</li> <li>- Meu sentimento foi de tristeza no coração.</li> </ul>
<p>10. (Relato 27)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu vejo muita cor</li> <li>- Palavras de liberdade, justiça, harmonia. Mas o que eu realmente leio não é isso. Eu sinto que não é o verdadeiro, só porque a gente quer que seja, porque existe ainda muito preconceito.</li> </ul>
<p>11. (Relato 17)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Retrata tristeza e ao mesmo tempo alegria.</li> <li>- As cores me fazem ver: a alegria apesar das tristezas pela cultura que eles têm.</li> </ul>
<p>12. (Produção escrita 18)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Retrata também os sentimentos que podem ser bons, como: a alegria.</li> <li>- Mas também podem ser sentimentos libertadores, como a própria liberdade, igualdade social, a união, o respeito.</li> </ul>
<p>13. (Produção escrita 21)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mostra a esperança que temos de ter um mundo melhor, um mundo colorido, justo de esperança e igualdade, um mundo de amor, onde todos nós desejamos viver.</li> </ul>
<p>14. (Produção escrita 20)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Expressa um povo que sempre está envolvido por cores alegres; independente</li> </ul>

<p>do seu momento (trabalho, dor).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- É como se as cores mostrassem o real aspecto do indivíduo, o seu interior.</li> <li>- Não quiseram colocar olhos, bocas, narizes nas pessoas, como se fosse tirado o meio de se mostrar interiormente (ausência de sentimentos, alma).</li> </ul>
<p>15. (Produção escrita 17)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vários desenhos mostraram a diferença racial que há e ao mesmo tempo o respeito que devemos ter por essas diferenças.</li> <li>-Mostra também algumas formas de cultura do negro como a dança, o trabalho, o vestuário dentre outros.</li> <li>- Há desenhos que expressam as tristezas do negro</li> <li>- O quanto eles acabam sofrendo por conta do preconceito e por conta de uma vida miserável e difícil.</li> <li>- Porém, o seu colorido nos faz ver as suas alegrias, pois apesar do sofrimento eles são felizes.</li> <li>- Muitas palavras foram escritas como: vida, cor, história, dança, sentimentos, amor, cultura, liberdade, raça, justiça... Será que estas palavras foram escritas juntamente com esses desenhos para que possamos raciocinar criar e viver em um mundo sem tais diferenças?</li> </ul>
<p>16. (Produção escrita 30)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Uma praia pode se transformar num campo e em seguida num alicerce para casas.</li> <li>- Palavras isoladas foram se transformando em desenho, dando sentimento ao bruto.</li> </ul>
<p>17- (Produção escrita 10)</p> <p>É festa no terreiro  A noite que clareia  Os negros com os pés no chão.  A lua se anima  E brilha, e brilha  O ritmo contagia  O negro se arrepia  As cores dão-se as mãos.</p>

<p>Dança negro, dança.</p> <p>Mexe negro, mexe.</p> <p>Ginga negro, ginga</p> <p>Grita e padece.</p> <p>O suor, o corpo, o cheiro</p> <p>A expressão: facial, corporal, sentimental, emocional</p> <p>Sinta, toque, se envolva, se perca.</p> <p>Chore, cante balance, se esqueça.</p>
<p>18. (Produção escrita 31)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Notei muita alegria, muita paixão pelo eu livre.</li> <li>- Mas também tem pessoas que sofrem, lamentam, choram, se unem, trabalham, ou seja, vivem de forma real com seus sonhos e idéias.</li> <li>- O sol está presente quase em todas as cenas da tela. O sol traz consigo a esperança, a renovação do dia e um fim, que é o início de um bom descanso que nos proporciona a noite.</li> <li>- Também vi, além da alegria, a angústia incorporada em algumas faces.</li> <li>- Ninguém vive somente de gozo, de festas, existem trevas concretas que nos levam.</li> <li>- Vem a certeza da angústia e aflição do povo que por tantas vezes chora, entretanto, crê que há uma solução.</li> </ul>
<p>19. (Produção escrita 3)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos os desenhos em geral demonstraram locais onde havia natureza.</li> <li>- Diferentes sentimentos que colaborariam para a mudança de um mundo melhor.</li> <li>- Pessoas se comunicando através da interação e sentimentos, independente de raça ou cor.</li> <li>- A valorização da cultura negra..</li> </ul>
<p>20. (Produção escrita 5)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vejo elementos referentes ao que se entende por “cultura negra” no Brasil.</li> <li>- São danças, rodas, indumentárias, rituais.</li> <li>- Palavras de impacto que indicam a dívida histórica: <b>RESPEITO, JUSTIÇA, LIBERDADE.</b></li> <li>- Não houve a prevalência das cores escuras. Embora existam alguns toques de</li> </ul>

<p>incertezas representadas pelas”?(interrogações).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Raça e cor convivem com o provocativo-romântico “descobrir”, todavia estejam em pólos distantes entre si na tela.</li> </ul>
<p>21. (Produção escrita 8)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O coração que representa o amor.</li> <li>- O sol, os bonecos, as paisagens, os formatos de igrejas, arco-íris, cacto, etc.</li> <li>- As palavras; respeito, amor, liberdade, multiculturalidade, raça, fraternidade, justiça, mar, cor, dança, paz, união, vida, alegria, cultura, harmonia, descolorir e sentimento mostra o que cada um de nós tentou passar através deste painel.</li> </ul>
<p>22. (Produção escrita 11)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Há figuras que representam a igualdade entre as diferentes “cores.”</li> <li>- Religiosidade (igreja), expressões como: cultura, liberdade, justiça.</li> <li>- Pensei na diversidade de etnias que formam o nosso país, assim como várias cores formam o arco-íris.</li> <li>- Há uma mulher com algo sobre a cabeça e segurando na mão de uma criança. São aparentemente pobres.</li> <li>- A imagem me fez pensar nas diferenças de oportunidades geradas, entre outros motivos, pelo preconceito racial e social.</li> <li>- Há também pessoas dançando e muitas cores que me fazem pensar na riqueza da cultura negra.</li> <li>- Uma menina com a frase “100% eu” na camisa que me levou a refletir que o preconceito deve (ou pode) ser quebrado de dentro para fora, amando e respeitando a si próprio é mais fácil cobrar o mesmo do próximo.</li> </ul>
<p>23. (Produção escrita 32)</p> <p>Painel em cores</p> <p>Do caos punge a ociosidade</p> <p>Os conflitos de uma era,</p> <p>que nos apaga</p> <p>que nos engole.</p> <p>Cabeças perdidas</p> <p>na luz escura</p> <p>Enterradas no chão sem cor</p>

Rajadas de sol  
Vasculam o abstrato  
do rabisco  
Do infinito

Quem são eles?  
De que são estes?  
Aqueles sombras soltas  
Num passo branco, outrora  
E agora... estampado  
com sentimentos, emoções alheias.

Sois vós?  
Homens que choram,  
Talvez a agonia  
Talvez a alegria  
Talvez nada!

Crianças que correm  
que dançam  
que têm casa.

Talvez,  
Todos façam parte  
Da mesma curva,  
Da mesma era  
Que almeja: paz!  
Que deseja ser mais  
que só cor.  
Somente dor.

- Muito diversificado culturalmente, simbolicamente.
- Apresentando temáticas humanas e da natureza.
- Descrevendo os povos e sua cultura, uma criação abstrata da cultura afro.
- O amor prevalece.

25. (Produção escrita 16)

Sentimentos se unem  
 Em diferentes cores  
 Justiça, liberdade e cultura  
 Em harmonia de saberes  
 O ser negro tenta mostrar  
 Miséria não se esconde nela  
 Vida sofrida e árdua  
 Na cidade e na favela  
 A beleza das cores fortes  
 O sorriso no rosto  
 Uma raça mostrada na tela  
 Os tons de um povo

26. (Produção escrita 27)

O SER OU NÃO SER CULTURAL?  
 Ser negro, ser Preto,  
 ser gente, ser homem,  
 ser bicho, sem preconceito  
 O ser, ou não ser,  
 O jeito, o defeito,  
 A classe, o direito,  
 A lei, o suspeito  
 O caso, o descaso,  
 A altura no peito.  
 Ser rico, ser pobre,  
 Na cor a malícia  
 De um povo criado  
 Na dor da injustiça  
 A história de prisão,

<p>À inútil libertação,  A revolta de um povo  Perante a nação  A fortaleza encruada  Na pele surrada  Marcada de honra  e glória, tentando  fazer sua história  Em terra onde não  são os donos...</p>
<p>. 27. (Produção escrita )</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Descobrir valores: O mundo todo tem cores.</li> <li>- Mas nossas idéias e valores têm sido pintados pelo homem com cores distorcidas e turvas.</li> <li>- Somos de todas as cores.</li> </ul>
<p>28. (Relato 20)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu vi a dificuldade das pessoas de colocarem feições, expressões e elementos que simbolizassem.</li> <li>- As cores foi o que mais demonstrou.</li> <li>- Mas a feição não foi expressa.</li> </ul>
<p>29. (Relato 25)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apesar de ter parte dela que mostra que existe o preconceito, eu senti esperança de que é possível acabar com o preconceito.</li> <li>- Eu vi igualdade nisso tudo.</li> <li>- Vi o que é a cor da pele.</li> <li>- Não é a cor da minha pele que vai me fazer ser uma pessoa melhor, uma pessoa pior.</li> </ul>

### CRUZAMENTO

#### **Convergentes**

- 1 e 2 convergem porque concordam em dizer que a tela retrata alegria e festa.

- 9 e 11 convergem porque apesar de verem alegria expressa no painel, sentem a tristeza.

- 2 e 3 convergem porque ambos relacionam a variedade/mistura de cores a etnia.

- 23 converge com 20, uma vez que para ambos, o escuro está relacionado a idéia de incerteza/dúvida.

8 e 10 convergem porque ambos revelam certa suspeita de que estados como harmonia, liberdade e justiça expressos na tela não são verdadeiros.

- 13 e 29 convergem pelo fato de concordarem com a idéia de que há na tela esperança de um mundo melhor, justo e com igualdade.

- 17 e 18 convergem por caracterizar o povo negro como o que, mesmo com choro, lamentos, angústia e padecer, eles dançam, trabalham, balançam.

- 15 converge com 25 porque ambos vêm retratado na tela o povo negro com vida miserável, sofrida e difícil.

2, 5, 6, 13, e 21 convergem por afirmarem ter visto o sentimento de amor expresso na tela.

- 29 e 25 convergem porque para ambos as cortes e sua diversidade deixam revelar os sentimentos.

- 12 e 1 convergem porque ambos percebem na tela dimensões parecidas, tais como: união, respeito, igualdade entre os povos.

### **Divergentes**

- 6 diverge de 8 porque o 6 sugere a união entre as etnias, confraternização entre culturas, harmonia e paz. Ao passo que em 8 apesar da tela sugerir que tudo é bonito, coeso e harmônico aparecem lágrimas e mancha demonstrando a carga negativa do mundo.

- 20 diverge das demais por ver na tela pensamento homogêneo, unidirecional.

- 22 diverge das demais porque caracteriza os seres pintados na tela como pobres pela diferença de oportunidades pelo preconceito racial e social.

- 26 diverge das demais porque se refere a cor do negro como a cor da malícia.

- 5 e 20 divergem, uma vez que 5 afirma que as palavras escritas na tela são palavras de ordem, ao passo que o 20 diz ver na tela palavras de impacto que significam dívida histórica.

- 22 diverge de 27, pois apesar de ambos afirmarem que somos de diferentes cores, o 22 acrescenta que há igualdade nestas diferenças.

14 diverge de 15 já que para 14 há sentimentos bons no painel, como: alegria liberdade, união, respeito e igualdade social, enquanto que para 15 o painel expressa a tristeza no negro, seu sofrimento pelo preconceito e por sua vida miserável.

- 14 diverge de 30 no tocante à idéia da cor, pois 14 se referiu a cor como um elemento que demonstra o interior do indivíduo, ao passo que 30 se referiu a cor apenas como tom de pele.

- 14 porque diz ter notado a ausência de feições com o objetivo de esconder o sentimento interior.

### **Ambíguas**

- 10 é ambígua porque deixa entrever que vê nas cores retratadas no painel tristeza e ao mesmo tempo alegria.

18 apresenta idéias ambíguas por que afirma ver retratada na tela alegria, paixão pelo eu livre, mas vê também sofrimento, choro, lamentos e angústia.

## **D. IMAGENS DA ÁFRICA**

### 1. (Relato 9)

-Transportei-me até o Niger, África. Mitologicamente faço parte da filosofia religiosa.

- Senti como se eu estivesse num momento de ritual.

- Foi muito belo.

- Vi a música, o som, os ritmos, os atabaques.

- Foi muito bom.

### 2. (Relato 10)

- Aquele balão me levou para África. [...] sempre tive vontade de ir pra África conhecer a questão dos animais, que eu acho muito bonito.

- Eu cheguei na África num dia muito bonito, muito claro, com muita cor, como eu penso na África, por isso que tem muita cor.

### 3. (Relato 17)

- Eu me imaginei num lugar tipo na África, com todo aquele sofrimento.

-Eu parava próximo a uma casinha muito humilde. Tinha uma velhinha, tinha

crianças descalças, mas todo mundo, apesar de tanta tristeza e toda pobreza, eles eram felizes.

- Eles ficaram meio assustados comigo.
- Eles foram bem acolhedores. Eu pude conhecer um pouco deles.
- Eles vestiam roupas muito grandes, apesar do calor ser muito forte.
- Eu entrei no balão pra voltar e eu senti que eles ficaram meio se sentindo abandonados. [...] como se ninguém mais fosse voltar lá para dar ajuda para eles.

#### 4. (Relato 20)

- A primeira imagem que me foi formada quando eu parti pra alguma região da África, foi aparecer à imagem do Nelson Mandela e de toda a luta dele.
- Eu vi um povoado simples com pessoas sofrendo.
- Até que chegavam pessoas brancas inglesas que mostravam o contraste de sua casa, a autoridade de impor e a submissão, entre aspas, da população explorada.

#### 5. (Relato 23)

- Quando eu me vejo viajando para África, [...] Eu não vejo sofrimento.
- Eu vejo alegria, eu sinto uma alegria tão grande de chegar.
  - Cheguei numa ilha e estava todo mundo lá dançando, se divertindo.
  - Eu acho que o povo africano é aquele povo que, por mais que ele sofra, ele não demonstra aquilo. Ele quer lutar, ele é capaz de lutar por seus objetivos e pelos seus ideais.
  - Vontade de viver, a vontade de mostrar a cultura deles pra todo mundo.
  - Eu imagino uma festa, se for de dia, aquele sol.
  - A noite todo mundo fazendo um luau, se divertindo.
  - Todo mundo junto, sem aquela de ter diferença de cor.

#### 6. (Produção escrita 23)

- Sempre que penso na África imagino um povo feliz e que se ama como são.
- Admiro a criatividade deles na maneira de se vestirem com cores fortes e nos penteados que são variados.

### CRUZAMENTO

#### **Convergentes**

- 3, 4 e 5 convergem porque disseram ter visto na África pessoas sofrendo.
- 3 e 5 convergem porque ambos vêem a África como lugar onde as pessoas

sofrem, mas apesar do sofrimento, são alegres, felizes, lutam.

-1 converge com 5 no tocante a perceber na África lugar de ritual, festa, dança, música.

-1 e 2 convergem porque viram a África como lugar belo, bonito.

-5 e 6 convergem porque vêem na África um povo feliz e alegre.

-3 e 5 convergem porque imaginam que o povo africano é bem acolhedor com os que chegam de fora, com turistas.

### **Divergentes**

-1 e 5 são divergentes de 3 pela imagem descrita da África. Em 1 e em 5 é um lugar belo, com ritmos, música e religiosidade, já em 3 a África é retratada como lugar de tristeza e pobreza.

- 2 e 6 divergem no tocante à cor, porque o 2 vê na África muita cor, já o 6 vê cor nas vestimentas de seus habitantes.

- 2 diverge dos demais porque vê na África animais bonitos.

- 3 diverge dos demais porque vê na África um lugar com crianças descalças.

- 4 diverge dos demais porque caracteriza a África como um lugar de população submissa, explorada por pessoas brancas.

-2 diverge das demais porque vê na África um lugar claro.

-4 diverge das demais porque associa à África a luta e a imagem de Nelson Mandela.

-5 diverge dos demais porque vê no povo africano a vontade de mostrar sua cultura que tanto influenciou o brasileiro.

-5 diverge das demais porque imagina a África como um lugar que não tem a diferença de cor, todo mundo junto.

-3 diverge das demais porque vê na África e no seu povo lugar que necessita de ajuda, povo que se sente abandonado se não for ajudado.

### **Opostas**

3 é oposta a 5 e 6 porque vê na África tristeza e sofrimento, ao passo que 5 e 6 vêem felicidade e alegria.

— O que você achou da tela minha amiga?

— Ainda não sei ao certo o que pensar, Macu! Estou muito atônita com tantas imagens. Agora estou entendendo que é impossível saber o que é o ser negro olhando apenas com os olhos. No caso dessa viagem que presenciamos agora a partir da tela, foram as muitas mãos do grupo sociopoético que souberam dizer sobre o ser negro.

— E não acabou Zica! Nossa pesquisadora também elaborou textos a partir das análises que realizou. Trata-se de estudos transversais da tela multiconceitual. Um esforço de juntar os elementos que foram separados pelas técnicas anteriores.. Nesse caso ela agrupou as idéias (conceitos e confetos) dessa técnica e elaborou quatro textos com estilos mais literários. Vejamos Zica:

## 16. Estudos transversais

### QUEM É O SER NEGRO/A

Vou contar para vocês  
 Um caso que aconteceu  
 Pras bandas do Ceará,  
 Veja o que sucedeu:  
 Uns tais de arqueólogos,  
 Gente metida a doutor,  
 Encontraram uma tela pintada com muita cor.

Dizem que foi pintada,  
 Há muitos séculos atrás  
 E nos traz informações,  
 Importantes por demais.

Dizem que foi feita,  
 Por uns trinta de uma só vez  
 Através de uma tal de sociopoética  
 E respondendo:

**O que é ser negro pra vocês?**

Depois da pergunta feita  
O povo começou a pintar,  
Pensando na indagação,  
Mas pintando sem parar.

Depois de tanta pintura  
De tamanha diversão  
As pessoas expressaram  
Na fala a opinião.

A tela é muito grande  
E teve muito o que falar.  
Basta você ter paciência  
E vontade de escutar.

Lembrar do passado escravocrata  
Tem relação com o **ser negro escravidão**.  
E que o escravizado/a não foi submisso/a,  
Foi essa a afirmação.

**Ser negro cultura é**  
A cultura negra  
Que nunca foi fraca  
Porque muito nos influenciou,  
Sobrepondo-se e encaixando-se à outra cultura  
Ela muito nos tocou.

Todos temos uma parte negra contida  
Que ao **ser negro raízes** está ligada,  
Isso não há como abafar.  
Já que o **ser negro nosso íntimo**  
Reside no mais profundo dos sentimentos.  
Isso é bom sempre lembrar.

**O ser negro é cor.**

Mas, não sei ao certo que cor é esta.

Uma diversidade de cores,

**Ser negro colorido**

Porque às vezes assim ele se manifesta.

Há quem diga que as cores

Sobre o ser negro não dizem nada.

Isso eu não vi antes

Outros já falam do **ser negro preto/ vermelho**

Como seres fortes e marcantes.

**O ser negro vestimenta**

é como se veste:

Com muitas cores, bem evidente.

Já o **ser negro vivo**

Que tem movimento

E o **ser negro**

**Amarelo-verde- azul-branco e vermelho**

É o que as cores dizem dessa gente.

**Ser negro é ser brasileiro.**

Não há o que se discutir.

E também pode ter o

**Ser negro escondido**

Ou **ser negro quieto.**

Nisso podemos divergir.

Tem até o **ser negro trabalho de braço**

Visto nas mulheres

Que na cabeça cesto estão a carregar.

Também o **ser negro cria asas** e solta-se,

E o **ser negro índio/branco**

Que na tela hão de se encontrar.

**Ser negro fé/amor**

É com estes dois elementos encontrar.

**Ser negro é a nova história**

Contada através das cores

Que são vida e servem pra nos alegrar.

**O ser negro sofrimento/miséria,**

É a imagem naturalizada em mim.

Mas nunca admitida.

Essa é sempre a opinião do colega ou do “vizim.”

**Muitas vezes o ser negro outro/distante**

É aquele que está longe do meu olhar.

Aquele **ser negro tribal** que tem sua cultura,

Mas que na escravidão não pode demonstrar.

**Como o ser negro só-produto**

Algo que, provavelmente,

Não pretendo me agenciar.

Da mulher negra escrava

A tela multiconceitual

Teve muito o que contar:

Quando dela o senhor se achamegava,

**Ser negra achamegada,**

A sinhá ficava de vingar.

Os olhos das negras eram arrancados

Os seus seios também

Os homens eram capados

Tortura maior não tem.

O tempo mudou a História

O poder assinou a conveniente abolição.

**O ser negro foi alforriado.**

**Ser negro-sem-pátria,**

**Ser negro-sem-indenização.**

Cada um por si

E a sorte na contramão.

Daí nasceu a violência

Dum povo sem direção.

Que a vida toda foi escravizado

**Ser negro-sem-direitos-de-cidadão.**

E aqueles que viram o **ser negro**

Como o **sujeito irmão?**

Pois vêm todos como

**Ser negro com igualdade,**

Sem preconceito, só felicidade no coração.

**O ser negro dúvida**

É caos e confusão

É aquele difícil de ver

Onde ele vive?

Escondido, pela máquina de invisibilização.

**O ser negro alegre é**

Uma gente com uma cultura a preservar.

**Ser negro é cor-de pele,**

Mas, a nossa cultura não quer acreditar.

Um dia **ser negro** vai ser **normal**

Então evoluiremos sem parar.

**O ser negro foi discriminado/explorado**

Desde o tempo da escravidão.

Sufrimento e violência

Negro conhece na palma da mão.

Desde tempos coloniais  
Lutaram por uma vida digna levar.  
Ser reconhecido como gente  
Para o amor na vida imperar.

Há quem pense que o povo negro não é gente.  
Tanto que o **ser negro trabalho**  
Faz-nos lembrar de negro só trabalhar.  
Mas, **ser negro sol e luz** vive da esperança  
Do fim do preconceito e de tudo se normalizar.

Ser igual ou ser diferente,  
Eis a questão.  
Penso que **ser negro não é cor,**  
Essa é minha opinião.  
Uma parda pode ser mais negra,  
**Ser negra parda,**  
Do que muitas negras por aí.  
Ser uma parda mais negra  
Que as africanas negras,  
Não é difícil existir.

**Ser negro valorização** fala  
Do valor que no negro foi empregado  
É a Consciência coletiva  
Luta, força, esperança nele impregnado.

## VIAGENS AOS LUGARES DO SER NEGRO/A

Planeta Terra, 26 de julho de 2300, capital mundial Estados Unidos.

Estamos iniciando mais um programa DEBATE PLANETÁRIO com o apresentador Charles Branco.

Charles Branco (CB) – Boa noite. O programa de hoje, será dedicado ao Dia de Luto pela Extinção da população Negra. Esse programa será realizado com a participação de 30 alunos, futuros pedagogos, que voluntariamente se inscreveram para fazer uma viagem na cápsula do tempo até o planeta Terra no ano de 2005. A viagem aconteceu há duas semanas e hoje nossos viajantes do tempo estão aqui em nossos estúdios para falarem um pouco de como era o lugar do ser negro nesse período da história do nosso planeta. E então, **com era esse lugar do ser negro?** O que vocês viram? O que vocês sentiram lá?

Bárbara - o lugar do negro [era] o **mundo**. Um lugar bonito, como se fosse um **palácio** pra ele. Era um **Castelo**.

Um Lugar do ser negro *mundo-palácio-castelo*.

Tiago - Era um ambiente totalmente **natural**, uma **aldeia**. Lá as pessoas eram harmoniosas. Havia uma união coletiva. Tudo era dividido e sem hierarquia. Cultivavam a sua cultura, valorizavam suas tradições.

O Lugar do ser negro *aldeia natural*.

José - Eu viajei para a **Bahia**, inclusive o lugar do ser negro que estive é completamente divergente dos dois primeiros já apresentados. Nesse ambiente os negros ficavam na época da escravidão. Ficava **em baixo do Mercado Modelo**. É um lugar **subterrâneo**, um lugar muito **abafado, quente, sujo, lotado de seres negros**. Não vendo só o lado do ser negro mas dele como ser humano. Então eu senti muita dor e sofrimento por causa daquelas pessoas.

O lugar do ser negro *embaixo-do-Mercado-Modelo*.

Matias - Logo na chegada ao lugar do ser negro, o que eu visualizei foi um lugar onde existia **harmonia**, **não existiam diferenças**, onde cada um tinha o seu **trabalho**. Era uma **cidade** com pessoas tanto negras quanto brancas.

O lugar do ser negro *cidade sem diferença*.

Pierre – Fui a uma comunidade negra onde fui recebido por uma família com roupas bem alegres e coloridas. Muita liberdade cultural, liberdade de atitudes, liberdade de uma maneira geral. Vi a **liberdade** e ao mesmo tempo a **escravidão**.

Era contraditório o lugar do ser negro *liberdade-escravidão*.

Ana – Vi-me sobre o **deserto**. Lá em baixo duas crianças caminhando como se estivessem atravessando de uma localidade a outra, **fugindo da fome**.

Era o lugar do ser negro *deserto de fome*.

João – Senti um pouco de sofrimento. Ser negro levou me a **escola**. Alguém que disse que lá eu **não pude, por ser negra, me ver**. Muitas famílias carentes e negras. Reportou-me também a escravidão, mas ao mesmo tempo esse balão me levou a um mundo de esperança.

Era o lugar do ser negro *escola-sofrimento*.

Zeus - De repente eu me vi numa **floresta** onde a vegetação, ela era rasteira, mas as árvores eram muito longas, eram altas e a luz era gostosa. A luz do ambiente era a luz solar, gostosa, de paz. **O ser [estava] presente em tudo**. Não tinha pessoas em si. Eu observava que eu não era uma pessoa em si, que **o ser estava integrado em tudo** e fazia parte de tudo aquilo.

O lugar do ser negro *integrado em tudo*.

Ângela - Era uma **ilha deserta**. Eu vi um monte de gente de cor escura dançando. Uma fogueira, um monte de cabanas, com pessoas dançando meio **feridas**. Elas tinham marcas nos braços, como se tivessem passado muito tempo com correntes. Eu não consegui entender se as pessoas estavam comemorando, se elas estavam tristes ou felizes.

Fui ao lugar do ser negro *deserto das meio feridas*.

Sandra - A minha viagem Foi como se eu tivesse no **quilombo**. Lá os homens estavam trabalhando, as mulheres também. Eles cantavam. Estavam muito alegres

Era o lugar do ser negro *quilombo alegre*.

Barbosa - Na viagem era como se eu tivesse voltando pra **casa** e tivesse sido **acolhida**. Estava entre o meu povo, entre minha gente, entre pessoas que me amavam. Quando eu cheguei lá, tinha muita gente, mas não tinha só negros, tinha todas as pessoas e muita dança. Eles estavam dançando e festejando. Mas, tinha uma parte lá escura, uma parte lá que ninguém ia, que era a **história**. Ninguém ia lá naquela parte. Era uma coisa **isolada** mesmo. Eu queria ficar, mas, não deixavam eu ficar lá. A impressão que eu tive é que

tinha uma senhora linda de uns quase cem anos. Ela tinha um olhar tão sábio, tão penetrante. Eu conseguia sentir isso.

O lugar do ser negro *da casa da acolhida- de- história isolada*.

Antônio - O lugar do ser negro era uma **praia**, onde todo mundo se toca, se vê, fica semi-pelado, sem ter vergonha de nada. **O mundo reunido numa praia**. Ninguém para pra pensar: aquele ali é feio, aquele ali é gordo, aquele ali é negro.

Aquele lugar do ser negro era *a praia do mundo reunido*.

Sérgio - Observa-se a presença de **muitos sentimentos**, mais do que um local físico. Foi imaginada a **emoção e o sentido** que o lugar do “Ser Negro” trouxe para cada um, individualmente e coletivamente.

Fui para o lugar do ser negro *emoção-sentido*.

Denis - No momento em que eu cheguei, eu já me senti o próprio daquela raça negra. Era como se fosse aqui, normalmente. Eu sentia um pouco de exclusão. Eu achava que por mais que fosse o cotidiano sentia que eu procurava me excluir e me excluía daquela situação.

Era um lugar contraditório do ser negro *me excludo-me-excludem*.

Carolina - Eu viajei para o meu interior. Naquele verde. Num passou nada de imagem de negro. Porque na minha cabeça não existe essa palavra de etnia, cor, essas coisas. Pra mim todo mundo é um ser humano, todo mundo merece respeito e todo mundo é igual. Então pra mim não tem diferença.

Esse ambiente é vizinho à cidade sem diferença, por isso tão parecido. Viajei para o lugar do ser negro *interior da não-diferença*.

Amanda - Eu não consegui sinceramente chegar ao lugar, Cheguei ao **mito da caverna de Platão**.

Lugar do ser negro *mito-da-caverna-de-Platão*.

Bruna - Era uma cidade pequenininha muito verde. Senti calma e felicidade. Vi muitas pessoas calorosas. Existiam crianças negras e crianças bem loirinhas brincando juntas. Estava todo mundo feliz naquela união das raças, todo mundo junto, todo mundo comemorando.

Fui ao lugar do ser negro *cidade-união-das-raças*.

CB – Depois de ouvi-los eu reformularia minha pergunta inicial. Perguntaria a vocês: Quais os lugares do ser negro visitados? A impressão que eu tenho é que vocês estiveram em dimensões diferentes!

Zé – E estivemos mesmo. Nas várias dimensões de existência do ser negro no mesmo planeta e na mesma época. Em determinado espaço o lugar do ser negro só tinha pessoas negras, já em outro espaço o lugar do ser negro tinha tanto pessoas negras quanto brancas.

CB – A população negra parece que estava espalhada por toda a Terra. Alguns de vocês fizeram em seu relato descrições de florestas, lugar sujo, lotado e abafado, cidade pequena muito verde, praia, caverna, deserto com crianças famintas, escola, lugar de escravidão. Então os espaços eram de toda a ordem.

Bruna – É verdade Charles. Inclusive houve um lugar visitado que nem um lugar físico era, mas sim um lugar só de sentimentos. Em oposição a esse ambiente, um lugar bastante concreto, o mais óbvio lugar do ser negro daquele tempo, a Bahia.

CB- O quilombo que também foi visitado, era um lugar meio óbvio, pois era um espaço eminentemente negro.

Mas qual de vocês ficou surpreso com o lugar do ser negro que viu?

Ângela – Eu fiquei muito intrigada! Porque apesar dos habitantes estarem dançando, eu tinha dúvida quanto a satisfação da dança. É como se eles dançassem a dor. Diferente do meu colega de viagem que viu a dança dos negros como expressão de festejo, comemoração.

CB – Um de vocês chegou a dizer que visitou um lugar escuro e que ninguém podia ir e fez a relação desse lugar com a História como uma coisa escura e isolada.

Zeus – Para alguns, realmente a História era algo sujo e isolado. Mas não a História como um todo, não era a História da humanidade e sim a História do povo negro que era vista como suja e isolada.

Barbosa – Hoje é impossível pensar um lugar onde tocamos os corpos, onde o outro vê um corpo quase nu, e ao ver não critica sua forma ou sua cor. Isso nós vimos lá. A humanidade atual não consegue mais se permitir a esse ponto.

Zé – Ainda em relação aos sentimentos, é interessante perceber também a diversidade. Vimos gente sentindo dor e sofrimento, enquanto outros já sentiam calma e felicidade. Outros lugares pareciam com nossa própria realidade, como se tivéssemos com nossos parentes e amigos. Alguns espaços eram afetivos por demais.

(CB) – Gostaria de agradecer a presença de todos vocês por terem assumido esse compromisso de terem ido aos lugares do ser negro e estarem aqui hoje colaborando para que esse dia seja sempre lembrado por todos nós.

Bruna – Eu tenho uma revelação histórica para fazer! Gostaria de anunciar em rede planetária que o nosso mundo é apenas parte da realidade. Estamos vivendo presos as nossas ilusões. Estamos acreditando no que nossos olhos nos deixam ver. O mundo não é apenas da elite branca racista, como queremos crer. Nosso comportamento de repúdio á diferença não eliminou o ser negro. Os lugares que ora visitamos não estão distantes. O tempo é relativo, presente e passado se confundem, ou são apenas ilusão? Os desterritorializados se reterritorializaram e respiram independente de nossa vontade racista de extinção.

Em que mundo estamos acreditando viver? Que verdades nos seduziram? Estamos perdidos num fragmento de mundo supostamente superior. Imobiliza-nos uma letargia mental. O sintoma é a cegueira branca que nos impede de ver aqui mesmo, os mundos dos seres negros que por tanto tempo acreditamos serem extintos.

## **RETRATOS DA TELA**

Entre tintas e saberes

Sugestão da união étnica.

Apesar do tudo bonito e coeso

**O ser negro lágrimas e manchas**

Demonstram a carga negativa do mundo.

Às vezes pensamento homogêneo

Unidirecional

Seres pobres

Oportunidades diferenciadas

**Ser negro**

**Filho do preconceito racial e social.**

Seja rico, seja pobre.

**Ser negro cor da malícia.**

Teu povo criado na dor da injustiça.

Disseram de lá:

A pele não faz ninguém melhor ou pior

Disseram de cá:

**Ser negro pele surrada**

Guarda fortaleza encruada.

**Ser negro**

**Pele marcada de honra e de glória**

Palavras de ordem

Escritos de impacto

Que berram:

**Ser negro**

**Dívida histórica!!!**

Respingam em mim

Sentimentos bons

Como manchas do painel

Alegria liberdade, união.

**Ser negro respeito.**

A cor da cor

Fala cor

A cor como indivíduo interior

A cor do tom

Tom que te quero pele.

Etnia é como variedade de cores

Assim como o escuro é a incerteza e a dúvida.

Se duvidar for preciso

Duvido da verdade

Na expressão da harmonia

Da liberdade e da justiça

**No ser negro harmonia-dúvida.**

O ser negro não mostra a face

Teme revelar ao outro

Seu sentimento interior.

O interior velado.

É negro povo negro

Gente de choro e lamentos

Feito de angústia e padecer

Danças , trabalham, balançam

Vida sofrida e difícil.

Tintas de formas

Tintas de cores

Tintas étnicas

Tintas falantes

Tintas de instituir

Tintas instituídas

Tintas de fim

## **IMAGENS DA ÁFRICA**

**África tristeza**

**África sofrimento**

**África sabor alegria**

Feita de tristeza

Bordada de pobreza.

De belo

**África dança**

Ritmos e danças.

Dança África que dança

**África religião.**

**África cor de vestir gente**

**África animais bonitos**

Criança descalça

**África descalça**

**África submissa**

De um explorar da cor branco

África um lugar claro

**Clara África.**

**África é luta**

**África Luta Mandela**

Cultura África é

**África cultura**

**África Cultura Brasil.**

É baião de dois.

**África diferença de cor**

Não, não, não!

**África é cor e junção.**

África

O povo necessitado

**África povo tadinho**

Povo abandonado

Povo que nasceu pra ser ajudado.

**África**

Aquela que **luta**

Dono do sofrer

Tem nada não

Enxuga o suor da testa

Né África!

Sorrir aí! Felicidade África

Ritual, festa, dança, música!

Alegria África!

**África alegre**

**África beleza**

Bonita!!!!

**África acolhedora**

Chega turista, vem!

África acolhe...

Sofre, mas sorrir

**África sofre-sorrindo.**

— E então, o que você achou?

— Estou cada vez mais impressionada com tantas formas de ver o negro. Algumas vezes não me impressiono tanto. São imagens batidas, estou acostumada a ouvir em todos os lugares que ando. Mas, vi e ouvi também muitas idéias novas, diferentes sobre o ser negro.

— Prepare-se Zica! Essa técnica é apenas a primeira.

— Claro que me sinto mais fortalecida. Sinto-me curiosa para buscar mais, ver outras coisas. Mas, ainda é possível mais conceitos e confetos?

— Se está realmente motivada podemos continuar nossa trajetória. O tempo pode nos ajudar em mais aventuras. Desta vez vai ser uma transformação em bicho, afinal de contas, o ser negro é o bicho!

— Como assim o biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiicho.

(Essas histórias Zica e Macu vivenciarão na próxima parte. Até lá.)

PARTE V  
O BICHO DO SER NEGRO/ SER NEGRA

**17. O processo de transformação**

O sol já anunciava três da tarde. Como não estou indo à escola, passei a manhã inteira catando castanhas de caju na fazenda de nosso vizinho com meus irmãos. Recebemos algum dinheiro por cada saca de castanha que conseguimos reunir. Ajudei um pouco minha mãe em casa e pensei bastante em tudo que vivi com meu novo amigo Macu. Estava ansiosa para saber o que ele quis dizer com “O ser negro é o bicho”. Não esperei mais. Saí correndo para o rio Melancias em busca de respostas. Meu coração batia acelerado. O rio estava muito barulhento. Os pássaros estavam agitados. Voavam na copa das árvores. Acho que tentavam me dizer que alguém se aproximava. Ao chegar ao seu leito avistei Macu em cima da minha pedra grande. Estava estranho. À medida que me aproximava, percebia o que acontecia. Macu apoiava-se com mão e pés na superfície da pedra. Tinha a pele como a de um tigre. O rosto e as orelhas também. Ele estava transformado. Senti um pouco de medo, mas arrisquei perguntar o que estava acontecendo.

— O que há com você, amigo Macu?

— Este sou eu bicho do ser negro. Um tigre fera delicada. Nós estamos nos transformando em bicho do ser negro aos poucos, querida amiga, não nota?

Paralisei! Tive muito medo nesse momento. Fui me virando aos poucos para ver meu reflexo nas águas do rio. Olhei ainda gelada. A imagem que vi era muito familiar.

— Que susto, Macu! Não, definitivamente não me transformei em nada. Sou a mesma Zica de sempre.

— Isso é o que você pensa minha amiga. Posso garantir que aquela menininha que conheci há dias atrás não está mais aqui.

Macu interrompe sua fala e recita um poema:

O espaço do desconhecido.

Mundo mágico da imaginação.

Filosofia, ciência e arte dão-se as mãos

E poetizam o científico.  
 O corpo todo fala  
 sobre o ser que é negro.  
 Tempos de transformação e  
 De mutação do ser gente.  
 Bichos surgirão no mundo da imaginação  
 E da subjetividade.  
 É devir animal  
 Potencializado pelo laboratório sociopoético.

O real e o imaginário não podem ser separados. Essa é a sensação que tenho nesse momento. Hoje são 18 de maio de 2006. Estamos na sala dos espelhos da FACED. Os co-pesquisadores sociopoéticos, Rebeca e Cláudia preparam-se para mais uma oficina de produção de dados.

— É isso Zica. Vamos ficar bem atentos. Prepare-se, pois o bicho vai pegar.

Foi isso que fiz. Passei a observar, junto a Macu meio bicho, meio erê, o que nossos amigos sociopoetas iriam criar.

Cláudia, a co-facilitadora da pesquisa, conduz um alongamento de várias partes do corpo. Em seguida, uma linda música do maracatu cearense tomou conta do ambiente com muito axé. Todos dançam com beleza e graça. O ritmo contagiante envolve a todos, inclusive Macu e a mim.

Após o aquecimento, a Rebeca pede que os co-pesquisadores vendemos olhos e fiquem de pé num dos cantos da sala dos espelhos. Aceitando a sugestão de Macu, resolvo assumir o papel de co-pesquisadora e me junto ao grupo também com os olhos vendados. Como estamos num cantinho, quase toda a sala ficou vazia. Minutos seguintes, Rebeca avisa que a sala agora tem alguns obstáculos e nos convida a explorá-la ao som de uma música instrumental. Pé ante pé, todos nós avançamos com cuidado. Posso ouvir as risadas de Macu sempre que tropeço em alguma coisa ou em alguém. A sensação é de insegurança e medo do desconhecido. A música cessa e Rebeca continua:



— *Gostaria que você ficasse onde está e ainda com a venda nos olhos. Respire lenta e profundamente. Concentre-se apenas em você. É preciso encontrar uma outra forma de explorar esse espaço desconhecido. Seu ser irá passar por uma transformação.*

Nesse exato instante posso ouvir uma música com tambores, atabaques e flautas. Parece uma música africana. Rebeca prossegue:

— *Você deixará de ser o que é para transformar-se num bicho. O bicho do ser negro. Respire e sinta essa mutação. Todo o seu corpo sente essa transformação. Aos poucos um outro ser irá surgir. É o bicho do ser negro. Aos poucos tome consciência dessa sua nova condição. Perceba-se, veja como é agora. Você, bicho do ser negro, explorará esse espaço desconhecido. São vários obstáculos a explorar.*

A orientação de Rebeca me causou uma sensação de força e medo ao mesmo tempo. Não sabia mais quem eu era. A Zica menina estava cada vez mais distante de mim. Do corpo de pré-adolescente surge uma mulher negra muito bonita com pele de onça. Eu sou uma mulher negra-onça! Assumi essa condição que provavelmente Macu já vira. É como se essa mutação já viesse acontecendo e eu não tivesse me dando conta dela. Sinto-me segura, mais amadurecida e capaz de reconhecer a fortaleza desse bicho do ser negro que saltou de dentro de mim.

Tanto eu quanto os co-pesquisadores estamos tentando explorar o espaço desconhecido e superar as dificuldades. A força do instinto de cada um de nós nos faz transformados também em bichos do ser negro. A capacidade de criação e da imaginação de cada um faz daquela sala um espaço de múltiplas dimensões. Espaços naturais dos mais variados tipos de vegetação, relevo e hidrografia co-habitam bem aqui. Os bichos do ser negro, uns voando, outros rastejando, de quatro ou duas patas, vivem um momento tridimensional entre a realidade e a força de suas imaginações.

A música pára e finalmente retiramos nossas vendas. O que vemos são cadeiras, palha de vassoura por todo o chão, pompons, pilhas de colchonetes e barbantes feito teia de aranha espalhadas por todos os lugares.

Somos solicitados a desenhar em papel madeira o bicho no qual nos transformamos. Agora estamos dispostos em círculo no chão para uma conversa sobre essa experiência. Um a um os co-pesquisadores farão agora seus relatos. Macu se aproxima de mim feito gato manhoso para acompanhar o desenrolar da conversa.



## 18. As vozes que falam em ser bicho negro - Relatos

Pronto, é hora de conhecer os bichos que saltaram do imaginário de cada co-pesquisador. O primeiro relato é de um leão rosado. Vamos acompanhar.

**1.** Eu me transformei num leão porque achei que ele fosse o rei da selva. Então ele não se sente muito ameaçado como eu não me senti. Me transformei pela certeza que ele tem de não ser ameaçado na selva, pois ele é o poderoso. Pelo fato de estar com a venda, me deu um certo medo de bater em alguém, de alguém me machucar. Me deu um certo medo de bater ou de alguém bater em mim. Na hora que eu fui leão o meu medo passou, pois me integrei com o bicho e fui andando devagar, como se eu já conhecesse o ambiente. Eu não bati mais em ninguém, ninguém bateu em mim e eu consegui transpor os obstáculos.



**2.** Logo no primeiro momento da venda eu senti um pouco de receio de onde eu estava pisando. No momento da transformação, se transformar num bicho, o primeiro bicho que veio à minha cabeça foi a questão da borboleta. Quando eu comecei a andar como borboleta, comecei a procurar. Como eu estava batendo minhas asas de borboleta, pra não bater nos outros bichos, comecei a sair do meio, onde estava concentrada a maioria dos bichos. Eu procurei ir pelos lados sem albaroar, sem tocar nos outros bichos. Depois eu comecei a pensar como borboleta, que borboleta tem um certo encanto. Que dos bichos é o que tem mais encanto na natureza. A borboleta através de suas asas ela vence os obstáculos. Pode ir até onde ela quer. Vence



os obstáculos. Acho que foi isso que me levou a ver a borboleta no meu pensamento. O sentimento em relação aos outros bichos era de respeitar o espaço do outro justamente através das minhas asas para não bater e aceitar a diferença dos outros animais, a particularidade de cada um.

**3.** Eu me transformei numa águia. Porque eu considero a águia um pássaro nobre. Um pássaro que quando vem a tempestade ele sobe além da tempestade. Ele tem essa característica. A águia, ela tem uma visão ampla, ela vê além, vê acima. Então eu me transformei numa águia por que é um pássaro nobre.



Na hora da confrontação com os outros bicho eu também fui pela lateral. Eu não tive nenhum problema. Até por que como águia eu pensei: não! Estou voando! E não tive nenhum problema, voando como se fosse por cima mesmo. Na hora da transformação, em pensar em me transformar numa águia eu achei que seria um pouco dolorido, por que toda transformação gera mudança e mudança dói. E pra ser uma águia, pra viver acima das circunstâncias, por exemplo, da vida, tem que se haver uma transformação de dentro. Foi um pouco dolorido essa questão da transformação.

**4.** No início da transformação eu tive uma certa dificuldade. Não conseguia logo me transformar. Mas quando falou em se transformar em bicho, o que veio a



minha cabeça foi o macaco. Mas eu não conseguia incorporar logo. Mas a característica marcante que eu vejo no macaco é de um bicho forte. Não consegui mesmo me integrar nessa dinâmica. Mas a característica mais forte que eu vi foi ser forte. A relação do macaco com o ser negro é ser forte, a que eu vejo mais salientar. O encontro com os outros bichos, me veio à mente que ao atravessar os obstáculos eu não estaria sozinha, estaria em conjunto, na união.

**5.** Eu me transformei numa borboleta. Foi o primeiro animal que me veio à



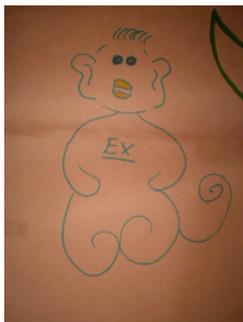
mente. Não sei por que a borboleta, mas quando eu me transformei mesmo e tendo que ficar no meio, eu senti um pouco de medo. Como a borboleta é mais frágil fiquei com medo dos outros bichos me machucarem, quebrarem as

minhas asas.

A relação com o ser negro pode ser pelo fato da borboleta viver em sociedade, na sociedade que pode machucá-la, que pode agredi-la, que ela não pode se defender, por ela ser muito frágil.

**6. Eu me transformei num macaco, porque acho um bicho muito esperto.**

Primeiramente eu fiquei com medo de explorar o espaço, mas depois que eu



virei o bicho eu me incorporei um pouco. Eu senti o espaço muito delimitado, fiquei muito apertada. No contato com os outros bichos eu fiquei com um pouco de medo no começo. Medo porque ainda não conhecia, mas depois que eu passei a explorar o espaço e percebi que tinha bichos como eu querendo explorar o desconhecido, eu perdi o medo, fiquei mais tranqüila.

**7. Eu transformei-me num leão. De imediato foi o bicho que veio na minha cabeça e na hora da transformação foi instantâneo. Transformei-me num leão. Fiquei**



logo de quatro, que justamente foi isso que eu pensei: vai e usa o apoio das quatro patas pra ter a firmeza maior. E o que eu pensei do leão foi a questão da agilidade. Como era um ambiente desconhecido, de olhos fechados, eu me enganchei no barbante. Mas justamente, pra você conseguir o

seu espaço é com um pouco de dificuldade. Quando você chega num lugar que não conhece você não sai imune. Sempre sofre alguma coisa.

A relação do leão com o ser negro, foi justamente por que pra mim o leão é um bicho forte. As pessoas, justamente, vêem o leão como um animal ruim, porque ele caça os outros bichos. Mas ele faz isso só pra sobreviver. Ele só mata os outros bichos que ele vai comer, nunca além do que ele precisa o contrário do que as maiorias das pessoas fazem. Na hora da transformação senti segurança.

**8. Eu me transformei no pior bicho. O bicho mais**

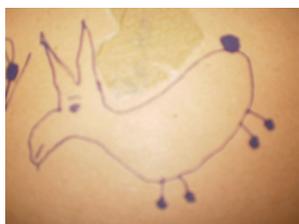


seboso que existe. Na hora que estava ali, eu só pensei assim: que eu tava no meu interior. Vi-me vi no interior porque eu sou do interior. Me vieram aqueles bichos

pretos. Aqueles urubus voando por cima. Eu disse: eu tenho que voar daqui. Porque eu não estou podendo sair. Enganchei o pé no cordão. Eu tenho que sair daqui e foi o bicho que veio na minha cabeça.

A transformação é que eu tinha que sair dali. Tinha que me liberar dali daquele espaço em que eu estava. Inclusive em relação aos negros, esse bicho se sente inferior aos outros animais porque ele sobrevive de coisas deterioradas. Existe relação com a gente que se sente superior as outras pessoas, o que realmente não são. Somos todos iguais.

**9.** Eu me transformei num coelho. Eu comecei a andar normal. Você começa a sentir os obstáculos. Eu achei que o coelho é um animal muito sabido, esperto. E que como coelho seria fácil sair de qualquer labirinto que eu estivesse.



A minha transformação foi normal, não foi dolorido não. Eu acho que por essa esperteza toda que o coelho tem a gente poderia levar pro lado da inteligência. Que de certa forma, a gente fica olhando aquelas novelas que passam da época da escravidão. De certa forma, eles foram muito inteligentes. Tem uma inteligência pra pensar como é que eles iam agir pra não serem castigados. Então eu vejo inteligência nisso.

**10.** Eu virei praticamente o Batman. Porque eu não me transformei muito não, sabe. Primeiro bicho que veio na minha cabeça, acho que por estar com os olhos vendados, foi o morcego. Mas na mesma hora eu tentei ir para o globo repórter imaginar a raposa, que seria um bicho mais bonito e tal. Para dizer que eu tinha me imaginado raposa. Mas não. Eu fiquei no morcego mesmo.

O porquê do morcego? Mais pela imediatez da falta de visão. E que é um bicho



meio, se é pra fazer uma associação, talvez até mais racional com o ser negro. Meio marginalizado e ao mesmo tempo em que não enxerga. Pronto, o negro, ou então o branco, que não enxerga o preconceito e ainda assim ele ainda continua se envolvendo nessa, nesse

mundo, pronto. Isso foi mais ou menos o que eu botei no meu texto. Eu coloquei que alguns têm medo de mim e de outra forma em alguns momentos eu viro um herói. Viro aquela coisa imponente, aquela coisa ali toda. Vira meio que o Batman.

No momento da transformação viajei mais na idéia do bicho, do que propriamente do bicho que seria o ser negro. O nome eu botei até o bicho-eu-que-melhor-reagia-porque-alguma-coisa-já-conhecia. Que é meio essa idéia de que a gente a partir do momento em que eu tinha dado aquela parada, pronto, agora vamos se mexer, que eu já tinha explorado aquele território. Eu já me sentia mais familiarizada.

Em relação às outras pessoas, que iam passando, dá aquela idéia de você fugir, você se esquivar do outro e ao mesmo tempo que não está só no meio daquela cegueira toda.

E essa borboleta aí (aponta para um co-pesquisador) pense na borboleta pesada na mãozada que eu levei.

**11.** Transformei-me num besouro. Foi à primeira coisa que veio na minha cabeça quando se pensou alguma coisa que iria ter obstáculos maiores a superar, enfrentar e a explorar, como você colocou.

O processo de transformação foi doloroso. Quando você tem umas costas bem lisinhas, que a namorada alisa. Então começa a ter uma carapuça enorme, dói pra caramba!

Mas só que foi um processo de transformação interessante por que em pouco



tempo eu teria que saber o que eu seria daqui pra frente.

Foi um processo também de fortalecimento. Só que quando eu saí, já que eu estava numa alcova, num quarto. Até lembra um pouco o Cafica, para quem leu Metamorfose. Essa

comparação me veio no pensamento depois da transformação, deixando bem claro. Foi mais doloroso ainda que a transformação. Havia pessoas com olhares que doíam mais do que pedradas. Aqueles olhares que te matavam pelo simples fato de tu ter marcas no corpo diferentes. Só que a transformação tinha me deixado equilibrado. Eu estava andando como todo mundo, só que as marcas do meu corpo me deixavam bem diferentes delas. Elas deixavam bem claro que eu era diferente e lançavam aqueles olhares e aquelas pedradas.

**12.** Eu me transformei num pássaro. Não sei dizer se era águia, só sei dizer que



era um pássaro. O nome dele era pensamento. A transformação doeu muito, foi muito dolorosa, sofrida. Mas no momento da transformação, quando eu incorporei o pássaro, eu me senti muito segura de mim. É como se o pássaro tivesse raciocínio e tivesse encontrado uma conscientização do que é realmente

ser negro. Eu percebi quem eu era, quem eu sou. Eu me enxerguei e vi que eu era diferente, mas que todas as pessoas também eram diferentes. Vi que o que temos de igual são as nossas diferenças. Eu me senti muito firme para ultrapassar os obstáculos porque eu tinha consciência.

**13.** Na verdade eu primeiro pensei na borboleta. Só que tinha que pensar que ele iria estar sem visão. Então do alto eu poderia me machucar por não estar

enxergando. E eu não teria chance de tatear o que estava em volta. Imediatamente imaginei um leopardo. Assim eu teria possibilidade com minhas garras de estar identificando, tateando, estar observando com agilidade o que se passava em volta.

O primeiro momento da transformação foi de dúvida e depois de imaginar me transformando. Por estar todos com os olhos vendados senti uma liberdade maior de sair da responsabilidade de mostrar o que eu era e apenas ser. E ter esse cuidado maior com os que estavam em volta trabalhando com agilidade e delicadeza. Com o ser negro eu imaginei exatamente isso, a diferença. Porque o leopardo tem manchas mas nunca são iguais, nunca são as mesmas. Eu imaginei uma comunidade onde cada leopardo tem uma textura. Cada um com uma mancha diferente. Cada um predominando diferente numa tonalidade. Que isso mostrasse que o ser diferente é ser, um ser. Então cada pessoa é um mundo, cada bicho é um ser, é um mundo. Então cada um deve ser respeitado dentro da sua diferença, na minha concepção de bicho e de ser. Existe sim diferença e é bonito ser diferente. Respeitar o que existe nessa diferença.



**14.** O meu bicho foi uma borboleta. A transformação não foi dolorosa. No primeiro momento a gente se deparou com obstáculos. Por a borboleta ter asas, eu transporia esses obstáculos e ficaria acima desses obstáculos. E como a borboleta é um animal, como a maioria das vezes a gente vê. É um ser que simplesmente só condicionado a sobrevivência dali através da beleza dela, tá adiando, buscando os olhares das pessoas. Então, como ser negro eu me identifiquei simplesmente assim: viver sim com os outros seres mas independente de ser prejudicado por eles ou prejudicá-los. Ter a teoria de continuar meu ciclo sem ter esse relacionamento, esse envolvimento. Meio que um ser só, individual.

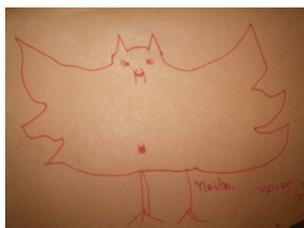


**15.** Eu me senti como eu mesma: frágil, propícia ao sofrimento. No impasse da metamorfose, primeiro eu me rasguei como se fosse me tornar um rato. Mas do rato emergiu uma pantera escura, forte como o negro é. Aquilo foi gerando muito sofrimento. Causando muita dor realmente. Todo o meu tecido ia se rompendo. Dali foi nascendo um outro ser que era bem diferente do antecedente ao que eu era.



Quando eu me deparei com os demais bichos, vi que a minha metamorfose não tinha sido completa. Eu tinha nascido completamente sem os olhos. Entre aquele impasse de ser e não ser aquilo que eu poderia ter sido melhor ou pior. Quando eu estava lá com os meus outros bichos eu estava pronta pra matar ou pra morrer. Mas eu fui aceita por que eu era ágil, sabia onde estava pisando. Eu já tinha o equilíbrio, eu já tinha força. Eu já tinha todo um potencial dentro de mim

**16.** Eu me transformei num morcego. Inclusive o nome dela é Naty, o nome da morceguinha. Referência a mim, pois eu sou animal. Eu acho massa morcego porque eu sou um ser da noite. Sou louca pela noite, adoro a noite. Escolhi o morcego porque acho o morcego muito intrigante. A gente não conhece a fundo a vida de um morcego. As pessoas têm medo do morcego. Acham que ele vai atacar seu pescoço, vai lhe



morder e tudo. O mais que o morcego faz, das mil espécies que existe é comer umas frutinhas e alguns insetos. Geralmente não ataca diretamente. Depende da espécie de morcego. Associei isso ao negro, a história de ser negro. As pessoas às vezes não conhecem e geralmente quando a gente não conhece uma coisa a gente tem medo. Quando a gente tem medo a gente às vezes age com agressão.

**17.** Eu me transformei numa coruja. Ela tem dois momentos. No horário da



manhã ela não enxerga. Então é meio que a parte da discriminação em relação ao negro. A noite é o animal, acho que, mais esperto é muito vivo, muito ágil. Na transformação foi meio que, como se fosse uma liberdade de estar me transformando nesse bicho.

Em relação aos outros, eu tentei meio que ter um respeito para que eu não machucasse ninguém e eu não chegasse a me machucar.

**18.** Eu me transformei numa borboleta. Por ela voar eu achei que seria mais fácil passar pelos obstáculos e até me esquivar dos outros bichos. Quando eu me transformei

eu me senti tranqüila. Por eu voar eu pensei que não fosse bater em ninguém. Eu fiquei com medo quando sai voando. Fiquei com medo de ser comida ou morta pelos outros



bichos. Deu tudo certo, ninguém me comeu, ninguém me matou e eles me respeitaram apesar de eu ser pequenininha e parecer ser frágil.

**19.** Eu me transformei num gato porque eu acho interessante a vida deles. São



animais inteligentes, conhecedores do ambiente. Gostam muito de conhecer o ambiente como um todo. Os locais onde é mais fácil você subir, entrar, descer. É inteligente, gosta de fazer muitas amizades e é bastante cativo. Chama muita atenção por ser cativo e carinhoso. Na hora da transformação me senti assim.

Em relação a passear na sala, eu me senti segura porque o gato é muito cauteloso. Ele observa muito o ambiente em que está. Se ele vai cair, se vai descer, se é perigoso. Eu me senti segura.

**20.** Inicialmente eu pensei numa borboleta. Como eu tenho medo de borboleta



não deu muito certo me imaginar uma delas. Então eu pensei no morcego porque ele não enxerga a noite. Ele é muito ágil, esperto, consegui identificar as coisas através dos sensores e não da visão.

Então eu imaginei em usar as mãos como se fossem esses sensores do morcego para não correr o risco de machucar e nem de ser machucada. A relação que eu vi com o ser negro é essa do medo. Medo de misturar e ao mesmo tempo ser excluído.

**21.** No começo foi meio confuso, eu não sabia que bicho eu era. Quando



comecei a andar, fiquei meio cauteloso, como se eu estivesse dentro de uma toca. Eu me imaginei um coelho. Coelho não sai da toca, fica olhando para um lado e para o outro para saber o que tem. Quando me senti muito à vontade sai alegre, olhando, vistoriando tudo. Fui me transformando porque ele é muito veloz, habilidoso e ágil. É como se eu estivesse no meio dos meus, porque o coelho é muito amável quando está no meio dos outros. Mas quando ele se acha

pressionado, ele fica com medo e foge logo. Quando eu cheguei perto daquela cadeira ali eu me senti sufocada, Eu queria pular as cadeiras, mas não conseguia. Eu me vi querendo ir para dentro de uma toca. Eu tentava entrar e não entrava, uma coisa muito esquisita. A relação do ser negro é a que eu vejo dos meninos que eu conheço de Guine Bissau. Como se eles tivessem medo da gente. Eles se sentem muito discriminados. Falando com uma moça de lá, ela disse que tava louca para ir embora e que aqui ela não se sentia a vontade.



**22.** Eu me imaginei cobra. Na transformação eu pensei: se os olhos eu já não tenho, eu tenho que procurar um bicho que compense a visão. Eu imaginei uma cobra, porque ela tem sensores de calor. Como iria andar perto das outras pessoas eu imaginei que com esses sensores de calor eu iria evitar bater em alguém, machucar alguém e me machucar. Já vou inclusive antecipar a sensação que eu tive em relação a andar diante de outros bichos. A sensação de medo de me machucar e de machucar alguém.

O momento da transformação para mim foi doloroso. Eu estava deixando de ser gente. Estava pensando em tudo que eu construí até hoje como gente. Pensava nos meus relacionamentos, nas minhas amizades, na minha família e de repente eu tinha que largar tudo aquilo e passar a ser um outro bicho. Isso aí para mim foi doloroso.

Mas ao mesmo tempo, naquele momento, era algo pelo qual eu precisava passar. Tem experiências que num curso como esse não dá para desvincular da nossa vida pessoal. Eu vi a minha realidade, o momento que eu estou vivendo. Eu gostaria de ser mais livre, um pouco mais livre. Fazer o que me desse vontade. Naquele momento passando a ser bicho eu faria tudo o que me desse vontade, sem críticas, sem dedo na cara, o que eu quisesse, da maneira que eu quisesse. Para mim isso foi legal.

Em relação à característica do bicho com o ser negro, eu não sei por que me veio à mente uma criança diferente da maioria. Negra ou com alguma necessidade especial. Ou então uma índia, que dentro da sua casa é amada é respeitada. Pregam pra ela que não existe diferença, que todo mundo é igual, que todo mundo é lindo, que todo mundo é respeitado e que todo mundo respeita. E de repente ela se depara com uma realidade diferente daquela que pintaram para ela. Ela não é tão amada naquele mundo real tanto quanto disseram pra ela. Ela se sente enganada.

**23.** No começo eu estava meio insegura por andar em um lugar que eu não conhecia, que tinha obstáculos. Tive medo. Na transformação eu pensei numa águia. Como se eu já tivesse asas entranhadas em mim. As asas foram crescendo e eu fui me considerando aquilo mesmo, como se fosse uma coisa natural. Eu não sei que ave era,



eu não sei se era um carcará. Foi bem forte mesmo. Eu senti um alívio quando comecei a voar. Me senti muito livre.

A relação com o ser negro era isso, era ser livre. Era poder voar em todos os limites, sem restrição de nada. Tive uma relação muito grande com os meus companheiros outros bichos também.

**24.** Eu me transformei numa borboleta. Na hora da transformação senti um alívio por ser borboleta. Por poder voar e superar os obstáculos. Eu estava sentindo muito medo antes da transformação.



Voando se vê do alto os obstáculos e se consegue superar. A borboleta, por ser sensível e fragilzinha, ela ainda luta muito pra sobreviver e voa. Vive na natureza apesar de todos os predadores. Apesar de tudo ela sempre está lutando e vivendo.

— Macu, está sendo muito interessante. Agora eu sinto o quanto podemos falar com os nossos sentidos. Todos nós realmente nos transformamos em bichos. Somos o bicho do ser negro.

— Essa oficina realmente foi muito forte para todos nós, minha amiga. A co-pesquisadora negra que se tornou Pássaro Pensamento, por exemplo, ao fazer seu relato chorou com os sentimentos da sua alma, eu pude sentir a força de suas emoções.

— Eu também. Se eles pudessem ver o que vemos, Macu!

— Sim, estão diferentes. Levam consigo algo dos bichos no qual se transformaram assim como nós dois também. Bem, mas agora vamos avançar no tempo e acompanhar nossa pesquisadora analisando a produção plástica dessa oficina.

Eu não conseguia expressar exatamente no que havia me transformado. O certo é que o bicho do ser negro me causou muito bem. Enxergueir a negritude com outros olhos. A cada dia a aventura com Macu me fazia amadurecer.

Estamos na casa de nossa pesquisadora. Está buscando inspiração para estudar os desenhos dos bichos. Sentada em frente do computador, pensa, olha para os desenhos e nada vem. Procura muitos começos e nada encontra. É madrugada. O sono toma conta dela. Decide descansar e retomar o trabalho no dia seguinte.

— Como eu gostaria de estar no lugar dela Macu. Imaginaria uma viagem muito interessante com todos os bichos.

— Zica, cuidado com o que deseja. Lembre-se de que o rio que separa a imaginação da realidade tem margens muito próximas, tão próximas que podemos de um só pulo passar de uma margem à outra.

— Você quer dizer que eu posso interferir? Posso assumir a posição de pesquisadora e fazer a análise plástica?

— Nem tanto, mas você pode convidá-la através dos sonhos dela a conhecer suas idéias. Lembre-se que a análise plástica é feita apenas com os desenhos dos bichos do ser negro sem que sejam levados em consideração os relatos. Dito isso podemos imaginar juntos.

E foi isso que aconteceu. Macu, Rebeca e eu fizemos uma viagem a um lugar fenomenal, a Serra do Céu. Ao acordar, ela tinha nossa viagem todinha em sua lembrança. Acompanhe:

## 19. Análise plástica

### Confabulando com a bicharada do ser negro/a que habita a Serra do Céu

Fiz um passeio mágico  
Pelo sertão do Ceará  
E acabei por conhecer  
Um lugar espetacular.

Era a Serra do Céu  
Lugar lindo e marcante



Cheio de muitos bichinhos  
E natureza exuberante

Sem demora e sem espera  
Fiz logo duas amizades  
Com a linda negra Zica  
E um erê de verdade.

Esse era esquisito  
Um tipo meio tigrado  
Rebeca, Zica e Macu  
Pense num trio arretado!

Meus amigos conheciam  
A serra como a palma da mão  
Foram me mostrando tudo  
Amigos, terra e vegetação.

Numa vereda bonita  
Quatro amigos estavam  
Um macaquinho e um passarinho  
Que com duas borboletas brincavam.

Eram os quatro muito jovens  
Queriam se entreter  
Sem notarem nossa presença  
Proseguimos sem os conhecer.

Conversando e caminhando  
Eu e meus dois novos amigos  
Decidimos do sol descansar  
Numa tapera buscamos abrigo.

Logo chegaram cinco criaturas

Estranhas pra danar.  
O senhor aranha-humano  
E a senhora mulher-gato  
Um casal de assustar.

Bem no cantinho da tapera  
Sem querer ser percebido  
Está o homem-urso  
Com cara de poucos amigos.

Vive isolado dos outros  
Com medo de opinião  
Protegido pela coruja azul  
Sua mãe de adoção.

Ela tem penugem bonita  
E para os mais fracos dá abrigo  
Com sua astúcia de coruja  
Ela espanta o perigo.

Voando entre todos nós  
Uma borboleta passou  
Era um ser encantado  
Que no ar um perfume deixou.

Seguimos nosso caminho  
Para melhor a serra conhecer  
Eis que chega um urubu assustado  
E não entendemos o porquê.

Um outro pássaro chega  
Muito ofegante e cansado  
E nos conta de um tesouro  
Que está sendo procurado.

Logo chega o morcego- vampiro- anjo  
Botando os bofes pra fora  
Pergunta-nos pelo tigre pintado  
E logo, logo vai embora.

Eis que chega a borboleta  
E para a Zica deixa dito  
Que todos estão em busca  
Desse tesouro perdido.

Agora entendemos  
Por que tanta agitação  
É a corrida pelo tesouro  
Causando empolgação.

Quase no topo da serra  
Num lago limpo e sombreado  
Eu, Macu e Zica  
Ficamos ali acampados.

Três amigos da bela Zica  
Chegaram bem de mansinho  
Eram dois leões assanhados  
E um lindo coelhinho.

Disseram que combinaram  
Com o morcego aquele lugar  
Para procurarem o tesouro  
E o danado encontrar.

Os amigos Macu e Zica  
Deram uma boa gargalhada  
Pois logo entenderam

A confusão que estava armada.

Trataram de reunir seus amigos  
Aquele bicharada danada  
Para explicar o que acontecia  
Toda aquela presepada.

Disse a menina Zica:  
Meus amigos bichos queridos  
Com vocês quero falar  
Tenho algo de importante  
Para a vocês explicar.

Logo de manhazinha  
Quando o Sol vi aparecer  
Comentei sobre a busca do tesouro  
Que hoje iria acontecer

Posso até apostar  
Que os pássaros estavam a escutar  
E logo a serra toda  
O tesouro foi procurar.

Mas Macu interrompeu  
E foi aos bichos defender  
Confessou que combinou  
Com eles o suceder.

Havia dito a bicharada  
Que um tesouro havia  
Num lugar muito encantado  
E que ele tinha uma guia.

Disse que essa guia

Iria ao tesouro os levar  
Disse que era humana  
E de aparência singular.

Quando Rebeca conheceram  
Com seus balangandãs e colorido na roupa  
Reconheceram a guia e sorriram  
Com bicos, dentes e bocas.

Fiquei muito assustada  
Com essa identificação  
Não sei que tesouro é esse  
Como posso ser a guia então?

É a guia sim  
Disse Macu  
De um tesouro ancestral  
Que veio do continente africano  
E de valor colossal.

Uma jóia que todos temos  
Mas poucos sabem sentir  
Chama-se ancestralidade africana  
Que o bicho do ser negro  
Está fazendo emergir.

Foi então que a bicharada  
Veio a compreender  
Que o tesouro perdido  
Estava bem ali dentro de cada um  
Eles apenas não conseguiam ver.

Depois de garantida a escrita da análise plástica Macu e eu avançamos em nossa investigação e fomos conhecer a análise classificatória da técnica do bicho.

Após várias leituras atentas dos relatos, Rebeca encontrou as seguintes categorias:

1. O bicho e o porquê de ter se transformado nele
2. Relação do bicho com o ser negro
3. Sentimento/ atitude de contato com o espaço desconhecido
- 4 Sentimento/atitude no processo de transformação no bicho do ser negro
5. Sensação/atitude de andar diante dos outros bichos do ser negro
6. Pensar/agir como bicho
7. Ser diferente

O próximo passo é distribuir os relatos entre as sete categorias e perceber convergências, divergências, ambigüidades e paradoxos que provavelmente surgiram nessa técnica animal. Vamos conferir a análise.

## 20. Análise classificatória

<b>1. O bicho e o porquê de ter se transformado nele</b>
<p>1. (Relato 1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu me transformei num leão.</li> <li>- Achei que ele fosse o rei da selva.</li> <li>- Ele não se sente muito ameaçado.</li> <li>- Transformei-me pela certeza de não ser ameaçado, pois ele é o poderoso.</li> </ul>
<p>2. (Relato 2)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O primeiro bicho que veio a minha cabeça foi à questão da borboleta.</li> <li>- Comecei a pensar como Borboleta.</li> <li>- Borboleta tem um certo encanto.</li> <li>- Através de suas asas ela vence os obstáculos. Pode ir até onde ela quer.</li> </ul>

<p>3. (Relato 3)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu me transformei numa águia.</li> <li>- Considero a águia um pássaro nobre.</li> <li>- Quando vem à tempestade ela sobe além da tempestade.</li> <li>- Ela tem uma visão ampla.</li> <li>- Ela vê além.</li> <li>- Vê acima.</li> </ul>
<p>4. (Relato 4)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que veio à minha cabeça foi o macaco.</li> <li>- A característica marcante que eu vejo no macaco é de um bicho forte.</li> </ul>
<p>5. ( Relato 6)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Transformei-me num macaco.</li> <li>- Porque acho um bicho muito esperto.</li> </ul>
<p>6. (Relato 7)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Transformei-me num leão.</li> <li>- O que eu pensei do leão foi a questão da agilidade.</li> <li>- As pessoas vêem o leão como um animal ruim, porque ele caça os outros bichos. Mas ele faz isso só para sobreviver.</li> <li>-Ele mata os outros bichos. [Mas] ele só mata o que ele vai comer, nunca além do que ele precisa, o contrário do que a maioria das pessoas faz.</li> </ul>
<p>7. (Relato 8)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu me transformei no pior bicho.</li> <li>- O bicho mais seboso que existe.</li> <li>- Me vieram aqueles bichos pretos.</li> <li>- Aqueles urubus voando por cima.</li> </ul>
<p>8. (Relato 9)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu me transformei num coelho.</li> <li>- O coelho é um animal muito sabido.</li> <li>- [O coelho é um animal] esperto.</li> <li>- Como coelho seria fácil sair de qualquer labirinto que eu estivesse.</li> </ul>

<p>9. (Relato 10)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Morcego-bicho-eu-que-melhor-reagia-porque-alguma-coisa-já-conhecia.</li><li>- O bicho que me veio à cabeça, acho que por estar com os olhos vendados, foi o morcego.</li><li>- O porquê do morcego? Mais pela “imediatez” da falta de visão.</li><li>- Alguns o temem, mas em outros momentos vira um herói.</li><li>- Vira aquela coisa imponente, aquela coisa toda.</li></ul>
<p>10. (Relato 11)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Transformei-me num besouro.</li><li>- Foi a primeira coisa que veio na minha cabeça quando se pensou alguma coisa que iria ter obstáculos maiores a superar, enfrentar e a explorar.</li></ul>
<p>11. (Relato 13)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu imaginei um leopardo.</li><li>- Eu teria possibilidade com minhas garras de estar identificando, Tateando.</li><li>- Estar observando com agilidade o que se passava em volta.</li></ul>
<p>12. (Relato 14)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- O meu bicho foi uma borboleta.</li><li>- Por a borboleta ter asas, eu transporia esses obstáculos e acima desses obstáculos.</li><li>- A borboleta é um animal só condicionado à sobrevivência dali através da beleza dela.</li><li>- Está adiando, buscando os olhares das pessoas.</li></ul>
<p>13. (Relato 15)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Primeiro eu me rasguei como se fosse me tornar um rato.</li><li>- Mas do rato emergiu uma pantera escura.</li><li>- Forte como o negro é.</li></ul>
<p>14. (Relato 16)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu me transformei num morcego.</li><li>- Eu acho massa morcego porque eu sou um ser da noite.</li><li>- Eu acho o morcego muito intrigante.</li></ul>

<p>15. (Relato 18)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu me transformei numa borboleta.</li><li>- Por ela voar, eu achei que seria mais fácil passar pelos obstáculos e até me esquivar dos outros bichos.</li></ul>
<p>16. (Relato 19)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu me transformei num gato.</li><li>- São animais inteligentes.</li><li>- Conhecedores do ambiente.</li><li>- Gostam de fazer muitas amizades.</li><li>- É bastante cativo.</li><li>- Chama muito a sua atenção por ser carinhoso.</li></ul>
<p>17. (Relato 20)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu pensei no morcego.</li><li>- Porque ele não enxerga à noite.</li><li>- Ele é muito ágil, esperto.</li><li>- Consegue identificar as coisas através dos sensores e não da visão.</li></ul>
<p>18. (Relato 21)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu me imaginei num coelho.</li><li>- Coelho num sai da toca, fica olhando para um lado e para o outro pra saber o que tem.</li><li>- Quando me senti muito à vontade sai alegre, olhando, vistoriando tudo.</li><li>- Ele é muito veloz, habilidoso e ágil.</li><li>- O coelho é muito amável quando está no meio dos outros.</li><li>- Mas quando ele se acha pressionado, fica com medo e foge logo.</li></ul>
<p>19. (Relato 22)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu pensei: Se os olhos eu já não tenho, tenho que procurar um bicho que compense a visão.</li><li>- Eu me imaginei cobra.</li><li>- Ela tem sensores de calor.</li><li>- Eu pensei: os olhos eu já não tenho.</li></ul>
<p>20. (Relato 23)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Na transformação eu pensei numa águia.</li><li>- Eu não sei que ave era, eu não sei se era um carcará.</li></ul>

<p>21. (Relato 24)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu me transformei numa borboleta.</li> <li>- Eu senti um alívio pela borboleta poder voar e superar os obstáculos.</li> <li>- A borboleta por ser sensível e fragilzinha, ela ainda luta muito pra sobreviver e voa. - Vive na natureza apesar de todos os predadores.</li> <li>- Apesar de tudo, ela sempre está lutando e vivendo.</li> </ul>
<p>22. (Relato 12)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu me transformei num pássaro.</li> <li>- Não sei dizer se era águia, só sei dizer que era um pássaro.</li> <li>- O nome dele era Pensamento.</li> </ul>
<p><b>CRUZAMENTO</b></p> <p><b>Convergentes</b></p> <p>.2 e 12 convergem porque afirmam ter se transformado na borboleta pela capacidade que ela tem de transpor os obstáculos através de suas asas.</p> <p>-20 e 22 convergem por apresentarem dúvida quanto a definir o bicho no qual se transformaram. O 20 não sabe se é carcará e o 22 não tem certeza da sua transformação em águia.</p> <p>- 17 e 19 convergem porque afirmam ter escolhido se transformar em bicho morcego e cobra respectivamente por eles terem sensores como dispositivos de sentidos.</p> <p>- 1 e 3 convergem porque associam aos bichos leão e águia, qualidades com conotações semelhantes: poderoso e nobre respectivamente.</p> <p>- 5, 8 e 17 convergem por atribuírem a qualidade de esperteza aos bichos macaco, coelho e morcego.</p> <p>- 6, 11, 17 e 18 convergem por apresentarem a agilidade como a qualidade do bicho que se transformaram.</p> <p>- 2 e 3 convergem no tocante à possibilidade de vencer os obstáculos. No 2 a borboleta pode ir até onde ela quer, No 3 a águia sobe além da tempestade, vê além, vê acima.</p> <p><b>Divergentes</b></p> <p>- 7 e 6 apresentam conotações negativas do bicho que se transformaram. Porém em 6, o leão visto como ruim porque mata os outros animais, só o faz pela</p>

sobrevivência. Já o 7 vê o leão como o pior bicho e o mais seboso.

- 16 diverge das demais por atribuir a qualidade de muito cativo ao gato.

- 12 diverge das demais por achar que o bicho borboleta é condicionado à sobrevivência através da beleza dela.

- 11 e 17 divergem porque em 17 o morcego conseguiu identificar as coisas através de seus sensores, já em 11 o leopardo identifica as coisas tateando com suas garras.

- 10 diverge dos outros bichos porque não considera as qualidades do besouro como critério definidor da escolha do bicho que teria obstáculos a enfrentar e a superar.

- 7 diverge das demais por imputar idéias estigmatizantes ao bicho a que se transformou. O urubu é considerado o pior bicho, o bicho mais seboso que existe.

- 13 diverge dos demais por descrever um processo de transformação diferente dos outros bichos. No início diz que se rasgou toda e quase surge um rato, mas do rato emergiu uma pantera escura.

- 16 e 18 divergem porque, apesar de gato e coelho apresentarem qualidades com conotações parecidas, tais como gostar de fazer amizade e ser muito amável, o coelho, diferente do gato, se pressionado, tende a fugir e se esconder com medo.

### **Opostas**

- 3 se opõe a 17 porque em 3 a transformação em águia se deu pelo fato dela ter uma visão ampla, que vê além e acima. Já o 17 afirma que o morcego não enxerga as coisas

através da visão, mas sim de seus sensores.

- 17 e 18 são opostas porque apesar de ambos serem vistos como bichos habilidosos, ágeis e espertos, o morcego não identifica as coisas através da visão. Já o coelho se destaca por ter esse sentido bem apurado. Ele enxerga tudo.

- 4 se opõe a 21 porque no 4 o macaco é considerado um bicho forte, em contrapartida, no 21 a borboleta é vista como frágil e sensível.

### **Paradoxais**

- .21 revela um paradoxo, já que a borboleta, apesar de sensível e fragilzinha, sempre está lutando.

- 12 é paradoxal porque caracteriza a borboleta como um bicho que, ao mesmo tempo que adia, busca os olhares das pessoas.

<b>2. Relação do bicho com o ser negro</b>
<p>1. (Relato 4)</p> <p>- A relação do macaco com o ser negro é ser forte.</p>
<p>2. (Relato 5)</p> <p>- A relação com o ser negro pode ser pelo fato da borboleta viver em sociedade, na sociedade que pode machucá-la, agredi-la, que ela não pode se defender por ela ser muito frágil.</p>
<p>3. (Relato 7)</p> <p>A relação do leão com o ser negro, foi justamente porque pra mim o leão é um bicho forte.</p>
<p>4. (Relato 8)</p> <p>- Inclusive em relação aos negros, esse bicho[o urubu] se sente inferior aos outros animais, porque ele sobrevive de coisas deterioradas.</p>
<p>5. (Relato 9)</p> <p>Eu acho que por essa esperteza toda que o coelho tem a gente poderia levar pro lado da inteligência. [...] a gente fica olhando aquelas novelas que passam da época da escravidão. De certa forma eles foram muito inteligentes. Tem uma inteligência pra pensar como é que eles iam agir pra não serem castigados. Então eu vejo inteligência nisso.</p>
<p>6. (Relato 10)</p> <p>- Se é pra fazer uma associação, talvez até mais racional com o ser negro. [ o morcego bicho-eu-que-melhor-reagia-porque-alguma-coisa-já-conhecia [era] meio marginalizado.</p> <p>- E ao mesmo tempo que não enxerga o preconceito continua se envolvendo nesse mundo.</p>
<p>7. (Relato 12)</p> <p>- E como se o pássaro [Pensamento] tivesse raciocínio e tivesse encontrado uma conscientização do que é realmente ser negro.</p>
<p>9. (Relato 16)</p> <p>- A gente não conhece a fundo a vida e um morcego.</p> <p>- As pessoas têm medo do morcego.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acham que ele vai atacar seu pescoço, vai lhe morder e tudo.</li> <li>- O mais que o morcego faz, das mil espécies que existe, é comer umas frutinhas e alguns insetos. Não ataca diretamente. Depende da espécie de morcego. Associei isso ao negro, a história de ser negro.</li> <li>- As pessoas às vezes não conhecem e geralmente quando a gente não conhece [...] a gente tem medo e às vezes age com agressão.</li> </ul>
<p>10. (Relato 17)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- No horário da manhã ela coruja) não enxerga, então é meio que à parte da discriminação em relação ao negro.</li> <li>- A noite é o animal, acho que mais esperto, é muito vivo, muito ágil.</li> </ul>
<p>11. (Relato 20)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A relação que eu vi com o ser negro é essa do medo.</li> <li>- Medo de misturar e ao mesmo tempo ser excluído (morcego).</li> </ul>
<p>12. (Relato 21)</p> <p>A relação do [coelho] com o ser negro é a que eu vejo dos meninos que eu conheço de Guine Bissau como se eles tivessem medo da gente.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eles se sentem muito discriminados. Falando com uma moça de lá, ela disse que tava louca para ir embora e que aqui ela não se sentia a vontade.</li> </ul>
<p>13. (Relato 23)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A relação com o ser negro era isso, era ser livre.</li> <li>- Era poder voar em todos os limites, sem restrição de nada. (Águia-Carcará.)</li> </ul>

## CRUZAMENTO

### **Convergentes**

1 e 3 são convergentes porque ambos relacionam o ser negro a um bicho que tem como característica ser forte.

11 e 12 convergem pelo fato de relacionar o ser negro ao medo de se misturar, ser excluído, discriminado.

10 e 12 convergem pelo fato do ser negro estar relacionado à discriminação.

6 e 10 convergem por considerarem a cegueira como algo que não permite enxergar o preconceito e a discriminação em relação ao negro.

### **Divergentes**

9 diverge de 11 e 12 no tocante ao sentido atribuído ao medo. Em 9 o medo surge quando você não conhece uma coisa, e por não conhecer faz agir com agressão. Já em 11 e 12 o termo está relacionado a excluído, discriminação.

- 2 e 8 divergem, pois em 2 o ser negro é só frágil, que pode ser machucado pelos outros. Já em 8, é um ser que tanto pode prejudicar quanto pode ser prejudicado.

7 Diverge das demais por trazer a idéia de ter encontrado uma conscientização do que é realmente ser negro.

4 diverge das demais por dizer que o ser negro é alguém que se sente inferior.

### **Opostas**

1 e 3 se opõem a 2 por que as duas primeiras consideram o ser negro forte e 2 relaciona o ser negro a um ser frágil.

11 e 13 se opõem. 11 deixa entrever um ser negro de comportamento restrito, já a 13 remete a um ser negro livre, que não tem restrição de nada.

### **Ambíguas**

8 expressa ambigüidade porque como ser negro, a borboleta quer viver com os outros seres, mas sem se envolver.

### **3. Sentimento/ atitude de contato com o espaço desconhecido**

#### 1. (Relato 1)

- Pelo fato de estar com a venda, me deu um certo medo de bater em alguém, de alguém me machucar.

- Deu-me um certo medo de bater ou de alguém bater em mim.

#### 2. (Relato 2)

- Logo no primeiro momento eu senti um pouco de receio onde eu estava pisando.

#### 3. (Relato 6)

- Primeiramente eu fiquei com medo de explorar o espaço.

- Eu senti o espaço muito delimitado.

- Fiquei muito apertada.

## 4. (Relato 7)

- Como era um ambiente desconhecido, de olhos fechados, eu me enganchei até no barbante.

- Mas justamente, pra você conseguir o seu espaço é com um pouco de dificuldade.

- Quando você chega num lugar que você não conhece você não sai imune, você sempre sofre alguma coisa.

## 5. (Relato 19)

- Em relação a passear na sala, eu me senti segura porque o gato é muito cauteloso.

## 6. (Relato 21)

- Quando eu me senti muito à vontade, eu saí assim alegre, olhando, vistoriando tudo.

- Quando eu cheguei perto daquela cadeira, eu me senti sufocada, eu queria pular as cadeiras, mas não conseguia.

- Eu me vi querendo ir para dentro de uma toca. Eu tentava entrar e não entrava.

## 7. (Relato 23)

- No começo eu estava meio insegura por andar num lugar que eu não conhecia, que tinha obstáculos.

- Tive medo.

## CRUZAMENTO

### **Convergentes**

2 e 7 convergem no tocante a sentirem medo por estarem num lugar desconhecido.

### **Divergentes**

.- 1 e 3 divergem no tocante à natureza do sentimento de medo. No 1 o medo era em função de não ser machucado pelos outros bichos e nem machucá-los. Já em 3 o medo é de explorar o espaço.

- 2 e 5 são divergentes porque o 2 revela ter sentido receio em explorar o espaço, já o 5 sentiu segurança.

- 4 é divergente das demais pela idéia formulada diante do espaço desconhecido. Diz que para alguém conseguir o seu espaço é com dificuldade. É da opinião de que quando se chega em determinado lugar desconhecido não se sai imune, sempre se sofre alguma coisa.

### **Paradoxal**

- 6 apresenta paradoxo haja vista sentir alegria mas, ao mesmo tempo sentir-se sufocada no espaço desconhecido.

- 6 é paradoxal porque ao sentir-se sufocada se vê querendo ir para dentro de uma toca.

## **4. Sentimento/atitude no processo de transformação no bicho do ser negro**

### 1. ( Relato 3)

. - Na hora da transformação, em pensar em me transformar numa águia, eu achei que seria um pouco dolorido.

- Porque toda transformação gera mudança e mudança dói.

- E pra ser uma águia, pra viver acima das circunstâncias, por exemplo da vida, tem que se haver uma transformação de dentro.

<p>2. (Relato 5)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Quando eu me transformei[...] eu senti um pouco de medo.</li><li>- Como a borboleta é mais frágil, fiquei com medo dos outros bichos me machucarem, quebrarem as minhas asas.</li></ul>
<p>3. (Relato 7)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Na hora da transformação foi instantâneo, me transformei num leão. Fiquei logo de quatro.</li><li>- Na hora da transformação foi a segurança.</li></ul>
<p>4. (Relato 8)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu tinha que sair dali e me liberar daquele espaço em que eu estava.</li></ul>
<p>5. (Relato)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- A minha transformação foi normal, não foi dolorido.</li></ul>
<p>6. (Relato 11)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- O processo de transformação foi doloroso.</li><li>- Quando você tem umas costas bem lisinhas, que a namorada alisa, e você começa a ter uma carapuça enorme, dói pra caramba!</li><li>- Mas só que foi um processo de transformação interessante, porque em pouco tempo eu teria que saber o que eu seria daqui pra frente.</li><li>- Foi um processo também de fortalecimento.</li><li>- A transformação tinha me deixado equilibrado.</li></ul>
<p>7. (Relato 12)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- A transformação doeu muito.</li><li>- Foi muito dolorosa, sofrida.</li><li>- No momento da transformação me senti muito segura de mim.</li></ul>
<p>8. (Relato 13)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- O primeiro momento da transformação foi de dúvida.</li><li>- E depois de imaginar me transformando.</li></ul>
<p>9. (Relato 14)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- A transformação não foi dolorosa.</li></ul>

<p>10. (Relato 15)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Eu me senti como eu mesma, frágil, propícia ao sofrimento.</li><li>- No impasse da metamorfose, primeiro eu me rasguei como se fosse me tornar um rato.</li><li>- Aquilo foi gerando muito sofrimento. Todo o meu tecido ia se rompendo.</li></ul>
<p>11. (Relato 17)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Na transformação foi meio que, como se fosse uma liberdade de estar me transformando nesse bicho.</li></ul>
<p>12. (Relato 18)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Quando me transformei eu me senti tranqüila.</li></ul>
<p>13. (Relato 22)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- O momento da transformação pra mim foi doloroso.</li><li>- Eu estava deixando de ser gente. Tava pensando em tudo que eu construí até hoje como gente, nos meus relacionamentos, nas minhas amizades, na minha família.</li><li>- E de repente eu tinha que largar tudo aquilo e passar a ser um outro bicho. Isso aí para mim foi doloroso.</li><li>- Mas era algo, pelo qual eu precisava passar.</li><li>- Eu gostaria de ser livre. Fazer o que me desse vontade.</li></ul>
<p>14. (Relato 23)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Como se eu já tivesse asas entranhadas em mim.</li><li>- As asas foram crescendo e eu fui me considerando aquilo mesmo, como se fosse uma coisa natural.</li><li>- Foi bem forte mesmo.</li></ul>

CRUZAMENTO
------------

**Convergentes**

5 e 9 são convergentes porque afirmaram não ter sentido dor durante a transformação em bicho.

- 11, 13 e 4 convergem por almejarem a liberdade ao se transformarem em bicho.

- 3 e 7 convergem porque revelam sensação de segurança na transformação em bicho.

7 e 10 convergem por terem revelado sentimento de fragilidade e sofrimento em meio à transformação em bicho.

- 10 e 14 convergem por descreverem a metamorfose de gente para bicho como algo muito próximo, da própria pele. 10 diz que primeiro se rasgou todo, como fosse se tornar rato, que todo seu tecido parecia se romper e 14 diz que sentiu como se já tivesse naturalmente asas em seu corpo.

**Divergentes**

- 1 diverge das demais por se permitir refletir o fenômeno da transformação como uma mudança que vem de dentro e possibilita viver acima das circunstâncias da vida.

- 2 e 12 divergem, uma vez que 2 revela sentir medo dos outros a machucarem, ao passo que a 12 demonstra ter se sentido tranqüila.

- 6 é divergente de 13 porque, mesmo as duas concordando com o fato da transformação ter sido dolorosa, a 6 considera que foi um processo interessante, ao passo que a 13 considera que precisava passar por isso para ser mais livre.

- 13 diverge de 7 no tocante à sensação de dor no momento da transformação em bicho do ser negro. Para 7 o processo da transformação foi doloroso, já para 13 o que causou dor foi o fato de estar deixando de ser gente, deixando de lado relacionamentos, amigos e família.

- 12 diverge das demais por demonstrar simplesmente tranqüilidade no processo de transformação em bicho.

**Opostas**

5 e 9 são opostas a 7 e 13, uma vez que as duas primeiras revelaram ter sentido dor durante a transformação em bicho, ao passo que as duas últimas revelaram que não sentiram dor durante a transformação.

### **Ambiguidade**

7 é ambígua porque ao mesmo tempo que conota sensação de dor e sofrimento, também demonstra a dimensão de estar seguro de si como bicho.

### **Paradoxal**

13 é paradoxal porque ao mesmo tempo que a transformação é algo doloroso, pelo fato de estar deixando de ser gente, de largar tudo para passar a ser um outro bicho, também revela que a transformação é algo necessário, desejado e que traz liberdade para fazer tudo o que der vontade.

## **5. Sensação/atitude de andar diante dos outros bichos do ser negro**

### 1. (Relato 4)

- O encontro com os outros bichos, me veio à mente que, ao atravessar os obstáculos eu não estaria sozinha, estaria em conjunto, na união.

### 2. (Relato 3)

- Na hora da confrontação com os outros bichos eu também fui pela lateral, eu não tive nenhum problema.

### 3. (Relato 6 )

- O contato com os outros bichos, eu fiquei com um pouco de medo no começo porque ainda não conhecia.

- Mas depois que eu passei a explorar o espaço e percebi que tinha bichos como eu querendo explorar o desconhecido, eu perdi o medo, fiquei mais tranqüila.

### 4.(Relato10)

- Em relação às outras pessoas, que iam passando, dá aquela idéia de você fugir, você se esquivar do outro.

- E ao mesmo tempo você não está só no meio daquela cegueira toda.

### 5. (Relato 13)

- Por estarem todos com os olhos vendados uma liberdade maior de sair da responsabilidade de mostrar o que eu era e apenas ser.

- E daí ter esse cuidado maior com os que estavam em volta trabalhando com agilidade e delicadeza.

<p>6. (Relato 17)</p> <p>- Em relação aos outros, eu tentei meio que ter um respeito para que eu não machucasse ninguém e eu não chegasse a me machucar.</p>
<p>7. (Relato 18)</p> <p>- Eu fiquei com medo quando eu saí voando. Fiquei com medo de ser comida, morta pelos outros bichos.</p>
<p>8. (Relato 22 )</p> <p>- Como eu ia andar perto das outras pessoas eu imaginei que com esses sensores de calor eu ia evitar de bater em alguém ,machucar alguém e me machucar.</p>
<p>9. (Relato 23)</p> <p>- Tive uma relação muito grande com os meus companheiros, outros bichos também.</p>
<p><b>CRUZAMENTO</b></p>

**Convergentes**

- 1 e 3 convergem porque ambos demonstram satisfação pelo fato de não estarem sozinhos naquela situação desconhecida.

- 6 e 8 convergem por demonstrarem ter cuidado com os outros bichos para não machucarem nem serem machucados.

- 1 e 9 convergem porque ambos demonstraram ter-se permitido uma maior aproximação com os outros bichos. Estavam mais em conjunto, na união.

- 3 e 5 convergem porque chegam a comentar a sensação que tiveram em relação aos outros bichos no momento em que estiveram juntos. O 3 afirma que os demais queriam explorar o desconhecido. Já o 5 sente que os outros bichos estavam trabalhando com agilidade e delicadeza a sua volta.

**Divergentes**

- 8 e 7 divergem uma vez que para 8 a sensação de medo, ao andar diante dos outros bichos, foi em função de machucar e ser machucado por eles. Contudo, para 7 o medo girou em torno da possibilidade de ser comida ou morta por esses outros bichos.

- 5 Diverge dos outros bichos por relacionar o fato de estar com os olhos vendados à possibilidade de se ver livre da responsabilidade de mostrar o que ele era e apenas ser.

- 2 diverge das demais por ter afirmado não ter enfrentado nenhum problema quando se deparou com os outros bichos.

**Ambigüidade**

4 é ambígua por demonstrar o querer fugir, se esquivar dos outros bichos e ao mesmo tempo reconhecer certa vantagem no fato de não estar só naquela situação de cegueira.

**6 . Pensar/agir como bicho**

<p>1.(Relato 2)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando eu comecei a andar como borboleta comecei a procurar.</li> <li>- Como eu estava batendo minhas asas de borboleta, pra não bater nos outros bichos, comecei a sair do meio, onde estava concentrada a maioria dos bichos.</li> <li>- Eu procurei ir pelos lados sem abalroar, sem tocar nos outros bichos.</li> <li>- Depois eu comecei a pensar como borboleta, que borboleta tem um certo encanto. Que dos bichos e o que tem mais encanto na natureza.</li> </ul>
<p>2. (Relato 3)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como águia eu pensei: Não, estou voando e não tive nenhum problema, voando como se fosse por cima.</li> </ul>
<p>3. (Relato 7 )</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fiquei logo de quatro, que justamente foi isso que eu pensei: Vai e usa o apoio das quatro patas pra ter maior firmeza.</li> </ul>
<p>4. (Relato 8)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu disse: Eu tenho que voar daqui, porque eu não estou podendo sair.</li> </ul>
<p>5. (Relato 15)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando eu estava lá com os meus outros bichos, eu estava pronta pra matar ou morrer.</li> <li>- Mas eu fui aceita porque eu era ágil, sabia onde estava pisando.</li> <li>- Eu já tinha o equilíbrio, eu já tinha força.</li> <li>- Eu já tinha todo um potencial dentro de mim.</li> </ul>
<p>6. (Relato 18)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Por eu voar, eu achei que não fosse bater em ninguém.</li> </ul>
<p>7. (Relato 23)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu senti alívio quando comecei a voar.</li> </ul>

CRUZAMENTO

**Convergentes**

-1 e 6 convergem pelo fato das duas borboletas terem usado a capacidade de voar para evitar bater nos outros bichos.

- 3 e 5 convergem porque tanto o leão quanto o rato-pantera escura, ao pensarem como bicho, afirmaram suas capacidades de ter maior firmeza, de saber onde estavam pisando.

-2 e 4 convergem porque tanto a águia quanto o urubu pensaram em suas capacidades de poderem voar para poder se sair dos problemas, daquele lugar[desconhecido e com obstáculos].

**Divergentes**

7 diverge dos demais bichos que voam porque voar para o carcará não tinha o objetivo de se livrar de problemas ou dos outros bichos, voar causava apenas sensação de alívio.

1 e 6 divergem porque em 1 a borboleta, além de explicitar sua capacidade de voar, pensa do encanto que ela tem e afirma que de todos os bichos, ela é a que tem maior encanto. Já em 6 o voar tem o intuito de não bater nos outros bichos.

-1 e 5 divergem porque em 1 a borboleta toma a atitude de ir para os lados para não abaroar nos outros bichos, já o rato-pantera escura demonstra uma atitude de auto-defesa.

- 5 diverge das demais quando afirma que estava pronto para matar ou para morrer.

**7. Ser Diferente**

## 1. (Relato 13)

- Com o ser negro eu imaginei exatamente isso, a diferença.
- Porque o leopardo ele tem manchas, mas nunca são iguais, nunca são as mesmas. Eu imaginei uma comunidade onde cada leopardo tem uma textura.
- Cada um tem uma mancha diferente.
- Cada um predomina diferente numa tonalidade.
- Que isso mostrasse que o ser diferente é ser, um ser.
- Então cada pessoa é um mundo, cada bicho é um ser, é um mundo.
- Então cada um deve ser respeitado dentro da sua diferença.
- É bonito ser diferente e respeitar o que existe nessa diferença.

## 2. (Relato 11)

- Aqueles olhares que te matavam pelo simples fato de tu ter marcas no corpo diferentes.
- Eu estava andando como todo mundo, só que as marcas do meu corpo me deixavam bem diferente delas.
- Elas deixavam bem claro que eu era diferente e lançavam aqueles olhares e aquelas pedradas.

## 3. (Relato 22)

- Em relação à característica do bicho com o ser negro, me veio à mente, uma criança diferente da maioria. Negra ou com alguma necessidade especial, ou índia, que dentro da sua casa é amada é respeitada.
- Pregam pra ela que não existe diferença, que todo mundo é igual, que todo mundo é lindo, que todo mundo é respeitado e que todo mundo respeita. E de repente ela se deparava com uma realidade diferente daquela que pintaram para ela. Ela não é tão amada naquele mundo real, o quanto disseram pra ela e ela se sentia enganada.

## 4. (Relato 12)

- Eu me enxerguei e vi que eu era diferente, mas que todas as pessoas também eram diferentes.
- O que a gente tinha de igual eram as nossas diferenças.

## 5. (Relato 2)

- O sentimento em relação aos outros bichos era de respeitar o espaço do outro justamente através das minhas asas para não bater e aceitar a diferença dos outros animais, a particularidade de cada um.

## CRUZAMENTO

**Convergentes**

2 e 3 convergem pela percepção da diferença como algo que estigmatiza.

**.Divergentes**

1 diverge das demais por ter comparado as manchas do leopardo que nunca são iguais com a diferença entre os seres.

-1 diverge das demais por ter deixado entrever que o ser diferente é um ser.

- 1 diverge das demais por ter dito que cada pessoa é um mundo.

3 diverge das demais por deixar entrever a atitude de ocultar as diferenças entre as pessoas.

- 2 diverge de 3 pois, apesar de ambos perceberem a diferença como algo que estigmatiza e faz sofrer, em 2 o que causa sofrimento no ser diferente é a forma como os outros olham para as suas diferenças. Já em 3 o que faz sofrer é o fato das pessoas não o amarem devido a sua diferença..

2 e 3 divergem de 4, uma vez que este último não percebe a diferença como uma particularidade estigmatizante sua, assim como 2 e 3 deixam entrever. O 4 entende que a diferença é uma característica de cada ser. A regra geral entre os seres é exatamente a diferença.

— A cada técnica que visitamos em nossa viagem fica ainda mais difícil para mim entender o que é ser negro Macu, são tantos pontos de vista, tantos lados do mesmo ser negro para se observar, tantos caminhos a seguir. Essa técnica então foi mais diversificada ainda.. Estou um pouco angustiada com tantos dados que foram cruzados e comparados, amigo.

— Não fique assim, Zica querida, é por aí mesmo. Isso só vem nos mostrar que as coisas possuem muitos lados. Muitas vezes estamos tão carentes de intuição e de sensibilidade que acabamos por ver apenas um dos muitos lados que uma mesma coisa possui. Eu e você estamos nos transformando o tempo todo porque nos permitimos olhar e

ver esse ser negro com mais atenção e proximidade. É interessante observar que cada pesquisador também está transformado. Cada um deles se admitiu ver o negro com os olhos da sensibilidade também. Exatamente por isso que tantos bichos seres negros interessantes foram criados aqui.

— Por falar nisso vamos nos lembrar de cada bicho do ser negro!

— Sim, podemos.

Ficamos alguns instantes procurando lembrar de cada bicho do ser negro e suas principais características. Esses bichos são os confetos encontrados nessa técnica. São eles:

### 21. Confetos do bicho do ser negro/a

<b>Relato 1 - Ser negro leão rei da selva</b>	Não se sente muito ameaçado, é o poderoso e consegue transpor os obstáculos.
<b>Relato 2 - Ser negro Borboleta Encanto</b>	Pensa e anda como borboleta. Através de suas asas vence os obstáculos, pode ir até onde quer e aceita a diferença, a particularidade de cada animal.
<b>Relato 3 - Ser negro Águia pássaro nobre</b>	Sobe além da tempestade e tem uma visão ampla. Ela vê além, vê acima.
<b>Relato 4 - Ser negro Macaco bicho forte</b>	Não se vê só. Está em conjunto, na união. É um bicho forte.
<b>Relato 5 - Ser negro Borboleta frágil</b>	Demonstra medo dos outros bichos a machucarem, quebrarem as suas asas. Vive na sociedade que pode machucá-la, que pode agredi-la, e ela não pode se defender por ser muito frágil.
<b>Relato 6 - Ser negro Macaco esperto</b>	Explorador do desconhecido. Considerado muito esperto.
<b>Relato 7 - Ser negro Leão</b>	Usa o apoio das quatro patas para ter firmeza e agilidade. Caça e mata os outros bichos só pra sobreviver. Só

<b>animal forte</b>	mata o que vai comer, nunca além do que ele precisa.
<b>Relato 8 - Ser negro Urubu seboso</b>	É o pior bicho, o mais seboso que existe. Bicho Preto que voa por cima. Se sente inferior aos outros animais, porque ele sobrevive de coisas deterioradas.
<b>Relato 9 - Ser negro Coelho Sábio</b>	É sabido, esperto e tem uma inteligência para pensar como agir e não ser castigado.
<b>Relato 10 - Ser negro Bicho-eu- que-melhor-reagia- porque-alguma- coisa-já-conhecia</b>	É o morcego-batman sem visão. Meio marginalizado. Não enxerga o preconceito e ainda assim continua se envolvendo nesse mundo. Alguns o temem, mas em outros momentos vira um herói. Vira aquela coisa imponente.
<b>Relato 11 - Ser negro Besouro carapuça</b>	Ele tem marcas no corpo que o deixam diferente dos outros. Percebe pessoas com olhares que doem mais do que pedradas. Olhares que matam pelo simples fato do corpo ter marcas diferentes.
<b>Relato 12 - Ser negro Pássaro Pensamento</b>	É muito seguro de si e firme. Encontrou uma conscientização do que é realmente ser negro. Viu que é diferente, mas que todas as pessoas são diferentes, e o que a gente tem de igual são as nossas diferenças.
<b>Relato 13 - Ser negro Leopardo de garras</b>	Identifica, tateia e observa com agilidade o que se passa em volta. Por estar com os olhos vendados sente uma liberdade maior de sair da responsabilidade de mostrar o que é e apenas ser. É o bicho da diferença porque o leopardo tem manchas, mas nunca são iguais, nunca são as mesmas. É como imaginar uma comunidade onde cada leopardo tem uma textura. Cada um com manchas diferentes, cada um predominando diferente numa tonalidade. O ser diferente é ser, um ser. Então cada

	<p>peessoa é um mundo, cada bicho é um ser, é um mundo.</p>
<p><b>Relato 14 -</b> <b>Ser negro</b> <b>Borboleta Bela</b></p>	<p>É um bicho condicionado à sobrevivência através da sua beleza. Ao mesmo tempo em que adia, busca os olhares das pessoas. Vive com os outros seres, mas independente de ser prejudicado por eles ou prejudica-los. Quer continuar seu ciclo sem ter relacionamento, envolvimento. Quer ser só, individual.</p>
<p><b>Relato 15 -</b> <b>Ser negro Rato-</b> <b>Pantera Escura</b></p>	<p>Ele é frágil, propícia ao sofrimento. Também é forte como o negro é. Nasceu completamente sem os olhos entre aquele impasse de ser e não ser aquilo que poderia ter sido melhor ou pior. Pronta para matar ou para morrer. Mas foi aceita pelos outros bichos negros por ser ágil e por saber onde estava pisando. Já tinha o equilíbrio, e a força. Já tinha todo um potencial dentro de si.</p>
<p><b>Relato 16 -</b> <b>Ser negro Morcego</b> <b>Noturno</b></p>	<p>Morcego fêmea louca pela noite. Muito intrigante. As pessoas não conhecem a fundo sua vida e a temem. Acham que ela vai atacar seu pescoço, vai morder. Ela não ataca diretamente. Depende da espécie.</p>
<p><b>Relato 17 -</b> <b>Ser negro Coruja</b> <b>ágil</b></p>	<p>Ela tem dois momentos: No horário da manhã ela não enxerga, então é meio que a parte da discriminação em relação ao negro. A noite é um animal mais esperto é muito vivo, muito ágil.</p>
<p><b>Relato 18 -</b> <b>Ser negro</b> <b>Borboleta</b> <b>pequenina</b></p>	<p>Por ela voar é mais fácil passar pelos obstáculos e se esquivar dos outros bichos. É tranqüila, mas tem medo de ser comida, morta pelos outros bichos por ser pequenininha e parecer ser frágil.</p>
<p><b>Relato 19 -</b> <b>Ser negro Gato</b></p>	<p>É um conhecedor do ambiente e dos locais onde é mais fácil subir, entrar, descer. Também é inteligente, gosta de</p>

<b>inteligente</b>	fazer muitas amizades. Bastante cativo, carinhoso, e cauteloso. Observa muito o ambiente que está. Se vai cair, se vai descer, se é perigoso. Passa segurança.
<b>Relato 20 - Ser negro Morcego medo da mistura</b>	Não enxerga á noite. Ele é muito ágil, esperto, consegue identificar as coisas através dos sensores e não da visão. Tem medo de se misturar e ao mesmo tempo de ser excluído.
<b>Relato 21 - Ser negro Coelho habilidoso</b>	Não sai da toca. Fica olhando para um lado e para o outro pra saber o que tem lá. De repente sai alegre, olhando, vistoriando tudo. É muito veloz, habilidoso e ágil. O coelho é também muito amável quando está no meio dos outros, mas quando ele se acha pressionado fica com medo e foge logo. Quando se sente sufocado quer pular, mas não consegue e se vê querendo ir para dentro de uma toca. Tenta entrar e não entra. É como se tivessem medo de gente. Ele se sente muito discriminado.
<b>Relato 22 - Ser negro Cobra liberdade</b>	Não tem olhos, mas tem sensores de calor que evita de bater nos outros bichos e se machucar ou machucar um deles. Como cobra se sente mais livre para fazer o que tem vontade. Sente-se diferente. Deixar de ser gente para ser outro bicho foi doloroso. Mas era algo que ela precisava passar.
<b>Relato 23 - Ser negro Águia- carcará</b>	Ao transformar-se sentiu como se já tivesse asas em suas entranhas, algo muito natural. Não sabia se era carcará ou se era águia. Um ser livre que pode voar em todas as direções sem limites.
<b>Relato 24 - Ser negro Borboleta de luta</b>	Um ser que voa para ver os obstáculos do alto para superá-los. Por ser sensível e fragilzinha, ela ainda luta muito para sobreviver voando. Vive na natureza apesar de todos os predadores, apesar de tudo ela sempre está lutando e vivendo.

— É uma pena que os bichos nos quais nos metamorfoseamos não possam ser registrados na pesquisa, Macu.

— Se eles fossem o que você diria do seu?

— Seria a *Negra onça*. Ela é um bicho do ser negro  *muito seguro de si*. À medida que os tempos vão passando ela vai adquirindo mais maturidade para perceber seus erros e rever seus conceitos. E você quem é seu bicho do ser negro amigo erê?

— Eu sou o bicho *Fera delicada*. Às vezes sou criança brincalhona e matreira, como todo erê, mas em outros momentos sou responsável e sei cumprir minhas missões seguindo meus instintos de animal.

— Erê, menino levado, estou bastante curiosa para saber o que Rebeca vai criar a partir de tudo que foi produzido e analisado.

— A cada passo da pesquisa você se revela uma ótima pesquisadora Zica. É isso mesmo. Agora o que temos pela frente é a análise transversal.

— Aquele momento em que os elementos da técnica que foram separados pela análise classificatória serão juntos novamente.

— Isso merece recorrer à energia da natureza e viajar no tempo em um momento pós-escrita dessa técnica. E como eu sei de sua ansiedade para ver o resultado, vamos lá.

## 22. Estudo Transversal

### Conversando com Oxóssi sobre o ser negro/a à sombra do baobá

O dia amanhece na selva. O Sol dava o ar de sua graça quando o macaco saiu convocando toda a bicharada para fazer um comunicado. Ao perceber que todos estavam reunidos à beira do rio Melancias, o macaco disse:

— Amigos bichos, Oxóssi, orixá guardião das matas, mandou-me como mensageiro a fim de convocar a todos para conversar à sombra do grandioso baobá.

Os bichos não cabiam em si de satisfação. Serem convocados a conversar com Oxóssi, à sombra do baobá, a árvore sagrada, era realmente indubitavelmente um grande privilégio. Assim, um a um, cada bicho a seu modo, encaminhou-se ao local estabelecido. Após alguns instantes de expectativa eis que surge Oxóssi.

— Caras criaturas da mata, como hoje é quinta-feira, dia de Oxóssi, decidi estar com todos vocês para uma longa conversa a sombra do baobá. Vim com a intenção de refletir sobre alguns assuntos importantes a todos nós que habitamos a selva.

— Gostaria de saber inicialmente sobre o motivo pelo qual decidiram se **transformar em bicho no dia da criação dos seres?**

O bicho *Leão Rei da Selva* levantou e disse logo que foi para reinar já que é o poderoso e porque tem agilidade.

O *Leão Animal Forte* afirmou que ser leão tinha relação também com a agilidade. Contudo reclamou que sempre é visto como animal ruim, por caçar os outros bichos. No entanto, deixou claro que o fez pela sobrevivência, só mata os outros bichos para comer, nunca além do que ele precisa, ao contrário do que a maioria das pessoas faz.

A *Borboleta Encanto* voou para perto de Oxóssi e justificando sua resolução: através de suas asas, ela vence os obstáculos e fica acima destes, inclusive esquivando-se dos outros bichos. Pode ir onde almejar.

Já a *Borboleta Bela* explicou:

— Tornei-me borboleta por todas nós termos asas para transpor os obstáculos e porque somos animais condicionados à sobrevivência através da nossa beleza. Ao mesmo tempo em que adiamos, buscamos olhares.

A *Borboleta de Luta* apesar de estar chegando atrasada foi logo exclamando:

— Pois eu digo que sou borboleta por ser sensível e fragilzinha. Assim, ainda lutamos muito para sobrevivermos. É por isso que voamos. Vivemos na natureza apesar de todos os predadores. Apesar de tudo sempre estamos lutando e vivendo.

A *águia pássaro Nobre* aproximou-se tímida, mas arriscou comentar que o fato de ter se tornado esse bicho é por considerar-se um pássaro nobre. Ela sobe além da tempestade, tem uma visão ampla, ela vê além, vê acima.

O *Macaco Bicho Forte* saltou rápido de uma árvore e foi logo dizendo que ser macaco é ser forte e muito esperto.

Oxóssi sem titubear olhou para o lado e perguntou:

— E você, por que decidiu ser urubu?

O bicho *Urubu Seboso*, sem pestanejar respondeu que ser urubu é ser o pior bicho, o bicho mais seboso que existe.

O *Coelho Sábio* saltou rápido e argumentou que o bicho coelho é um animal muito sabido e esperto. Como coelho se torna mais fácil sair de qualquer labirinto que tenha. Esse foi o motivo de sua transformação.

O *Coelho Habilidade* disse que não era nada daquilo. Que sua transformação se deu porque coelho não sai da toca. Ele fica olhando para um lado e para o outro para saber o que tem. Qualificou-se ainda como muito veloz, habilidoso, ágil e que é muito amável quando está no meio dos outros, todavia quando ele se acha pressionado, fica com medo e foge logo.

Quanto ao *Morcego Bicho-eu-que-melhor-reagia-porque-alguma-coisa-já-conhecia?*

— Ora! Disse o próprio.

— Mais pela “imediatez” da falta de visão.

— No meu caso, retrucou o *Morcego Noturno*: por eu ser uma criatura noturna, um bicho que não enxerga à noite, e que se considera muito intrigante. É um ser muito ágil, esperto, que consegue identificar as coisas através dos sensores e não da visão.

A possibilidade de tornar-se *Besouro Carapuça*, segundo ele, surgiu quando soube que a selva teria obstáculos maiores a explorar, enfrentar e a superar.

O *Leopardo de Garras* argumentou que a atitude deste bicho estar identificando, tateando com suas garras, estar observando com agilidade o que se passa em volta, foi um fator decisivo no ato da transformação em bicho.

— Primeiro me rasguei como se fosse me tornar um rato, no entanto do rato emergiu uma pantera escura.

Esta foi a explicação do foi o argumento do bicho *Rato-Pantera Escura*.

O *Gato Inteligente* miou que ser gato é ser inteligente, aquele conhecedor do ambiente, dos locais. Disse que ele é um bicho que gosta de fazer amigos, que é carinhoso e cativo.

Oxóssi respirou lentamente e perguntou:

— O que é ser cativo para você gato?

A *Cobra Liberdade*, sem dar chance para o gato responder e com seu molejo rasteiro, soltou essa:

— Pensei em ser cobra, porque cobra tem sensores de calor.

Um certo pássaro estava confuso acerca de saber o que era realmente. Não sabia dizer se ela era um carcará ou uma águia. Então cognominou-se *Águia-Carcará*.

Oxóssi tomou a palavra e exclamou:

— Amigos da mata, vejo que alguns de vocês ficaram confusos ante o processo de transformação em bicho.

O Rato-Pantera, a ave que possivelmente é carcará e o Leopardo de Garras concordaram com o orixá que prosseguiu:

— Além dessa confusão experimentada por alguns **na alquimia do transformar, sei que em cada um de vocês habitou um sentimento e alguns tomaram certa atitude.**

Ao lembrar-se do instante de transformação em bicho, foram se desenhando teias de palavras e Oxóssi as deixou sair de sua boca:

### **Metamorfose em dor**

Na transformação

O Sentir dor.

Toda transformação dói,

Pois gera mudança.

Para se tornar Águia Pássaro Nobre

Para viver acima das circunstâncias da vida

É preciso haver transformação de dentro

Doeu!

Doeu muito, foi muito sofrido.

Mas quando Pássaro Pensamento se tornou

Sentiu segurança em si.

Não pode negar

Foi uma transformação em besouro Carapuça interessante

Por que teria que saber o que ser.

Dali para frente

Foi um fortalecimento, deixou-o equilibrado.

Mas ao crescer uma carapuça enorme

doeu, pode acreditar.

Era deixar de ser gente.

E passar a ser bicho Cobra Liberdade.

Tinha que largar tudo

Passar a ser um outro bicho.

Foi doloroso, mas era preciso passar.

### **Transformação de medo**

Sentiu medo

Por ser Borboleta Ser Frágil.

Por temer ser machucada,

Medo de ter suas asas quebradas.

### **Metamorfose segurança**

Instantaneamente se fez Leão Animal Forte.

Firmou suas patas

Sentiu segurança no ato da transformação.

### **Transformar e libertar**

Bicho urubu Seboso

E a vontade de liberar-se

Do espaço em que estava.

Significou liberdade

De estar a transformar-se

No bicho Coruja Ágil.

### **Transformar é normal e indolor**

Não passou de uma metamorfose

Para o bicho Coelho Habilidoso

Aquilo lá foi normal

Dolorido não foi não.

### **Dúvidas de transformação**

A transformação Leopardo com Garras

Teve momentos de duvidar.

Teve de imaginar o transformar.

**Tranqüilidade**

Quando da transformação

Naquele momento de pura alquimia

A Borboleta Pequenininha sentiu-se tranqüila.

### **Rompendo e sofrendo**

No impasse da metamorfose

Sentimento de Fragilidade, propício ao sofrimento.

Todo o seu tecido ia se rompendo

Como fosse tornar-se rato.

Os bichos sentiram-se felizes pelo Orixá ter na lembrança, cada um deles, no dia em que foi o primeiro de suas vidas como bicho do ser negro. Oxóssi levantou a cabeça quando o Leão Rei da Selva pediu a palavra:

— A transformação era algo desconhecido para nós, mas desconhecido também era o espaço da criação, **o espaço desconhecido em que nos tornamos bicho**. Naquele instante me deu certo medo de bater em alguém e de alguém me machucar.

A Borboleta Encanto disse que sentiu um pouco de receio de onde estava pisando.

O Macaco Ser Esperto foi logo deixando claro que no caso, ele ficou com medo de explorar o espaço, pois o sentiu delimitado, ficou apertado.

O Leão Animal Forte salientou: — É... Mas é bom entender que para conseguirmos o nosso espaço é com um pouco de dificuldade. Quando se chega num lugar que não se conhece nunca se sai imune, você sempre sofre alguma coisa.

O orixá ouvia com muita atenção cada bicho da selva. Como é quinta-feira, dia de Oxóssi, ele tem todo tempo do mundo para estar entre os bichos.

O Gato Inteligente disse que por ser cauteloso sentiu segurança nesse espaço desconhecido.

Já o coelho Habilidoso disse ter saído alegre, olhando, vistoriando tudo, mas também em alguns momentos sentiu-se sufocado. Viu-se querendo entrar numa toca, o que denota paradoxo em seus sentimentos, haja vista que ao sentir-se sufocado, quis ir para uma toca, onde geralmente é um lugar limitado e asfixiante.

Depois de criar coragem a Águia-Carcará confessou que de início estava meio insegura, com medo.

Oxóssi sacudiu a cabeça, querendo dizer que tinha entendido as sensações que vieram à tona no espaço desconhecido e de transformação em bicho, mas inquietou-se com um outro aspecto desse fenômeno de transformação:

— Diante esses temores que alguns revelaram desse ambiente desconhecido, questiono-me o que sentiram vocês quando se viram **diante das outras criaturas transformadas, os outros bichos?**

A bicharada não demorou muito para explicar seus sentimentos. Só que dessa vez as construções frasais foram chegando de uma só vez, sem distinção de sujeito, feito chuva desaguando fluida nas águas de um rio:

— No encontro com os outros bichos senti que eu não estaria sozinha.

— Eu fui pela lateral e não tive nenhum problema.

— Sim... Porque ainda não conhecia fiquei com medo. Mas quando percebi que tinha bichos como eu querendo, explorar o desconhecido, perdi o medo e fiquei mais tranqüila.

— Dá aquela idéia de você fugir, se esquivar dos outros e ao mesmo tempo você não está só no meio daquela cegueira toda.

— Por estar com os olhos vendados sentia maior liberdade de sair da responsabilidade de mostrar o que eu era e apenas ser. E também tive esse cuidado maior com os que estavam em volta trabalhando com agilidade e delicadeza.

— Senti que estar com os outros é ter um respeito para que eu não machucasse ninguém e nem me machucasse. Já eles me respeitaram apesar de eu ser pequenininha e parecer frágil.

— Com esses sensores de calor evitei machucar alguém e me machucar.

— É interessante perceber. (Disse Oxóssi). Que alguns depoimentos apresentam certas tendências. Alguns demonstraram satisfação pelo fato de estarem com os outros bichos naquela situação desconhecida. Outros já cuidaram para não se machucarem e também se resguardarem. Poucos tiveram a sensibilidade de intuir o sentimento dos colegas bichos, quando afirmaram, por exemplo, que os outros estavam interessados em explorar o desconhecido, ou que trabalhavam com agilidade e delicadeza a sua volta.

Um outro aspecto muito interessante também, foi ser testemunha das **atitudes e pensamentos de todos vocês bichos, nos primeiros instantes de vida.**

Ao expressar-se Oxóssi abriu os dois braços e permitiu que o vento, amigo do tempo, deixasse revelar essas memórias antigas. O vento, irmão da lembrança soprou:

Ao andar como borboleta

Comecei a procurar.

Eu estava batendo minhas asas de borboleta.

Que a borboleta tem certo encanto,

Dos bichos é o que tem mais encanto.

Como águia eu pensei:

Não, estou voando!

Voando como se fosse por cima mesmo.

Justamente foi isso que eu pensei:

Vai, usa o apoio das quatro patas

Para ter mais firmeza.

Eu disse:

Eu tenho que voar daqui.

Eu não estou podendo sair.

Eu estava pronta

Para matar ou para morrer.

Mas fui aceita

Por que eu era ágil,

Sabia onde estava pisando.

Eu já tinha um equilíbrio, força.

Todo um potencial dentro de mim.

Por eu voar

Eu achei que não fosse

Bater em ninguém.

Eu senti alívio quando comecei a voar.

Os bichos todos de olhos fechados escutando o sussurro do vento.

Oxóssi, com toda a força de sua energética presença disse:

— Exu é o princípio e o principio também é África. Ao tornar-te vida o fizeste em África, a Terra Origem, o Locus da Criação... A Terra Útero. Logo, há uma **relação intrínseca do bicho em que te transformar-te com o ser negro**, pois a África é negra... A Mãe Negra. Cada bicho deve sentir em si a relação do bicho que é com o ser negro. Essa relação deve pulsar em suas veias.

— Oxóssi. Disse o Macaco Bicho Forte. — A relação do bicho macaco com o ser negro é ser forte.

O Leão Animal Forte esbravejou que para ele a relação de ser leão com ser negro também era ser forte.

Duas borboletas aproximaram-se de Oxóssi e pediram para zunzunar a seu ouvido. Oxóssi recostou-se no tronco do baobá e as escutou atentamente.

O orixá pediu a palavra e falou:

— As borboletas trazem elementos importantes para refletirmos acerca do que consideramos ser negro. Uma diz que a relação com o ser negro é viver em uma sociedade que pode machucá-la por ela ser frágil e não poder se defender. A outra diz que, como ser negro, decidiu viver com os outros seres independente de ser prejudicada por eles ou prejudicá-los e continuar seu ciclo sem relacionar-se, envolver-se. Meio que um ser só, individual. Hummmmm!. Exclamou a Energia.

— Então o ser negro para as irmãs borboletas é ser frágil e não ter como se defender da sociedade em que vive. Como também é decidir viver com os outros seres sem se importarem se irá se prejudicar ou se prejudicará. Ser negro também tem uma idéia que me parece ambígua, amigas borboletas, pois não vejo como o ser negro pode morar numa coletividade sem se relacionar, como pode pretender ser um ser individual na comunidade?

O Urubu Seboso, que estava muito ocupado se alimentando dos restos mortais de um companheiro, tomou um susto quando um de seus colegas bichos decidiu, aos berros, falar em seu nome:

— Olhem todos o urubuuuuu! Esse bicho se sente inferior aos outros animais, porque ele sobrevive de coisas deterioradas. Aí existe uma relação com os que se sentem superiores às outras pessoas.

Oxóssi parece ter ficado confuso. E perguntou:

— Devo entender que o ser negro sobrevive das coisas deterioradas e que por isso ele se sente inferior? O que são essas coisas deterioradas? Em sua opinião as pessoas se sentem superiores ao ser negro?

O Coelho Inteligente nem deixou os bichos se posicionarem e fez de imediato a relação do ser negro com a inteligência:

— Eu penso que devido toda a esperteza é que nós temos que levar para o lado da inteligência. Os seres negros escravizados foram muito inteligentes. Tiveram capacidade de pensar como é que eles iam agir para não serem castigados.

O Coelho Habilidoso explicou que a relação com o ser negro é comparável com a situação dos meninos africanos da Guiné Bissau. É como se eles tivessem medo da gente. Sente que esses estudantes se sentem muito discriminados.

Vamos deixar de papo de coelho aí velho! Chegou na área o Morcego bicho-eu-que-melhor-reagia-porque-alguma-coisa-já-conhecia, tá ligado! Minha relação com o ser negro é ser meio que marginalizado. Valeu!... Bicho que não enxerga o preconceito e ainda assim continua se envolvendo nesse mundo. Alguns nos temem, mas em outros momentos viramos heróis. Viramos meio que o Batman.

O Pássaro Pensamento poderia ser apelidado de pássaro conscientizado, pois em seu discurso afirmou que, a sua relação com o ser negro se deu quando encontrou uma conscientização do que é realmente ser negro. Nesse momento, afirmou ter percebido quem ele era. O pássaro estava conscientizado de que ele era negro.

Oxóssi percebeu que entre as folhas do baobá observava atento o Morcego Ser da Noite. Um morcego muito quieto e observador. O orixá sacudiu o galho onde estava o bicho e disse:

— Teu companheiro da mesma espécie já deu seu depoimento pessoal sobre a relação de ser bicho com o ser negro. E você, o que tem a nos dizer?

— A relação que faço com o ser negro é de medo e agressão por parte dos que não nos conhecem. Ora! As pessoas não conhecem a fundo a vida de um morcego. As pessoas têm medo do morcego, acham que vamos atacar seu pescoço, que vamos direto morder. O mais que o morcego faz, é comer umas frutinhas e alguns insetos. Não ataca diretamente.

— Mas pode atacar não é?!

Indagou um mosquito encenqueiro que pousara na juba do leão.

— Isso vai depender da espécie de morcego, amigo. Associei a história de ser negro porque as pessoas às vezes desconhecem e geralmente quando a gente não conhece uma coisa a gente tem medo e quando tem medo às vezes age com agressão. Quero dizer também que a noite o morcego tem relação com o ser negro por ser muito vivo, esperto e ágil.

Outro morcego, o Medo da Mistura que escutou atento o discurso de seu irmão pediu permissão a Oxóssi e aos demais companheiros para logo falar:

— A relação que eu vi com o ser negro foi o medo. Medo de se misturar e ao mesmo tempo ser excluído.

Já a Coruja Ágil afirmou que o que ela pode associar ao ser negro é o fato dela não enxergar de manhã. Esse não enxergar é a discriminação em relação ao negro.

O pássaro Águia-Carcará, defendeu que a relação que faz com o ser negro é a sensação de liberdade quando ele voa. A sensação de poder voar em todos os limites, sem nenhuma restrição.

Já era quase noite quando Oxóssi se pôs de pé. Olhou para os bichos com muito respeito e proferiu:

— Ainda bem que, pelo menos, a maioria de vocês entende o significado da diferença que há em cada ser, um a um, Contudo algumas frases ainda ecoam no meu ouvido. Alguns bichos em algum, momento de suas vidas, chegaram a afirmar que não entendiam o porquê de se reunir para discutir o que é ser negro, que não viam diferença entre os seres, sejam brancos ou negros. E ainda que todos somos iguais. **E as diferenças? Somos realmente todos iguais?**

Os bichos ficaram em alvoroço. Todos queriam opinar simultaneamente. Ninguém mais se entendia. Até que alguns pequenos erês saíram de dentro de pétalas de rosas. Os bichos ficaram perplexos, mas logo se aquietaram no momento em que um dos pequenos erês falou:

— Foi mais doloroso ainda que a transformação em ser. Havia pessoas com olhares que doíam mais do que pedradas. Um dia aqueles olhares me mataram pelo simples fato de eu ter marcas no corpo diferentes. Eu estava andando como todos. Só que as marcas do meu corpo me deixavam bem diferente deles. Eles deixaram bem claro que eu era diferente e lançaram aqueles olhares e aquelas pedradas.

Um segundo erê gritou:

— É como uma criança diferente da maioria. Negra, com alguma necessidade especial ou índia. Dentro de sua casa é amada. Pregam pra ela que não existe diferença. De repente ela percebe que no mundo real ela não é tão amada assim. Então se sente enganada.

— Eu me enxerguei! Vi que eu era diferente, mas que todas as pessoas são diferentes. O que a gente tem de igual são as nossas diferenças.

— Respeitar o espaço do outro é como, através de asas, não bater em ninguém e aceitar a diferença. A particularidade de cada um.

Por fim o último erê filosofou:

— A diferença é como o leopardo que tem manchas, mas nunca são iguais, nunca são as mesmas. A diferença é como uma comunidade onde cada leopardo tem uma textura. Cada um predomina diferente numa tonalidade. Ser diferente é ser um ser. Cada bicho é um ser e um mundo.

Oxóssi sorriu satisfeito, pois aquela quinta-feira havia sido proveitosa. Os bichos todos disseram: “Oxalá!”. O orixá aos poucos foi se tornando translúcido e se misturando em

estado de energia aos elementos da natureza. Os bichos sentiam-se gratificados por terem tido o privilégio de receber Oxóssi e ter compartilhado com ele um pouco de si mesmo.

Acordei com o barulho de chuvas e trovoadas. A garotada da vizinhança toda tomava banho na chuva e os adultos rezavam agradecendo a Deus pelo inverno. A situação das famílias sertanejas sem chuva é difícil e eu conheço muito bem o que é não ter colheita para fazer. Era dia de comemoração e agradecimentos. No dia da grande primeira chuva ninguém consegue pegar no pesado. Ficam todos boquiabertos admirando cada pingo de água que cai. É como se caíssem pingos de ouro para nossa gente.

Tirei o dia também para pensar em tudo que estava acontecendo. Meu corpo podia sentir todas aquelas transformações pelas quais passava. Não era mais o mesmo corpo. Estava muito modificado, assim como meu ponto de vista sobre minha negrura, minha aparência. Eu agora sou um ser metamorfoseado, para usar os termos do meu amigo erê brincalhão. Todo o dia foi assim, de muita festa e contentamento por parte de toda comunidade. A noite chegava banhada pelas calmas e cristalinas gotas de água que ainda insistiam em cair do céu. Em pouco tempo tudo ficou escuro. Afastei-me um pouco da minha família. Fui sentar no parapeito de madeira velha da nossa humilde casa.

O barulho dos bichos festejando a chegada das chuvas era muito comovente. Durante algum tempo fiquei quietinha só ouvindo. Parecia que tinham combinado um arranjo. Eram músicos da natureza.

## PARTE VI

### CONTRA-ANÁLISE

— Você lembra o que significa a contra-análise?

— Acho que é o momento da pesquisa sociopoética em que o pesquisador/a oficial leva as suas análises para o grupo pesquisador conhecer.

— É mais do que isso Zica. É também a oportunidade do grupo esclarecer, debater alguns elementos que sejam necessários. Inclusive é ainda um momento de produção, com possibilidade até de aparecimento de novos conceitos e confetos.

Este momento aconteceu em duas etapas. A primeira para discutir a técnica do bicho do ser negro. Todo o pessoal da pesquisa decidiu viajar aqui para a Prainha do Canto Verde. Foi nesse ambiente praieiro que o bicho foi contra-analisado.

Macu e eu estamos tomando água de coco sentados à beira da praia. Sós. É muito cedo para os banhistas e tarde para os pescadores. A Prainha do Canto Verde é muito bonita. É limpa. Uma praia limpa. A comunidade liga. Cuida da praia. Essa é a primeira impressão dos que chegam de fora como eu.

### 23. O bicho vai à Prainha do Canto Verde – Beberibe/Ce

— A contra-análise aconteceu na associação comunitária. É um lugar muito bonito em cima de uma duna. Sandra conduziu o relaxamento. As pessoas se voltaram para o mar. Ficaram olhando todo aquele canto de oceano beijando a comunidade com suas águas rasas. Ela pediu que fechassem os olhos e fizessem sons. Cada um tinha um som diferente do outro. No fim surgiu uma melodia muito esquisita e interessante.

Depois Rebeca distribuiu o estudo transversal da técnica do bicho. O conto “Conversando com Oxossi sobre o ser negro/a à sombra do baobá”. Em seguida cada um elaborou perguntas relacionadas ao texto. Estas dando corpo ao momento à medida que iam sendo lidas e debatidas.

Pergunta a pergunta a contra análise da técnica do bicho se deu dessa maneira:

— : Como é possível pretender ser um ser individual na comunidade? (**ser negro borboleta bela** – relato 14)

— A comunidade fica fragmentada. Existe a presença do individualismo. Não é a questão de ser individual como pessoa, mas é a questão de você preponderar o individualismo e não a coletividade dentro da comunidade.

— Mas como esse ser negro pode ser individual e ao mesmo tempo se envolver com a comunidade? Que tipo de relação o ser negro vai ter, se ele pretende estar com as pessoas sem se envolver?

— A gente fez uma comparação com um círculo familiar que nós constituímos. Porém cada um tem sua particularidade. Mesmo fazendo parte deste círculo, integramos uma família maior, mas temos nossa individualidade, as coisas que não são compartilhadas. Isolado, o ser negro não viveria a depender de toda a comunidade, não. O isolamento e a individualidade. O jeito dele ser negro. Sabendo essa distensão e fazendo isso nessa sociedade, ele é individual sem ser isolado. É possível ser individual, contudo não isoladamente.

— Então temos duas idéias. Uma é que o negro está se excluindo. A outra que é a questão da particularidade de viver sua individualidade sem isolamento.

— É. Porque no caso do ser negro, é o que a gente estava falando da fragmentação. Ele não vai ser negro individualmente. Acho que existem outras pessoas que também podem se identificar como negras e vivem esse ser negro coletivamente.

— O **ser negro besouro carapuça** é a exclusão do branco contra o negro? (relato 11)

— Vamos supor. As pessoas mais brancas têm uma mania de ter um preconceito e de alguma forma elas não se aproximam muito dos negros. Excluem os negros de alguma forma por acharem que são diferentes. Eu convivo muito com pessoas diferentes, e todo mundo tem a mania de excluir as pessoas. Eu penso que todo mundo tem preconceito e mania de excluir os outros.

— As pessoas são atingidas pelo preconceito. Sempre vai ser da mesma maneira. Esses excluídos acabam se excluindo naquela sociedade.

— Posso até relacionar com o candomblé. Venho observando que lá não se fala de negro. É só a questão da religião mesmo. No entanto quando chega um pai de santo, uma pessoa de fora, de Salvador ou São Paulo, aí sim, se fala alguma coisa de negro. Mas considero ainda muito pouco.

— Devo entender que o ser negro sobrevive das coisas deterioradas e por isso ele se sente inferior? O que são essas coisas deterioradas. (**ser negro urubu seboso** – relato 8).

— Eu acho que esse lado é o profissional. Geralmente em novelas os negros fazem papéis subalternos: empregados, turistas. Tem essa idéia nesse meio. De resto o negro não tem condições ou não dão oportunidades para ele tornar-se doutor, estudar, aprender a pensar

e saber como expressar seus pensamentos. Geralmente sobra trabalho braçal. Você vê que o nosso governo faz sair um monte de curso, mas geralmente é curso profissionalizante que não ensina a pensar. É só fazer vassoura, fazer doce o dia todo mecanicamente. Nada contra! É uma profissão como qualquer outra. Mas é só isso. É tipo uma máquina. Você é feito para aquilo, para sua sobrevivência.

— Eu tenho outra forma de dizer. Tem dois lados. Teria a visão do exterior. Eu defendo que muitas pessoas tentam, buscam até inconscientemente, levadas pelo próprio preconceito, deixar esse resto, esses detritos para os negros. Só que, nem mesmo quando o negro estava aqui como escravo ele não se deixou pegar apenas por esse detrito.

— A gente botou aqui que esse novo negro foi justamente associado àquela imagem que as pessoas têm. O negro é uma pessoa ruim. Quando você vê pessoas andando na rua, e então vê uma pessoa negra, até mesmo bem vestida. As pessoas começam a guardar a bolsa com medo. Como se fosse uma coisa ruim só pelo tom da pele. Se os negros fazem coisas ruins eles merecem coisas ruins. As pessoas pensam assim. Desde o tempo da escravidão, as profissões deles eram ruins, subalternas, inferiores. O resto já vem desde à escravidão. Era o que o negro comia. Os restos da comida dos brancos.

— Quem não enxerga o preconceito é o negro e branco? Quem continua vivendo nesse mundo apesar de não enxergar o preconceito também é o branco e o negro? (**ser negro-bicho-eu-que-melhor-reagia-porque-alguma-coisa-já-conhecia** – relato 10).

— Eu também penso que o mundo vive esses dois lados. O branco e o negro independente disso. Eles dois. É como se os dois tivessem o preconceito. O branco enxerga o negro como se ele fosse um marginal sem ele ser. Às vezes não é. Ninguém julga ninguém pela aparência. O branco já tem os preconceitos. O moreno se exclui também. Eu sou negro, então eu não vou me introsar.

— Eu entendo assim esse confeto. São duas faces. Ser marginal e ao mesmo tempo ser herói. Nós contemos muito essas duas faces com relação ao sistema que vivemos. Se um negro rico conquista, ele deixa de ser um marginal e passa a ser um herói.

— Eu já acho que na nossa sociedade são ambos. Porque o preconceito é construído desde criança, das séries iniciais. Do jeito que foi mostrado na palestra das bonecas negras da professora Fátima Vasconcelos no nosso percurso. As principais bonecas são as branquinhas, bonitinhas. São elas que têm os melhores namorados, as melhores festas. Tudo de melhor. Então uma criança que está em formação, sendo branca ou negra, vai pegar que valores? Estes que são demonstrados pela maioria. Vai se criar uma confusão entre as crianças. Então quem enxerga o problema do preconceito? Ninguém vai se achar preconceituoso. É por isso

que nós cearenses temos a mania de dizer que aqui não tem negro. Mas se a gente olhar ao redor tem muito mestiço além de ter negro, índio. Nós somos um povo diferente. Uma colega minha uma vez viu uma negra e a chamou de morena. O preconceito está na própria fala, pois negro não é moreno. Isso não é uma espécie de preconceito? O brasileiro tem medo de ter preconceito.

— As pessoas têm medo do ser negro morcego porque ele pode atacar! Como é essa coisa do negro morcego que pode atacar? (**ser negro morcego noturno** relato 16).

— Quando você vê um menininho negro descalço, você fica louco, com medo. Aquele preconceito. Achando que ele pode te fazer mal. O morcego tem aquele lado marginal. Acham ele perigoso, desconhecido, feio e é preto. Logo porque ele tem hábitos diferentes. Vive em caverna, lugar úmido.

— Meu comentário é que nós, como todo animal, temos a coisa de se defender. O morcego come frutas, mas a partir do momento que ele se sente ameaçado no seu habitat ele vai se defender. Dizer que o morcego vai atacar, isso tem preconceito. Dando um exemplo: A partir do momento em que seu patrão demonstra preconceito racial por você, o negro ataca. Ele vai à justiça e busca seus direitos como cidadão e como ser humano. Ele é bom, mas se ele se sentir inferiorizado ele vai buscar ser respeitado. Isso é a questão do atacar do negro morcego.

— Qual o sentido de discutir **a diferença** do negro, se o negro é diferente?

-É interessante fazer essa pergunta. É interessante discutir a diferença do negro, as particularidades dessa cultura negra, essa cultura afro descendente. Claro que ela se mistura, ela se torna mestiça. Por isso ela não deixa de ser negra. Não deixa de ter essa particularidade. Esse percurso para mim foi maravilhoso em termos de conhecimento, de novos dados, de descobertas. Inclusive descoberta tanto da cultura como de preconceito, meus, teus, nossos. Acho que foi muito válido em relação a isso. Então é interessante discutir a diferença racial ou a diferença étnica. Eu prefiro o termo étnico, mas tem gente do movimento negro que utiliza racial. Então a diferença de sexualidade, de opção religiosa é sempre válida. O que pode acontecer é essa diferença servir para continuar marginalizando, para continuar oprimindo, para continuar deixando de lado. Mas essas diferenças vêm para que os grupos se afirmem e também dialoguem e troquem. Se fosse todo mundo igual não teria dialogo nem conversa. Diálogo, a gente entende no contexto mais amplo tanto de conversa quanto de prática culturais e de política. E nós somos diferentes sim!

— Eu acho assim: a olho nu você vê fisicamente o negro. Ele é diferente do branco. Agora olhando outro lado, numa linguagem religiosa, todos são iguais perante a Deus. E

realmente em uma sociedade, eu acho que são iguais. Eles têm diferenças na parte física, parte da cor mesmo. Por que se você criar um negro e criar um branco qual vai ser a diferença dos direitos deles? Os direitos são iguais para todos. Agora, a sociedade com os seus preconceitos vai oprimindo a cor negra. Mas particularmente são diferentes pelo fato externo, socialmente eles são iguais.

— Eu já acho que cada um tem suas diferenças, porém a gente não pode usar a diferença para classificar os superiores e os inferiores. Existem as diferenças sim. Existem, mas isso não quer dizer que por ser diferente alguma coisa vai ser inferior à outra. Até mesmo a cultura. Ninguém vai dizer que uma cultura é melhor que a outra porque cultura é cultura. O negro tem sua cultura e o branco também. Só que a discriminação contra a cultura negra é devido a esses fatos históricos. Notasse que a diferença é comum na sociedade. Cada pessoa tem sua particularidade, seja pobre ou rica. Independente de cor também o preconceito é bem nítido, mas algumas pessoas resguardam, até com medo de mostrar aquilo. Então “o que é ser negro?” Essa pergunta gera muita polêmica. Gera coisa muito forte. Até agora não tem uma definição para “o que é ser branco”.

— Outras perguntas foram feitas, mas não em relação à pesquisa e sim com relação à Lei 10639/2003. Muitas dúvidas sobre o encaminhamento do conteúdo da parte curso do percurso. Sobre essas questões Sandra e Rebeca dividiram as respostas. Depois o grupo foi para a pousada de uma amiga dos sociopoetas e finalmente o encontro com Yemanjá.

— Já sei, aquele banho de mar maravilhoso.

— É, como nós vamos fazer agora.

Macu e eu corremos rumo ao mar. A água estava um pouco gelada, mas muito gostosa. Algum tempo de brincadeiras e banhos. Deitamos-nos perto da água e começamos a construir formas enquanto o erê me deixava informada sobre o segundo momento de contra-análise.

## **24. A tela multiconceitual volta à FACED**

— Dessa vez a contra-análise<sup>8</sup> foi na Faculdade de Educação, lá na UFC. Os co-pesquisadores leram os quatro estudos transversais: “Quem é o ser negro/a”, “Imagens da

---

<sup>8</sup> Utilizo diálogos na contra-análise da tela multiconceitual para efeito de estilo. Porém, após as leituras dos estudos transversais os co-pesquisadores/as escolheram os confetos que desejaram e escreveram seus comentários sobre os mesmos.

África”, “Viagens ao lugar do ser negro/a” e “Retratos da tela”. O encontro aconteceu assim:

Primeiramente foi discutido “Quem é o ser negro/a”.

— Dentro de toda a procura na análise, pode-se perceber que o ser negro não se determina a uma definição. Os conceitos **ser negro é cor**, **ser negro colorido** e **ser negro cor de pele** para mim não são completos. Eu acho que ser negro não é ter uma cor. Contudo por conta dessa cor ele torna-se marcante e diferenciado, pois todos possuem diferenças na cor, costumes e culturas. O (Novo confeto - **ser negro diferença na cor**).

— Mas o negro se destaca por sua luta extravasada, popular, civilizadora e libertária. Afinal, fazer parte da construção de diversos povos em muitos países não é para qualquer ser humano e sim para o ser negro (novo confeto - **ser negro luta extravasada**).

— Chamou-me muita atenção esse termo **ser negro brasileiro**. Eu acho que o brasileiro tem negritude. Está marcada no corpo negro, nos valores do ser pensante. Na identidade do amor e na afetividade. Todos esses corpos maduros, pensantes e questionadores revelam a inocência que o tempo conquistou através de tantas lutas.

— Eu tenho nas mãos uma poesia desse momento, Macu. A co-pesquisadora fez de improviso para expressar sua opinião sobre o confeto **ser negro discriminado/explorado**. Ela disse:

Ser negro

Presente passado (futuro)

Escravidão diferente de submissão

Força que permaneceu, perpetuou.

Manifesta-se pela cor?

Cores vivas, fortes.

— Uma outra co-pesquisadora filosofou depois de questionar se havia mesmo mudado depois do percurso. Ela colocou-se assim:

— Depois desse tempo ainda fica a interrogação: “E aí? O ser negro entrou em mim? Mas vem cá, ele já estava aqui, o que não estava era a coragem de vesti-lo, de vivê-lo. Quantas descobertas, quantas críticas que os de fora fazem quando eu me exponho como afrodescendente. Sei que não sou aceita assim. Sou branca ou parda para os outros. Minha própria família rejeita “entre si” os mais escuros, inclusive esses escuros são sim, os menos negros! Que vergonha

— Algumas falas sobre o direito de cada pessoa poder escolher seu pertencimento étnico e do papel da família apoiar. Mais uma vez a co-facilitadora coloca-se:

— É um vexame! Impossibilitar alguém ser potência, ser capacidade, ser! Hoje não é mais vergonha ser negro para mim. Até pela minha opção religiosa, acredito que esses traumas transcendem a nossa existência. Lembro da vivência dos sons com olhos vendados do percurso. Quanta dor há em se transformar em ser negro. Em lutar contra si mesmo e assumi-lo em você e não no outro Vesti-lo em mim. O ser negro hoje é raça é fogo é tudo de forte de vivo e de possível. (novo conceito – **ser negro raça e fogo**)

— É transcender a repressão da beleza de existir, sendo assim único, diferente, negros, negros sim

— Eu quero que se danem os maus conceitos, isso é que é belo. Isso é o que existe. Isso hoje está em mim aos poucos. Passo a passo... Resiste, toma conta, se assume em mim.

— Uma amiga co-pesquisadora escreveu uma outra poesia enquanto se discutia a questão do assumir-se negra. Ela leu em voz alta:

— No **ser negro só-produto**

Tem mesmo, morte, morto!

Gosto de sangue! Que ficou para trás!

Está no passado, não quer pertencer mais.

Nascer, nasci, apareci. Agora sim, eu nasci!

Sonhos, escolhas. Reconstrução. Isso reconstrução.

O meio, nascendo no meio. Meio.

Aquele meio que querem me jogar por ser negra.

— Na lama, no lixo. Na merda criada por outros que não são dignos nem para me limpar. Pois que seja. Desse meio saiu eu ( falavam do **ser negro achamegada**). Um diamante negro a brilhar. Eu nasço, sou mais forte e sabe por que? Porque renasci para ser, para existir, para transcender.

Saiu da lama dos maus conceitos que os outros me jogaram e renasço sem medo, sem vergonha de simplesmente ser. Sem dever explicações a ninguém para simplesmente ser negra

— Por ser, por saber ser, por crer em ser, por me dignificar em ser negra.

Negra de todo, negra por dentro.

Um dia negra.

— Mais uma co-pesquisadora participa, Zica. Dessa vez ela tocou nos conceitos lá dos retratos da tela.

— Dizemos que não temos preconceito, mas devido a nossa cultura, quando nos confrontamos com algo diferente, acabamos estranhando. Entramos em conflito e revelamos nossos preconceitos inconscientes. Estamos falando desse **ser negro lágrimas e manchas**.

**Ser negro cor da malícia** é muito mais que a cor. É cultura e conhecimento. É saber. É ser gente, ser humano é ser diferente. O que temos de igual são nossas próprias diferenças.

— O **ser negro pele marcada de honra e glória** é o ser que busca suas idéias e vence seus propósitos.

— Essa palavra **respreto** é muito curiosa. Imagino que respreto é o respeito respingado de preto.

— Eu já imaginei outra coisa. Veio na minha cabeça que é o ser negro digno de respeito.

— Pode ser também o lugar do ser negro onde todos os negros têm direitos e oportunidades para chegar ao topo. Onde eles ultrapassam os preconceitos para reconstruir sua história.

— Com relação a esse ser negro **nova história**?

— É o negro que sabe da sua história de luta contra a violência, escravidão e contra o racismo que perdura na sociedade.

— Eles lutam pelo seu direito de liberdade. Liberdade de fé cultura e tradição.

**O ser negro raízes** é o que faz parte de nossas ancestralidades. Somos pretos e felizes apesar do preconceito vivido por todos esses senhores que viam no negro o animal. Nós somos corpo, mente e alma.

— Yemanjá gosta dessa amizade entre Macu e eu. Ela sacode seu corpo e nos envolve. A Prainha do Canto Verde tem uma Yemanjá graciosa e bonita de se ver e banhar. É bom vir aqui para confetar.

PARTE VII  
RITUAL FILOSOFAL

**25. O Ser negro/ser negra no mundo *caosmico* da Esquizoanálise**

Toda a madrugada foi chuvosa e fria. Dormi encolhida na minha velha rede quadriculada com cheiro de roupa quarada recentemente. Dormia sossegadamente. Curtia o frio de início de inverno depois de longa temporada de calor intenso típico do sertão do Ceará. Contudo, antes do sol apontar detrás da cerca dos fundos de nossa pequena terra, senti alguém dar leves sacudidelas nos punhos da minha rede. Tentei ignorar, mas em seguida a voz de Macu rompe o silêncio bem aqui, ao pé do ouvido:

— Amiga Zica, é hora de filosofar sobre o ser negro! Vem!

Nem questioneei. Na ponta do pé estou tentando sair com cuidado para não acordar ninguém em casa. Macu me leva para a mata. Estamos caminhando há cerca de 20 minutos até que chegamos a um lugar muito pitoresco. Este que eu nem conhecia, apesar de ser acostumada a caminhar por toda aquela vastidão de terras. Árvores muito altas com caules tão grossos que somente cinco pessoas de mãos dadas poderiam abraça-las. Os pássaros anunciam a chegada do novo dia cantando e voando para aqui e para acolá. Alguns macacos pulam entre as árvores altas e procuram abrigos mais distantes. A terra ainda molhada da chuva da madrugada. Olho para cima na expectativa de saber se ainda vai chover, e como a copa das árvores muito próximas umas das outras limitavam nossa visão só percebi o céu Osanyin, ou seja, forrado de muitos tipos de folhas. Meu coração bate acelerado, estou nervosa. Macu percebe minha preocupação e ansiedade. Como se quisesse me tranquilizar, abre um sorriso lindo e sereno, mas sem parar de caminhar.

Agora vejo bem longe uma claridade. À medida que nos aproximamos percebo que se trata de uma grande fogueira num terreno aberto embaixo de árvores gigantescas. Ouço sons de atabaques. Vejo agora que perto da fogueira algumas pessoas dançam e conversam também. Gargalhadas, vozes e atabaques nos convidam para fazermos parte do grupo. Macu pára antes de sermos visto pelas pessoas e diz:

— Estão à nossa espera Zica.

— É uma festa?

Chegamos um pouco mais perto. Macu aponta para as pessoas e pergunta se reconheço alguém.

— Mas ali é Rebeca e Cláudia Robéria, Macu! Como isso é possível?

— Formaremos um grupo e iremos participar de um momento muito especial, o ritual filosófico da pesquisa do ser negro.

Dito isto, deixamos que nos vissem. Rebeca e Cláudia nos recebem com abraços calorosos. Em seguida sentamos ao redor da fogueira.

Rebeca abre o momento dizendo:

— Inicialmente gostaria de agradecer a vocês, meus amigos, por estarem contribuindo comigo na análise filosófica dessa pesquisa.

— O grupo criou um espaço filosófico (disse Cláudia) donde problematizou, conceituou e confetou seus próprios seres negros. Os co-pesquisadores/as tomaram o tema gerador, o que é ser negro como ponto de partida para primeiro, viajarem ao lugar do ser negro e pintarem a tela multiconceitual do tema. Depois autorizaram-se viajar na imaginação e sofrer a metamorfose de ser humano, para bicho do ser negro. Nesse momento enfrentaram os obstáculos de uma selva imaginária.

Macu toma a palavra:

— É importante esclarecer que a análise filosófica tem como objetivo proporcionar um diálogo entre os conceitos produzidos pelo grupo pesquisador sobre o tema ser negro, com o que dizem alguns autores/as que abordam essa questão.

Estávamos envolvidos o suficiente nas explicitações que Macu dá sobre o momento da análise filosófica para nos darmos conta da complexidade esquizofrênica que ocorria naquele instante. Todo o ser e toda a existência da filosofia convencional é agora realidade esquizo-analítica.

Por uma fração de segundos o chão me faltou. Macu percebeu a desordem, a desestrutura, minha angústia momentânea. A realidade toda ordenada, coordenada, alinhada, bem definida, representada não fazia mais sentido. A regularidade, tão predominante e geralmente almejada que esperamos e nos respaldamos no que se diz científico, não me serve.

Ser negro a partir do mundo sociopoético, sinto agora, é se desterritorializar. É ser nômade em realidades/dimensões *Caosmicas*.

Macu havia nos transportado para o mundo deleuziano. Minha consistência, meu ser, meu existir era agora o ser do devir, processo constante de mutação. A menina negra, antes única e universal é toda processo produtivo que se divide e também se multiplica constantemente.

Macu olha para mim e comenta:

— Não é fácil se desvencilhar dos mitos da ciência ocidental convencional, Zica. Esse tempo/espaço é caótico mesmo e exige algumas reflexões.

Macu adverte nossas amigas:

— Esse momento da angústia de Zica criou a possibilidade de agenciamento com uma sexta pessoa no nosso ritual filosofal. De uma das dobras dessa realidade *caosmica* vemos aproximar-se uma celebridade mundialmente conhecida, porém com atuação mais sistemática na América Latina. Psiquiatra, fundador da práxis clínica do Esquizodrama, estamos tendo o prazer de compartilhar nossa análise com o professor Gregório Baremlitt.

— Rebeca e Cláudia emudeceram, congelaram, mas logo convidam o professor a integrar o ritual e obviamente, contribuir com a discussão. Ele inicia sua participação comentando uma pergunta feita por Rebeca.

— Primeiro quero dizer do contentamento que é ter uma pessoa tão importante para a esquizoanálise<sup>9</sup> aqui entre nós. Gostaria que você comentasse um pouco esse sentimento de angústia da nossa amiga Zica. Ou seja, como é, a seu ver, lidar com essa ordem dentro de um espaço/movimento de desordem? (lembrando que não falo de ordem, como sinônimo de normatização). O que fazer com essa angústia que se sente diante da perda da segurança e da certeza dada pelo instituído?

— Em certas correntes psicanalíticas atuais, que têm uma enorme influência de Heidegger, de Kierkegaard, nós temos que a angústia é atribuída a uma característica essencial do sujeito psíquico. Quer dizer, das três teorias freudianas da angústia, a que predomina, nestas leituras, é a de que a angústia é uma espécie de percepção da ação da

---

<sup>9</sup> De acordo com Petit “A Esquizo-Análise parte da constatação que nas nossas sociedades modernas predomina a tendência a serializar e moldar os indivíduos, em todas as dimensões – não somente econômica, mas também social, tecnológica, semiótica, midiática, corporal, biológica, etc – e esses *agenciamentos maquínicos* representam interferências simultaneamente molares e moleculares, isto é, micro e macropolíticas pois, sendo imanentes, não há como separá-las. Apesar de todos os tipos de padronização que nos afetam, a própria diversidade dos agenciamentos que nos atravessam nos torna irredutíveis a uma classificação. Contraditoriamente, o que se percebe no dia a dia, é a negação dessas transversalidades, através da noção de identidade que caracteriza, categoriza, rotula e cristaliza.[...] A Esquizo-Análise refuta todo essencialismo pois acredita que a subjetividade é fabricada, produzida socialmente. Por isso propõe, ao invés da noção extremamente redutora de identidade, o conceito de *devi’r*. (2002:3).

pulsão de morte. Em Freud, encontramos uma primeira teoria da angústia que era produto do recalque, do impedimento de que a libido se realizasse em encontros criativos e prazerosos (1998: 25).

Cláudia aproveita a pausa na fala do professor e completa:

— A angústia seria assim, uma força interior necessária, inevitável para nos conduzir a um comportamento adequado.

Baremlitt diz que essas teorias freudianas sobre a angústia deixam entrever essa idéia, essa filosofia por trás e continua:

— Na concepção de Deleuze e Guattari, a angústia é produto da antiprodução, que o mundo do instituído e do organizado exerce sobre nossas forças físicas, psíquicas e sociais. Não há receita contra a angústia [...] Se essa angústia exprime um mal-estar perante a possibilidade da perda e da destruição de coisas que não nos fazem bem, a receita contra a angústia é o entusiasmo. [...] É a plena certeza de que o que está libidinalmente feito vai ser melhor, porque é novo (idem: 25).

Tomei a fala do convidado como dica. Agora faço um certo esforço para controlar meu mal-estar diante dessa realidade incerta e insegura, fluida, movediça...

— Durante a realização da pesquisa (disse Rebeca) senti em muitos momentos esse mal-estar transversalizado no grupo co-pesquisador. Esse ar angustiante, essa perda de equilíbrio na hora de conceituar o ser negro foi visível, principalmente nos primeiros passos da pesquisa. Talvez pelo fato dos co-pesquisadores/as, inicialmente ainda estarem muito territorializados/as, com as raízes fincadas demais na terra do ser negro instituído.

— Como co-facilitadora fiquei muito na espreita para capturar os acontecimentos de bastidores da pesquisa. (Cláudia) Com relação a esse enraizamento de alguns conceitos instituídos do grupo, devo dizer que desde o começo havia um sentimento de incômodo por parte de alguns co-pesquisadores/as. Os conceitos convencionais incomodavam. A visão binária do negro parecia não convencer. Só a boca falava. Só ela estava territorializada. Os corpos estavam entrando em outra vibração. Sentiam necessidade de revolução conceitual. Nesse momento algumas bocas descolam da terra segurança/ certeza. As raízes encrespam e a voz explode:

“Os traços parecem oscilar entre a criação livre e o desejo de “fazer bonito”, nos moldes de uma compreensão imediata. Se desenho uma casa, por exemplo, é uma casa e pronto. Se são árvores, quero dar uma idéia de beleza natural e ideal para o meu mundo. Nem sei. É interessante pensar sobre isso de dar significados. Nesse sentido, é possível perceber a preocupação em fazer-se compreender. Para isso, as palavras são utilizadas com grande frequência, como códigos comuns do universo que pinta. A idéia do ser negro expressada na tela, ainda surge confusa. [...] Tenho certo receio de que ainda exista uma falsa idéia de pintar tudo colorido e ter práticas monocromáticas, reacionárias” (Relato 15 da técnica da tela multiconceitual).

Ainda em outra produção escrita, um pequeno poema denuncia o medo do caos.

Do caos punge a ociosidade  
Os conflitos de uma era  
Que nos apaga  
Que nos engole

Cabeças perdidas  
Na luz escura  
Enterradas no chão sem cor.  
(Relato 32 da tema multiconceitual).

— Essa percepção, marcante nos dois relatos, (completa Rebeca) é uma idéia presente no confeto **ser negro dúvida**, uma vez que nesse conceito está impregnado o caos que se instalou no início da primeira técnica. Esse mesmo mal-estar que a Zica sentiu. Claro que depois o grupo realmente foi desterritorializado e migrou para o lugar do ser negro. No entanto esse momento inicial foi, de acordo com o confeto, uma confusão difícil que faz ter dúvida sobre a existência do negro. Esse ser negro dúvida é escondido pela máquina de invisibilização. Leio essa máquina como o sistema racista que insiste em nos convencer que vivemos numa democracia racial. Inclusive um outro relato reforça essa necessidade do sistema, também presente nesse momento da pesquisa, de negar o ser negro e o racismo que ele sofre.

“Mas o que eu realmente leio não é isso. Eu sinto que não é o verdadeiro, só porque a gente quer que seja, porque existe ainda muito preconceito, e o

painel retrata justamente isso: o que a gente quer que seja”( Relato 27 da tela multiconceitual).

(Macu) — O **ser negro lágrimas e manchas** também pode se agenciar com as idéias desse momento do ritual filosofal, haja vista que esse negro sugere a união étnica, a aparente imagem do lugar do negro como bonito e coeso. Porém tem a percepção de que esse mundo que o negro habita ainda está cheio de carga negativa. Nesse instante quem completa a idéia é o **ser negro filho do preconceito racial e social**. Aquele sujeito pobre que, apesar das aparências do mundo bonitinho, harmonioso, sabe muito bem das oportunidades diferenciadas para negros e para brancos que predominam na sociedade racista.

O ambiente está um pouco frio. Cláudia se aproxima da fogueira na intenção de se aquecer. O professor Baremlitt diz da satisfação de estar entre nós enquanto bebe um pouco de água num copo de barro. Olho para as labaredas do fogo que cortam o ar como línguas coloridas. Resolvo também beber um gole de água e com o olhar concentrado na fogueira, crio coragem e digo:

— Gostaria muito de entender melhor a esquizoanálise para conseguir relacionar melhor seus elementos com sociopoética nessa pesquisa sobre o ser negro.

Macu coça a cabeça, procurando lembrar algo e tenta animar o início da resposta:

Baremlitt levanta e resolve comentar a pergunta mais perto da fogueira, na tentativa de aquecer seu corpo. Explica que gostaria de apresentar um pouco da história da esquizoanálise, a partir do encontro de seus criadores.

— A esquizoanálise é um saber inventado por dois autores: Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Guattari foi um brilhante psicanalista [...] que escreveu sobre temas relacionados com a saúde mental, sobre psicanálise, sobre cinema, mas, fundamentalmente, sobre a concepção muito peculiar que tinha sobre a política e a economia, a ecologia e o panorama geral do mundo atual. Também foi jornalista e músico.

Gilles Deleuze [foi] autor de muitos livros, nos quais aborda, de uma maneira sempre original, a obra de vários filósofos clássicos, mas também escreveu sobre cinema, política, estética, literatura, pintura, música, história, etc.

O encontro desses dois autores data, prevalentemente, do famoso maio de 1968, na França. Em certo sentido se pode dizer que suas preocupações e interesses têm muito a ver com essa revolta. Que aspirava a levar, como os lemas da época sustentavam, “A

Imaginação ao Poder”, ou que postulava “Sejamos realistas, peçamos o impossível” (1998: 49).

— O encontro de Deleuze e Guattari (diz Cláudia) em minha opinião, foi um acontecimento explosivo e fundamental para a filosofia. O encontro/momento da criação da esquizoanálise

Baremlitte sorrir e continua:

— “Foi um milagre intelectual que é absolutamente insólito na História da Cultura”. [...] Essas duas cabeças libertárias engendraram uma obra muito maior do que a criação de uma filosofia, como muitos pensam. Esse encontro foi a criação de um conhecimento, um saber, que faz os dois, não devir um, mas devir muitos. Eu finalizaria minha explicitação, dizendo que a esquizoanálise é um saber que tem como objetivo a vida, no seu sentido mais amplo. É uma micropolítica que acompanha a ação analítica de Deleuze e Guattari. É uma leitura do mundo sobre o corte da linha de fuga que escapa à normatização. (1998: 15).

— A esquizoanálise é uma estrutura de pensamento particular. Exige muito desprendimento das estruturas de pensamentos convencionais. (Macu).

— (Baremlitt) É a obra de Deleuze e Guattari. Costumo dizer que é a porção mais extremista do Movimento Institucionalista (1998).

— Inclusive, Deleuze se refere ao pensamento (acrescenta Rebeca), como incessante criação de novos conteúdos, mas também é a criação incessante de novas maneiras do mesmo pensamento. Uma multiplicidade de pensares singulares, diferentes, originais, inéditos. Nesse sentido a sociopoética é uma ferramenta fundamental para o movimento de criação e recriação do pensamento original, ou do pensamento já existente visto de outras maneiras. A sociopoética é o movimento das estruturas acomodadas e empoeiradas. Quero dar o exemplo da técnica do bicho do ser negro que na linguagem esquizoanalítica poderia ser chamada de plano de imanência.

Macu franziu a testa e solicitou à Rebeca que explicasse um pouco esse conceito.

— Vejo a técnica como plano de imanência, porque concordo com Regina Schöpke quando diz que “um plano de imanência é um Uno-Todo”. Ela compreende os conceitos, como se fossem tribos que povoam a sua região. É como disse o próprio Deleuze, segundo Schöpke: “Esse plano é uma mesa, uma bandeja, uma taça. Ele não é um conceito nem o conceito de todos os conceitos; ele é o meio fluido onde os conceitos são construídos” (2004:140). Assim, as técnicas sociopoéticas são também planos de imanência. No caso dessa

pesquisa, as técnicas: o bicho do ser negro, bem como a tela multiconceitual são exemplos dessas estruturas-potências que comportam os conceitos.

— Sobre o conceito (alerta Cláudia), é importante apontar que, na esquizoanálise, trata-se de um incorporal, um tipo de acontecimento. É como se buscasse na coisa o seu acontecimento. Ele é uma multiplicidade (Schöpke, 2004: 140).

— O conceito **ser negro leopardo de garras**, (diz Rebeca) me chama muito atenção exatamente por sua dimensão incapturável, múltipla, dinâmica, ou seja, deleuziana, guattariana.. Ele traz o ser negro na pele manchada de leopardo. Revela que esse ser negro não tem manchas iguais. Essas manchas nunca são as mesmas. A co-pesquisadora explicita:

Eu imaginei uma comunidade onde cada leopardo tem uma textura. Cada um com uma mancha diferente. Cada um predominando diferente numa tonalidade. Que isso mostrasse que o ser diferente é ser, um ser. Então cada pessoa é um mundo, cada bicho é um ser, é um mundo. Então cada um deve ser respeitado dentro da sua diferença, na minha concepção de bicho e de ser. Existe sim diferença e é bonito ser diferente. Respeitar o que existe nessa diferença.

O professor Baremlitt toma em suas mãos os relatos da pesquisa e acrescenta:

— Esse conceito é muito oportuno para falar sobre o ser e o devir para Deleuze. Na história da Filosofia Ocidental o Ser é tido como estático, eterno, algo invariável, imóvel e idêntico. O ser é diverso do pensar. Na ontologia de Deleuze O SER É DEVIR. Segundo ele “O devir devém como repetição incessante, infinita e não totalizável da diferença. A essência das diferenças consiste em puras intensidades. Por sua posição nos mundos, sua composição interna proteiforme e seus limites externos difusos, o devir devém como multiplicidades. Pela condição única e irrepetível das diferenças, intensidades, multiplicidades, estas se expressam como singularidades” (BAREMBLITT, 1998:43).

— Em Mil Platôs (acrescenta Rebeca) Deleuze e Guattari explicitam que um devir

Não é uma correspondência de relações, mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação é, em última instância, uma identificação.[...] Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado. [...] O devir não produz outra coisa senão ele próprio. (1997:18).

Cláudia salienta após consultar o livro Mil Platôs 4:

— Outro trecho explica que o devir é também o rizoma e ainda; não é algo que emite nem tampouco identifica. Não é o regredir, mas também não há progressões. Devir é “verbo em toda sua consistência” (1997: 19).

— Há um devir animal ser negro leopardo de garras (disse meu amigo erê) a anunciar numa das linhas de fuga multicolor da pesquisa que o ser está mudando constantemente. Há um ser com multiplicidades diferentes de outras multiplicidades existentes. Esse ser que é devir “é a incessante produção do novo absoluto” (Baremblytt: 69).

Rebeca pede a palavra e decide ampliar o debate em torno do devir-animal:

— “O devir pode e deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal que se tornou” (Deleuze & Guattari, 1997), arremessou ao mundo um dia certo feiticeiro. É a matilha, a ninhada, as moléculas de lobos em bando a correrem fascinadas pelo encantamento da multiplicidade.

“Se o ser é devir, ele nunca se repete. O que se repete é a diferença absoluta” (Baremblytt, 1998: 88). Essa idéia me faz lembrar uma dobra do ser negro, um certo devir-animal, metamorfoseado em confeto **pássaro pensamento**, a nos falar: *o que temos de igual são as nossas diferenças* (relato 12, técnica do bicho).

Envolvemo-nos nessa aventura/pesquisa até encontrarmos uma esquina onde dobrar e finalmente poder viver devires-animais. Somos o bando home-mulher-bicho do ser negro-desejos- rizoma.

Macu chega perto do atabaque e batuca. Ele toca com uma alegria tão séria que parece chamar os orixás. O toque frenético me encanta profundamente. Noto que todos param e ficam a admirar o pequeno erê na ponta do pé descalço. Ele toca de olhos fechados... lindamente. Sinto que o orixá de Rebeca acaricia todo o seu ser com sua palha sagrada, sua presença-terra. Omolu veio saldar o ritual e fortalecer sua filha nesse momento de tanto desejo pulsante, criatividade e potencia filosófica.

Macu pede agô (licença, permissão em yorubá) ao dono da terra, Omolu, e pára de tocar sua evocação encantada. A divindade desaparece confundindo-se com a terra cheirosa e os troncos de árvores centenárias que guardam esse lugar tão esquisofrênico, instituinte.

Penso muito em tudo que está acontecendo durante esse acontecimento/evento. Vejo que o ser negro se transformou muitas vezes e de formas bastante diversa. O ser negro é devir porque é pura força de transformação. Ele nunca assume condições iguais de ser. Às vezes se assemelha, mas nunca são formas iguais. Lembro do **ser negro parda**. Esse devir é um estilo particularizado de expressar a forma de assumir a negritude. O fato de ser parda não diminui a

força-negra do ser. A pele clara não está em questão, uma vez que muitas pardas podem se sentir mais negras do que muitas africanas de pele negra.

O ser negro na tela multiconceitual se permitiu uma multiplicidade de devires. Esse ser que é devir transformou se, em algum momento da pesquisa, nos confetos **ser negro vestimenta**, **ser negro vivo** e **ser negro amarelo-verde-azul-branco-vermelho**. Nessa situação as multiplicidades apresentadas são criações singulares da vestimenta negra. Da visão do negro como o colorido. A alegria estampada nas estampas da roupa. As cores evidentes parecem denunciar um ser negro sempre em movimento de tão colorido.

Porém, outro conceito me veio. Acho que pela proximidade da divindade Omolu. As pessoas voltam para o grupo depois que Macu parou de tocar os atabaques. Resolvi compartilhar:

— Pessoal, Lembrei de um confeto da pesquisa muito interessante, o **ser negro preto-vermelho**. Essas são as cores do orixá EXU. Esse conceito expressa as características do negro como forte e marcante também características da divindade Exu. Macu já me contou mitos que dão conta de perceber algumas faces dessa potência sagrada. Um possível agenciamento que posso fazer agora desse devir do ser negro preto-vermelho com EXU é do mito que diz que certa vez

dois compadres que juraram eterna amizade conversavam animadamente. Ao ver tanta harmonia, Exu resolveu romper tamanha amizade. Colocou um chapéu de duas cores. Um lado vermelho e o outro preto e passou no meio dos dois. Ao vê-lo passar, um dos compadres disse:

— Olha, que chapéu preto engraçado este homem usa. E o outro respondeu:

— Este chapéu pode até ser engraçado, porém é vermelho.

— É vermelho.

A discussão chegou às tapas até que Exu, divertindo-se com a briga, levou o chapéu embora; quando os compadres perceberam o jogo no qual foram envolvidos, começaram a rir (SOARES, 2005: 20).

Costuma-se dizer que Exu é a dinâmica do universo africano. É a força que em tudo habita. Tem muitas faces, uma vez que sua característica mais marcante é o movimento em esferas.

Cláudia está grávida. Por muitas vezes a vejo acariciar a barriga e falar em voz baixa com seu bebê. Certo momento decide tomar a palavra.

(Cláudia) – Estava admirando minha barriga cheia por meu filho ou filha, não sei ainda. Fiquei fazendo a comparação do caos com o útero materno. Já li um pouco sobre o caos em Guattari. O momento de produção da pesquisa sociopoética é uma oficina caótica, onde os conceitos muito ou pouco diferentes podem acontecer, surgir, transitar na produção. É como o útero da mãe, o útero de Oxum, um ambiente-potência capaz de criar novas formas, novos fluxos de energia. Digo isso porque me dei conta de que alguns conceitos da pesquisa do ser negro possuem semelhanças com conceitos de uma outra pesquisa, também sociopoética, que posteriormente virou livro.

Refiro-me a “Uma pesquisa sociopoética – o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação” organizado pelo fundador da sociopoética, o filósofo Jacques Gauthier, Reinaldo Matias Fleuri, e Beleni Salette Grando (2001). Esse livro foi o produto de uma pesquisa realizada em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Jacques Gauthier foi o facilitador da pesquisa. Realizou a técnica das estátuas humanas, fundamentada no teatro do oprimido do teatrólogo Augusto Boal. Assim, os co-pesquisadores/as fizeram imagens representando o negro, o branco e o índio.

Alguns conceitos destas duas pesquisas sociopoéticas dialogam, senão vejamos:

***O negro como espiritualizado*** comporta a idéia do *arrebentando correntes* vinculado a luta, *a busca coletiva, mas com uma espera* (2001: 45).

Essa idéia do negro parece um dos conceitos da tela multiconceitual. Não resisto e interfiro:

– Esse negro lembra um aspecto do **ser negro escravidão** que não se deixou escravizar. Um escravizado não submisso ao sistema escravocrata. Apesar do ser negro escravidão ser visto por muitos como objeto, o massacrado, o que tem sua própria cultura.

– Um outro conceito da pesquisa do professor Jacques (falou concentrado Macu) é o ***negro é lindo, é ternura e guerreiro***. Essa idéia comporta o *ser acolhedor e a luta*. Bem como a dimensão do *guerreiro que tem no ventre a família toda*, assim como a ternura indicando a *solidariedade de classe*. Por último *a cultura, voltada à religiosidade* (2001:46). Esse ser negro se assemelha às imagens da África, formuladas na tela, a partir dos conceitos **África tadinha, África acolhedora e África luta**. A África vista como lugar do povo que sofre pela condição de colonizado, mas que sabe acolher o turista. Os africanos negros são vistos como o povo pacífico em alguns momentos, mas em outros, vistos com espírito de luta e sede de libertação. A África que luta representada pelo líder negro Nelson Mandela.

Rebeca levanta repentinamente, ginga o corpo como se estivesse jogando capoeira angola. Olha a amiga Cláudia (capoeirista), aproxima-se e com as mãos solicita que a amiga também levante. As duas jogam com os corpos, movimentaram-se entre os amigos sentados ao redor da fogueira. Rebeca dá um grito forte. Respira fundo, abre e fecha os olhos. Cláudia baila seu corpo com suavidade e elegância. As duas recitam e gingham o seguinte poema, se revezando estrofe a estrofe:

**— Há vida que dança além da travessia  
Bate tambor!**

Rebeca Alcântara

As águas do Atlântico continuavam lindas!  
Ao longe podíamos avistar nossa Terra  
Que aos poucos ficava só na lembrança  
Nosso povo comprimido, sacudido, rebolado.

Tantas vidas dizimadas  
Tantas lágrimas derramadas  
Tantos sonhos esfacelados.  
Bate tambor!

Em outro território aportamos  
Resistimos, cantamos, trabalhamos  
Construímos, inventamos, colonizamos  
Educamos, instituímos, amamos, morremos,  
Gingamos, arquitetamos, gozamos, quilombamos  
Vivemos...

Bate daqui, apanha de lá... mandingamos  
Abrimos com estratégia os portões das senzalas  
Conquistamos liberdade  
Do direito ao chão das senzalas  
Foi-nos imposto o direito ao chão das ruas.  
Capoeira.

De séculos de trabalho  
De importantes contribuições  
Para o crescimento da nação brasileira  
Recebemos, além de trapos  
Estigmas, racismo e preconceitos.  
Bate macumba!

Entre gingas e mandingas  
Fomos conquistando o direito a ter direito  
De movimento em movimento  
O negro em movimento  
Bate as portas do século XXI.  
Bate, bate mais!

Entre gingas e mandingas  
 Estamos construindo uma nação  
 Mais consciente de que também tem negritude  
 Estamos abrindo portas institucionais  
 E tendo acesso, lentamente,  
 A bens culturais e materiais.

Tenho ainda no imaginário social  
 A cara do escravo  
 Tenho ainda a cara do fracasso  
 Sou o estigma da cor  
 Olham pra mim com suspeitas  
 Na universidade só posso entrar  
 Pra limpar chão  
 É isso que cala no fundo da alma dele  
 Eurocêntrica, branca e racista.  
 Bate macumba!

As águas do Atlântico ainda continuam lindas  
 A história do povo negro  
 Permanece em constante transformação  
 É toda possibilidades  
 É um portal aberto.  
 Baaaate!

Que venha a nós tempos instituítes  
 Há um olhar diferente sobre o ser negro  
 Olhar curioso, mais respeitador,  
 Olhar de quem sai da ignorância  
 Sobre nossa história e lutas

Bate tambor!  
 Bate macumba!  
 Axé aos orixás!  
 Um salve a nossos ancestrais!  
 Que a África seja aqui sempre!  
 Bate tambor!

As águas do Atlântico ainda continuam lindas!  
 E para não esquecer de quem sou de quem somos,  
 Sempre exercito a máxima:  
 Danço, logo existo!  
 Bate macumba!  
 Bate tambor...  
 Bate mais!  
 Nossa negritude é a axé!  
 Axé!

— Fiz esse poema há algum tempo na intenção de expressar meus sentimentos com relação à palavra negritude. Acho necessário falarmos um pouco sobre esse tema e sua aproximação com essa pesquisa.

— Quando ouço este termo (comentou Baremlitt) me vem à mente a imagem de um dos expoentes do movimento da negritude, Léopold Sédhacq.

Não notei, mas fazia algum tempo Macu havia saído do círculo na fogueira. Quando percebo ele volta segurado pela mão por um homem negro muito sorridente. Ele veste roupas amarelas alegres. Fico me perguntando se é filho de Oxum (uma vez que esta é a cor desse orixá). Não disse seu nome, apenas o pseudônimo, “Tigre Negro”. Era um conceito que resumia toda aquela grandeza humilde e sábia. Todos o conheciam, porém Rebeca é a primeira a levantar-se e cumprimentar o novo membro de nosso ritual dizendo:

— É um enorme prazer estar com você nesse momento de tanta efervescência filosófica acerca do tema do ser negro. Sinto-me gratificada. Primeiro pela sua ascendência africana. Segundo pela dedicação de toda uma vida ao movimento negro e aos afrodescendentes de modo geral.

Cláudia e eu nos levantamos para abraçar calorosamente Tigre Negro e trocar com ele nossos axés. O homem sorridente e muito à vontade vai logo tirando uma brincadeira:

— Macu me contou que aqui estava acontecendo uma reunião de pretos. Onde tem preto reunido eu faço questão de estar, principalmente se for para falar de negritude e coisas similares.

Todos rimos juntos, estamos felizes e comemoramos o encontro. Ele é convidado a falar um pouquinho sobre o movimento da negritude. Todos já sentados comem pipocas (a comida de Omolu) enquanto Tigre Negro conversa:

— É importante deixar clara a polissemia que há nesse termo. É imprescindível ter cuidado quando lemos ou ouvimos a palavra negritude. Ela pode significar, por exemplo, o fato de se pertencer a raça negra; ou ainda, a raça denotando coletividade; reivindicação e consciência do negro civilizado; um estilo artístico; um estilo literário; e por último, mas não menos importante, a reunião de valores africanos.

A professora Doutora Zilá Bernd escreveu um pequeno livro sobre esse tema “O que é negritude” da coleção primeiros passos. Ela explicita que:

O movimento surgido por volta de 1934, em Paris, e que foi definido pelo poeta antilhano Aimé Césaire como “uma revolução na linguagem e na literatura que permitia reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo”, só foi batizado com o nome de negritude em 1939, quando ele é utilizado pela primeira vez em um trecho do poema *Cahier d'un retour au pays natal* de Césaire que se tornou a obra fundamental da negritude (Bernd, 1988:17).

A idéia foi de assumir a denominação negativa do termo negritude, por derivar de *nègre*, usado na França para ofender agressivamente o negro. Assumido o termo, agora a tarefa era a de reverter o sentido. O povo negro precisava ostentar o orgulho da negritude.

— Eu posso dizer então (diz Cláudia), que a negritude foi um movimento que tinha como um de seus objetivos valorizar a condição de ser negro. Enquanto o Ocidente olhava o negro com desprezo, o via como semi-bárbaro, esse movimento pretendia dizer que não, que a negritude era motivo de orgulho para o povo negro.

— Essa é uma das formas de se pensar a negritude.

Rebeca se adiantou para não perder o fio da meada e acrescentou:

— Vou capturar alguns conceitos produzidos na pesquisa do ser negro que se assemelham com esse aspecto do termo negritude. Vejam só:

O **ser negro sem igualdade** luta pelo fim do preconceito racial. Ele acha que sem o preconceito as pessoas terão mais amor em seus corações. Já o **ser negro normal** acredita que um dia com o fim do preconceito que há no mundo, ser negro vai ser normal. Quando isso acontecer a humanidade vai se dar conta de sua evolução. Coaduna-se também com esse objetivo do movimento da negritude o confeto **ser negro sol e luz**. É o ser negro movido pela esperança de transformação da sociedade racista. Ele acredita, tem esperança que um dia viveremos num mundo sem preconceito. Não acha normal um mundo preconceituoso, mas acha que tudo irá se normalizar. Outro conceito semelhante é o **ser negro valorização** que remete à consciência coletiva do valor do negro.

— O poeta senegalês (fala-nos Tigre Negro) Senghor deixou bem claro existir uma *alma negra*. Falava dessa alma negra como a psicologia do negro africano. Senghor acreditou nessa alma emotiva do negro em contraposição à racionalidade do branco. Essa alma do negro africano está carregada de valores negros, tais como a vida, a emoção e o amor.

Macu ouvia atentamente seu amigo. Ele o olhava com uma ternura alegre. Quando percebeu o fim da fala de seu amigo, correu com suas pernas finas e ao mesmo tempo ágeis, para perto dele. Ele achou a atitude do erê muito engraçada. Retribuiu a atenção do pequeno amigo com um tapinha nas costas. Macu tomou a vez de falar para si:

— Esse termo, *alma negra* de Senghor, tem relação com o **lugar do ser negro emoção-sentido**. É mais do que um local físico. Há uma concentração de emoções e sentimentos no âmbito individual e em nível da coletividade.

Rebeca afasta uma formiga insistente do seu ombro e colabora com o tema:

— Acho importante mencionar a dimensão crítica feita ao movimento da negritude. A própria Zilá Bernd (1988) diz que mesmo tendo ele sido muito importante pelo fato de incentivar o interesse pela diversidade cultural, bem como ter desmascarado o universalismo cultural dos dominadores, será questionado e repensado.

— O primeiro grande questionamento (completou Tigre negro) foi feito por Jean-Paul Sartre no texto “ Orfeu negro” . Sartre julga que a negritude teve um papel subversor (1988:37), para usar as palavras de Zilá. O ato de o negro assumir-se negro com orgulho foi um exercício de atirar de volta a pedra jogada pelo branco, ao chamá-lo de negro com desprezo.

— Esse assumir-se negro com orgulho (diz Rebeca) me fez lembrar a reflexão do devir animal **ser negro pássaro pensamento**. No momento em que se transformou em bicho do ser negro, ou seja, ao se perceber impregnado por sua negritude ele disse:

A transformação doeu muito, foi muito sofrida. [...] Mas quando eu incorporei o pássaro eu me senti muito segura de mim. É como se o pássaro tivesse [...] encontrado uma conscientização do que é realmente ser negro. Eu percebi quem eu era, quem eu sou. Eu percebi que eu era diferente ( Relato 12 da técnica do bicho).

— Uma outra crítica feita à negritude (ressaltou Cláudia) foi o de encerrar-se na consciência epidérmica e desprezar o maior problema do negro, a sua condição de oprimido. O fato de encobrir os verdadeiros problemas dos negros: fome, miséria, analfabetismo devido ao subdesenvolvimento econômico.

— Alguns seres negros da pesquisa revelaram concordância em relação a essa crítica. Esse é o caso, por exemplo, do **ser negro sofrimento-miséria**. Esse conceito retrata a impressão que muitos atores sociais têm da condição do negro. Creditam na miséria a responsabilidade pela condição desigual entre negros e brancos. Ao se depararem com o ser negro não conseguem ver outra coisa senão sofrimento e miséria.

— Apesar das críticas (complementa Tigre Negro) considero fundamental o principal lucro auferido ao movimento: a consciência na necessidade urgente e imediata de passar da condição de objeto para a de sujeito da sua própria História (Bernd, 1988:40). A pesquisa traz essa idéia no conceito **ser negro só-produto** que vê o povo negro impedido de mostrar, divulgar sua cultura. O conceito denuncia a opressão do sistema escravista criminoso que vê o negro só como produto, como se não tivessem a própria cultura.

Macu também viu ressonância dessa idéia em outro ser negro da pesquisa:

— O **ser negro nova história** sugere que o lugar do negro tem uma parte aonde ninguém vai por ser muito isolada. Esse lugar é a história do ser negro. Diz que desejou ir até lá, mas que foi impedido. Essa alusão, a meu ver, representa toda a opressão lançada ao povo negro devido às teorias do racismo clássico apoiadas na racionalidade universal do Ocidente. Esse confeto (presente também no relato 13 da tela) sugere a reviravolta no olhar do povo negro sobre si e sobre a sua história quando diz: ser negro é ainda uma nova história contada através da cor que é alegria e vida.

— É indiscutível (fala Rebeca) a contribuição do movimento pelo enaltecimento da negritude, porque ao consultarmos qualquer dicionário, sentimos a necessidade veemente de se enfatizar a visão positiva do ser negro. Exemplificando, o dicionário Aurélio eletrônico, o mais atualizado do mercado, traz as seguintes acepções do termo negro, a saber:

“(ê). [Do lat. nigrū.]

Adj.

1. De cor preta.
2. Diz-se dessa cor; preto: terno de cor negra.
3. Diz-se de indivíduo de etnia, ou raça negra.
4. Preto (6).
5. Sujo, encardido, preto: A criança está com as mãos negras.
6. Preto (3): As nuvens negras anunciavam tempestade.
7. Muito triste; lúgubre: "pensar [Casimiro de Abreu] que sua morte poderia

ocorrer em Lisboa .... o fazia mergulhar na mais negra infelicidade." (Carlos Drummond de Andrade, *Confissões de Minas*, p. 28).

8. Melancólico, funesto, lutuoso: Negro destino o esperava.
9. Maldito, sinistro: Em negra hora chegou ali aquele bandido.
10. Perverso, nefando: O negro crime abalou a cidade.

S. m.

11. Indivíduo de etnia, ou de raça negra.
12. P. ext. Escravo (4).
16. Bras. Gír. Homem, pessoa, indivíduo; nego (ê), neguinho: Há muito negro que não sabe o que é trabalhar.

u Trabalhar como um negro.

1. Trabalhar muito". (Aurélio Eletrônico: Versão 3.0).

Prevalece claramente a visão do negro como ruim, inferior e até maléfico. Na pesquisa alguns conceitos também vão nessa direção. Porém a grande maioria destes transgride. Passa a conter em si elementos que perpassam em outras direções, ou até em direções nunca antes associadas ao negro, ignorando desta forma, a quase unilateralidade do todo poderoso “Aurélio”.

Macu nos serve um suco de frutas em canecas de barro. Antes de bebermos, o menino agradece aos orixás pela bebida retirada da natureza. Todos dizem axé e bebem o delicioso e saudável líquido amarelo avermelhado. O vento que sopra agora é um vento Oyá. Os cabelos esvoaçam livres. As folhas levantam do solo, soltam dos galhos das árvores. Posso sentir aquela força em todo o lugar. O lugar do ser negro agora é movimento Oyá. É vitalidade e poder Osanyin. Ops! Uma intuição soprou como vento e folha! Estou plagiando a frase do guru da sociopoética. Lembrei agora! Uma das vezes em que pedi para Macu me ensinar sobre sociopoética, ele me apresentou um texto do professor Gauthier. Um trecho dizia bem assim: “O desejo vai e vem entre evento e acontecimento. É só isso, o desejo. Desculpe, uma intuição passou” (1999: 17). Achei esse trecho do texto muito revelador da pessoa do filósofo. Deve ser muito intuitivo, criativo. Lembrei do texto porque pensei no meu desejo de deixar revelar os muitos lugares do ser negro, como este que estou agora. Antes de viajar com Macu em busca do que é o ser negro, achava que se o negro tivesse lugar deveria ser aquele que pudesse ver. Apenas aquele à frente do próprio nariz.

O lugar do negro começou a se ampliar quando resolvi vencer meus medos e me aventurar. Subi com Macu e com cada co-pesquisador naquele balão colorido em busca de lugares que me dessem pistas dos muitos seres negros desterritorializados em mim. É como se me oferecesse para cada co-pesquisador gritando: Por favor, deixa que eu descubra onde habita esse ser negro transformação incessante, esse ser negro devir! Resolvi colocar o tema na roda de fogo:

— Estive viajando mais uma vez em alguns lugares do ser negro. Acho que seria muito interessante se dedicássemos uma parte do nosso ritual filosofal a esses lugares.

Rebeca concorda comigo e responde à provocação.

— Zica, você é mesmo uma figura filosófica muito especial! Tem toda razão. Há ainda muito a ser dito sobre esses confetos.

— Os confetos dos lugares do ser negro (diz Rebeca) têm muita relação com as reflexões de Muniz Sodré no livro “O terreiro e a cidade”. Sodré fala dos lugares da alegria:

[...] as culturas negras de um modo geral pagaram seu preço em termos de descaracterização e expropriação de muitas formas originais, mas isso fazia parte das mutações no interior do grupo, dos acertos ou das negociações implícitas na luta pela continuidade simbólica da diáspora. Mas havia ganhos “territoriais”, aproveitamento de interstícios, configurações como lugares interacionais no espaço da sociedade branca e como possibilidade de atuação da força, do axé (1988: 142).

— Alguns lugares do ser negro se apresentam na imaginação do grupo pesquisador num espaço-tempo ainda original, sem a descaracterização própria do colonialismo. Nessas condições a **aldeia natural** deixa entrever um habitat onde todas as pessoas são negras cultivam suas tradições, se tratam como iguais, dividindo tudo o que têm. Porém chega um tempo em que os habitantes são aprisionados. Desde então o lugar antes visto como o espaço da harmonia fica repleto de aflição. As pessoas são retiradas à força de seu lugar de origem. Nesse momento o lugar do ser negro passa a ser o espaço da opressão do sistema racista criminoso. Na pesquisa esse espaço é representado pelo lugar **embaixo-do-mercado-modelo**, lugar sujo, subterrâneo, lotado e sujeito ao olhar piedoso, cheio de pena pelo sofrimento causado aos escravizados.

O professor Baremlit troca algumas palavras com seu colega Tigre Negro, arriscando uma opinião acerca da pesquisa:

— Acho interessante alguns lugares do ser negro que sugerem ambientes naturais, principalmente do reino vegetal. Parece-me haver uma relação muito forte com o respeito à natureza. Vejo que as religiões de matriz africana são fundamentadas nessa ética ambiental de valorização e educação ecológica.

Tigre Negro — As plantas são fundamentais para os africanos, bem como para os afrodescendentes. O próprio Sodré (1988: 152) toca essa questão, já que estamos falando nele. Osanyin tem o mistério das plantas e, todo iniciado no candomblé sabe do cuidado que deve ter ao mexer com esse elemento da natureza. A pesquisa reflete essa valorização do espaço natural do negro, seja ele africano ou afrodescendente, em alguns conceitos. Quando o lugar do ser negro **é integrado em tudo** ele se configura numa enorme floresta de árvores muito longas, a luz que existe é só a solar, o que transmite muita paz. Mas há uma particularidade nesse lugar. Não há pessoas, o ser está presente em tudo. Noutro sentido há uma tradição nagô que diz assim: Abraçar a árvore e a tradição é a mesma coisa, um ato de reafirmação da ordem cósmica, onde todos os seres inter-relacionam-se numa parceria simbólica (idem: 153). Essa

tradição também se coaduna com o confeto lugar do ser integrado em tudo, uma vez que ambos remetem ao princípio da interação simultânea dos seres.

Subitamente me dei conta do inédito. A sociedade de controle não teve como armar nosso grupo com algumas de suas maquininhas de captura. Olho mais uma vez e confiro. Sem celulares nem gravadores. Incrível! Nenhuma câmera digital com altíssima capacidade de memória. Os rostos parecem até relaxados ante o desarmamento. Osanyin não convidou as instituições “deflagrada mente” controladoras. Nossos corpos flutuam com liberdade e tocam aqui e acolá em moléculas desejanter. Esse encontro de corpos-liberdade com partículas libidinais parece provocar no ambiente um ar transgressor, instituinte. É como se todos tivessem saído de uma jaula. Estão autorizados aqui e agora.

Nosso instante/ritual me fez comentar com os amigos a oficina do bicho do ser negro quando os co-pesquisadores experimentaram sensações próximas a que estamos sentindo agora. Seus corpos antes aprisionados por jaulas - máquinas de branqueamento - produtoras de impulsos racistas, agora libertos, vivem as possibilidades de metamorfose em devir-animal bicho do ser negro.

Mas não foi fácil para o grupo o processo de metamorfose. Em vários relatos, viver o devir animal ser negro representou muita dor e sofrimento. O devir **ser negro rato-pantera-escura** é revelador desse sentimento.

[...] no impasse da transformação, primeiro eu me rasguei como se fosse me tornar um rato. Mas do rato emergiu uma pantera escura, forte como o negro é. Aquilo foi gerando muito sofrimento, causando muita dor realmente. Todo o meu tecido ia se rompendo. Dali foi nascendo um outro ser [...] bem diferente do que eu era (Relato 15 técnica do bicho).

Quando Shara Adad (2006: 46) nos fala da condição dos corpos “*minados, capturados em seus desejos, por instituições de controle e de seqüestro, que endurecem linhas e territórios ... que formulam uma “fala única, homogeneizante”*”, quase posso viver as sensações reveladas pelo ser negro em seu devir **cobra liberdade** quando este consegui se libertar da máquina de corroer devires e diz:

O momento da transformação [...] foi doloroso. Eu estava deixando de ser gente [...] Eu tinha que largar tudo aquilo e passar a ser um outro bicho (Relato 22 do bicho do ser negro).

Contudo, depois que o grupo atravessou a barreira do medo e da falta de segurança, devido à destruição coletiva da máquina de branqueamento, os estudantes puderam experimentar seus devires ser negro e as sensações vindas com eles. O mesmo confeto **cobra liberdade** explica que a transformação, mesmo tendo sido dolorosa, era algo que ele precisava passar porque lhe conferia sensação de liberdade, que gostaria de ser assim na sua realidade, ou seja, ser um bicho do ser negro mais liberto.

Cláudia também lembrou de um possível agenciamento e pediu a fala:

— O confeto **ser negro leopardo de garras**, também exige reflexão sobre a sensação de liberdade na transformação em bicho do ser negro. Diz que estar com os olhos fechados propiciou “*liberdade maior de sair da responsabilidade de mostrar o que era e apenas ser*” (*Relato 13*). A oficina propiciou a possibilidade do rompimento das cristalizações estereotipadas nessa transformação vestida em pele de leopardo.

Tigre Negro — O confeto **ser negro macaco bicho forte** parece ter relação com o princípio de coletividade fundamental na ordem comunitária dos terreiros. O estar junto, viver os momentos litúrgicos da roça, fortalece o iniciado. O espírito comunitário é estrutural e dessa maneira se reverte em força, em axé. Esse confeto denota que o atravessar os obstáculos para a mutação em bicho do ser negro é também vencer o olhar desconfiado dos atores sociais em relação às religiões de matriz africana. O ser negro incorporado nesse devir ultrapassa os obstáculos e, a recompensa é o espírito comunitário, ou seja, o axé!

— Alguns devires do ser negro têm asas e voam. (diz Rebeca) O observador pouco atento pode não dar importância a esse voar animal do ser negro. Contudo a condição de voar pode possibilitar, devido ao fato de ter asas, a aceitação das diferenças, bem como a possibilidade de ir para qualquer lugar (**ser negro borboleta encanto**). As asas são instrumentos de ultrapassagem de obstáculos e de condições de se colocar acima destes obstáculos (**ser negro borboleta bela**). O negro sente-se livre e pode voar em todas as direções, sem limites (**ser negro águia-carcará**).

Muniz Sodré discute um pouco sobre a alegria do negro em seu livro o “Terreiro e a cidade”. Ele chama atenção para o fato de que modernamente a “alegria” designa “divertimento ou transbordamento pessoal pela risada, qualquer efeito de gratificação do ego”. Contudo, argumenta que o termo não é suficiente para dar conta do que deseja falar. Prossegui substituindo “alegria” por “alacridade” - derivada de alado (*alacer*) e próxima do sentido de sagrado (*sacer*). “Alacer tem a ver com a liberdade das asas (ala) no céu e com a gravidade e a permanência da terra” (1988:147). Os devires do ser negro com asas, parecem potencializados pela liberdade de poder “abrir-se sinestesticamente às coisas do mundo”. A

essa atitude Sodré denomina “alacridade”. A alegria do negro é como o bater de asas dos confetos acima citados. Não é qualquer alegria, é alacridade, um sentir.

Não se trata de qualquer “sentir”, mas de uma experiência radical, de uma comunicação original com o mundo, que se poderia chamar de “cós mica”, isto é, de um envolvimento emocional dado por uma totalidade sagrada de coisas e seres (Sodré: 1988: 148).

— Não posso deixar de falar do confeto **respreto** (salientou Macu). Parece-me uma intensidade completamente diferente. Esse confeto apareceu desenhado na tela multiconceitual. Não há muitas explicitações sobre o termo. Devo supor que é o respeito preto. Um preto de respeito?

Rebeca pediu permissão para explicar:

— Na oficina de contra-análise levantei esse questionamento e foram feitas algumas aproximações. Há quem diga que respreto é o respeito respingado de preto. Em outra direção é o ser negro digno de respeito. Por último respreto é o lugar do ser negro onde todos os negros têm direitos e oportunidades para chegar ao topo.

O silêncio grita ao *caosmos*. O espaço deleuziano é tomado por Osanyin. Macu o saúda:

— Euêê assa!

A energia do orixá chama o Omolu de Rebeca. A pesquisadora é puro devir- sagrado.

Muito ainda teria para ser dito. Porém, nada agora é mais importante do que estar com o dono da terra.

O ritual termina com nossa reverência a Omolu. Agradecemos a ele:

— Obrigada papai! Todos nós agradecemos por estarmos aqui com saúde e por termos sido envolvidos por esse espírito comunitário (axé), refletindo sobre os desdobramentos filosóficos acerca do ser negro nessa pesquisa.

— Atotô!!!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O rizoma<sup>10</sup>

Paralisados, atônitos! Completamente embriagados de pânico. O sorriso do abismo é largo e convidativo. Rasgamos impiedosamente a mata virgem de nós. Abrimos fendas em seu corpo intacto, como vermes a devorar desesperados os podres da carne inerte. Tocamos libidinosamente suas partes úmidas e prosseguimos friccionando, sem vergonha, a pele terra com nossos pés aventureiros. Ela nos atrai. Faz chamamentos sedutores, nos convida a continuar, devorando sua carne viscosa, suculenta e podre! E então a cena, o pânico, o sem saber como agir. Aceitar a delicadeza perversa do abismo, num mergulho insólito ou deixar nossos corpos negros serem consumidos pelo inevitável desespero dos acontecimentos? O gozo da natureza. Elemento a elemento. Todos eles aqui e agora gozam em resposta ao nosso aceite.

Devoramos e somos devorados. A carne da mata é comida e come-nos. Despreza a recusa, bebe nossa coragem de aventureiros/as e arrotta o maquinico enlace do encurralar-nos.

Os movimentos são vagarosos, mas impactantes. Aos poucos se enlaçam, desenlaçam, se entreolham e ignoram. Espreitam-nos. As peles soltam. Os corpos molhados, formas, tamanhos, aspectos, tudo num imenso bolo cheio de começos, fins, círculos, ondas... Cobras. São cobras deslizando-se umas sobre as outras<sup>11</sup>. Muitas. Tantas. Incontáveis. Basta só decidir: o abismo ou o bolo-animal rizofórmico?

As paredes duras de vidro fabricadas pelas instituições de controle nos deixavam relaxar. Comprimidos que estávamos, esquecíamos da necessidade embrionária de sentir pavor. Amassava-nos sem distinção. Éramos corpos negros... Só. Uma só massa, uma só negrada. A parede dura nos imobilizava. Éramos privados do movimento incontrolável de mutação do ser. Nossa unicidade implacavelmente ignorada. Então podíamos relaxar. Falta-nos agora a indiferença das paredes de vidro.

---

<sup>10</sup> Em *Mil Platôs* – Vol. 1 Gilles Deleuze e Félix Guattari dedicam muitas páginas à explicitação do conceito de rizoma. Dentro do emaranhado esquizoanalítico das idéias ali presentes, julguei algumas explicitações de fundamental importância nesse instante da escrita, a saber:

“Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos são rizomas. [...] Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são. Com todas suas funções de habitat, de provisão, de deslocamento, e evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificadas em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (1997: 15).

<sup>11</sup> “Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma. A batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama e o *capim-pe-de-galinha*” (idem: 15).

Natureza esquisita. Oferece-nos paredes de palha. Maleáveis, sem coordenadas subseqüentes, nem retas, ou formas angulares. Paredes de palha e sua maleabilidade nos assustam. Elas nos comprimem a ponto de nos deslocar, desequilibrar. Arrancam nossas raízes da terra segura das paredes de vidro e nos remetem àquela situação de agenciamentos e rupturas.

A coragem inventiva nos empurra ao porvir. Tomados pela simplicidade do verme que come a carne podre, nos deixamos capturar pelo bolo-animal. A delicadeza monstruosa do “estar entre” produz outros de nós, incontrolavelmente diferentes e unívocos.

A poesia maldita do mundo deleuziano derreteu, com seus fluxos sociopoéticos, nossos seres negros instituídos. Sobraram ainda alguns ossos, mas eles são necessários nos momentos de autópsia.

A beberagem sociopoética, nos permitiu o desconfiar das paredes concretas de vidro. O estar só e massificados nos tornava indiferentes à possibilidade do movimento. Então o levante. Os corpos negros compactados pelas paredes de vidro, derreteram, tornaram-se substâncias líquidas e capazes de migrar sob qualquer forma. Corpos negros nômades.

Então o estranho estar juntos, misturados. Impossível de distinguir o eu, tu, ele. Tornamo-nos o princípio da vontade de potência... Simples assim... Devires.

Ganhamos o mundo. Corremos todos os riscos. Passeamos em lugares onde o ser negro é mutante. Explodimos em confetos, uma vez que agora éramos todos possibilidades.

O bolo de cobra é rizoma<sup>12</sup>. Um rizoma animal nos envolve. Veio a agonia, o mal-estar e a angústia. Talvez fomos envenenados. Nossos corpos negros, todos potência mutantes, viram bichos. Foi necessário. Precisávamos da radicalidade complexa do bolo de cobras. Procuo meu corpo e não reconheço. A menina Zica também foi engolida. Talvez ali. Acho que sim... Zica, antes menina frágil e insegura, corre determinada numa das linhas de fuga que transversaliza o bolo de cobras. Macu, movido por um impulso segura minha mão. Sabe que o ser negro é também companheiro. É capaz de compartilhar cobra a cobra o mesmo rizoma. Outros de nós são os co-pesquisadores. Alguns ainda não sabem que não são mais os

---

<sup>12</sup> Um bolo de cobras, por ser um rizoma tem em si alguns princípios anunciados por Deleuze e Guattari (1997):  
 - Conexão: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro”;  
 - heterogeneidade: “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc. colocando em jogo não somente regimes de signos, mas também estatutos de estados de coisas”;  
 - multiplicidade: “é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo”;  
 - ruptura a-significante: “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar”. (1997).

mesmos. Mesmo envolvidos pelas peles viscosas do bolo de cobras vivem seus devires animais do ser negro sem muita consciência dos acontecimentos. Outros deixam seus corpos serem levados pelo movimento incessante das transformações. Vivem plenamente seus seres negros.

A experiência da beberagem sociopoética foi irreversível. Descobrimos que os lugares do ser negro são feitos de paredes de palha maleáveis. Somos agora mutantes e nômades. Bons amigos de Deleuze, Guattari e de Gauthier. A natureza também é nossa amiga, como nas tradições das culturas africanas.

Isto vivido, não tivemos escapatória. Passamos a ser um monstruoso rizoma capaz de destruir qualquer criatura cristalizadora do ser negro. Somos uma máquina de guerra inusitada.

Pronto. Terminou. Sofremos. Doeu a cada nova mutação. Às vezes é mais fácil recuar. Nós escolhemos prosseguir e nos tornamos sociopoeticamente capazes de entender o ser negro como multiplicidade. Sem cristalizações reducionistas.

Afora nos cabe o posicionamento à beira do abismo e o se deixar levar novamente pelo pânico. Mais uma vez a delicadeza do medonho sorriso insólito. Somos tragados.

A velocidade da queda nos separa<sup>13</sup> para nos unir mais uma vez no impacto com a terra. Será uma outra forma de metamorfose.

A natureza goza embriagada com nossa coragem aventureira de enfrentar o caos e o cosmos na tentativa de possibilitar novos agenciamentos ao ser negro. Ela foi camarada, nos enviou Macu. O erê fechou nossos olhos e dilatou as sensações dos nossos outros sentidos. Ele foi uma máquina de guerra nessa pesquisa-aventura. Ele é a sociopoética, uma máquina de fazer confetos.

---

<sup>13</sup> “Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma” (Deleuze & Guattari, 1997: 18).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **A filosofia sociopoética dos educadores sociais de rua, em Terezina/PI.** In: Entre Tantos: Diversidade na pesquisa educacional (Org.) José Gerardo Vasconcelos. Coleção Diálogos Intempestivos, 23. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

ADAD, Shara J.H.C.; PETIT, Sandra H. **Idéias sobre confetos e o diferencial da sociopoética.** Trabalho digitado. Fortaleza, 2007.

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra medo branco. Rio de Janeiro:** Paz e Terra, 1997.

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução a esquizoanálise.** In: Coleção Esquizoanálise e esquizodrama. Belo Horizonte: Biblioteca do instituto Félix Guatarri, 1998.

BARROS, R.M. **Negros do Trilho e as Perspectivas Educacionais.** Dissertação de Mestrado. Fortaleza. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 1995.

BERND, Zilé. **O que é negritude.** In: Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,** Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação, Brasília-DF. 2004.

CAMPOS, E. **Revelações das condições de vida dos cativos no Ceará.** Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Discurso do Presidente da República no lançamento do Programa de Ação Afirmativa no Ministério da Justiça.** Disponível em: <http://www.mj.gov.br>

CUNHA JR. Henrique: **Movimentos sociais de maioria afrodescendente e educação**. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org): **Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: Edicon, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v 1. Rio de janeiro: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v 4. Rio de janeiro: Editora 34, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI**. Editora Nova Fronteira Versão 3.0, 1999.

FLEURI, Reinaldo Matias; GAUTHIER, Jacques e GRANDO Beleni Salette (org). **Uma Pesquisa Sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: UFSC/NUP/CED/, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Ana Nery/UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é pesquisar: entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e cultura de resistência**. In: *Educação & Sociedade*, ano XX, N° 69, 1999.

GOMES, B. Barbosa. **Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade: O direito como instrumento de transformação social**. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 2001.

MUNANGA, K. **Estratégias e políticas de Combate à Discriminação Racial**. São Paulo: USP/Estação Ciência, 1996.

NASCIMENTO, Severina Ilsa do. **Repensando a EP no processo de metamorfose da sociedade global – novas problemáticas.** In: VORRABER, Marisa Costa (org). Educação popular hoje. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

NYAMIEN, Francy Rodrigues da Guia. **Ser negro nas vozes da escola.** Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira; UFC, Fortaleza, 1999.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Matizes imaginárias e arquetipais do Negro como mal no pensamento educacional do Ocidente.** Trabalho publicado no cd-rom da 26ª Reunião Anual da AMPED: Poço de Caldas, 2003.

PAIXÃO, Marcelo. [WWW.comciencia.br/reportagens/negros/12.shtml](http://WWW.comciencia.br/reportagens/negros/12.shtml). 2003.

PETIT, Sandra Haydeè. **Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa.** In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (organizadores): Registros de pesquisa na educação. Fortaleza: LCR – UFC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dos Produtos Paralelos de uma Pesquisa.** Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 13, n. 1, p.125-144, 2001.

QUEIROZ, Suely R. R. **Escravidão negra no Brasil.** São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **Escravidão negra em São Paulo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SANTOS, Gisele Aparecida dos. **A invenção do “ser negro” Um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ / Fapesc; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Joel Rufino. **A questão do negro na sala de aula.** São Paulo: Ática. 1990.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença – Gilles Deleuze, o filósofo nômade.** Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SOARES, Emanuel Luis Roque. **As vinte e uma faces de Exu, o senhor dos caminhos – Laroîê Exu.** In: Polifonias: vozes, olhares e registros na filosofia da educação. (Org.) José

Gerardo Vasconcelos, Andréa Pinheiro, Érica Atem. Coleção Diálogos Intempestivos, 23. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negra brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1988.